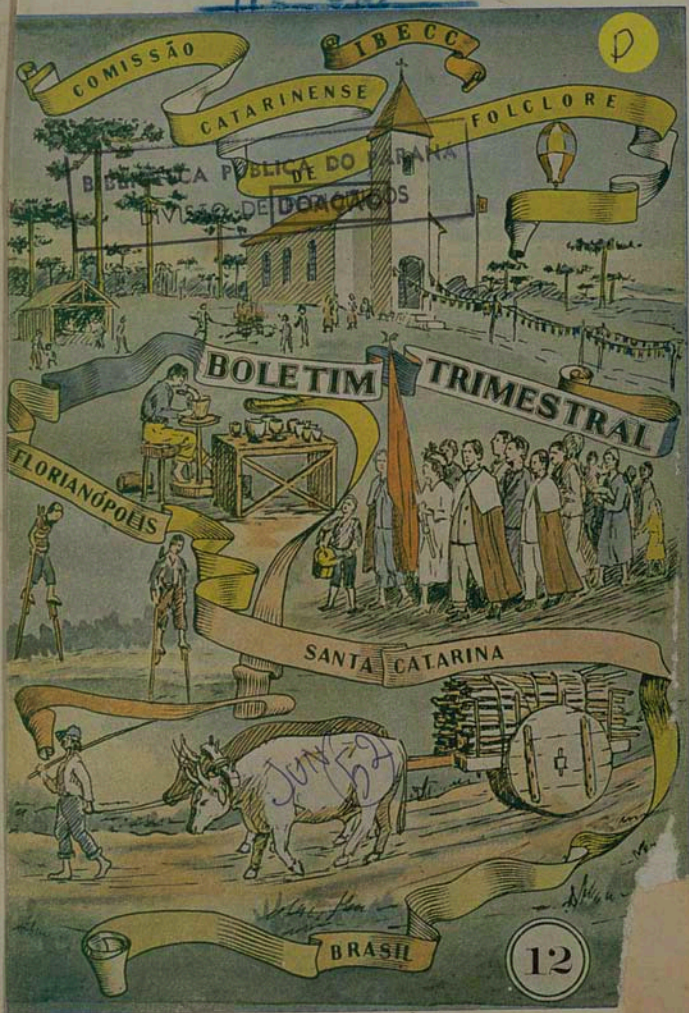
Nº 62



BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
DIVISÃO DE DOCUMENTOS

COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

Florianópolis – Sta. Catarina Brasil

BOLETIM TRIMESTRAL

Redação:
Oswaldo R. Cabral — Diretor
Walter F. Piazza — Redator

Endereço:
Rua Esteves Júnior, 138

—o—

C A P A
Desenho de Malinverni Filho
Letras de José Fernandes
Aquarela de W. Ráo
Tricromia da Livraria do Globo, de Pôrto Alegre

T E X T O
Trabalho gráfico da IMPRENSA OFICIAL DE SANTA CATARINA
Direção de Manoel Paes de Faria

Títulos de Péricles Silva

Clicherie de Doralécio Soares

T I R A G E M
MIL EXEMPLARES

Distribuição Gratuita

Aparece nos mêses de Março,
Junho,
Setembro e
Dezembro.

NÚMERO 12

O BOLETIM TRIMESTRAL

é enviado para todos os Estados do Brasil e para os seguintes países

PORTUGAL (Continente, Açores e Angola)
— EE. UNIDOS
— COLÔMBIA
— BOLÍVIA
— ARGENTINA
— URUGUAI
— PERÚ
— PÔRTO-RICO
— MÉXICO
— REP. DOMINICANA
— HAITÍ
— REP. DO SALVADOR
— PARAGUAI
— CHILE
— FRANÇA
— ESPANHA
— ALEMANHA
— ITÁLIA
— INGLATERRA

*

Circula em todos os Municípios do Estado de Santa Catarina

Nº 6 9

FLORIANÓPOLIS — SANTA CATARINA

ANO III | Junho de 1952 | N. 12

NESTE NÚMERO:

NOSSO FLOCLORE — Páginas

Achêgas para o folclore barriga-verde — Álvaro Tolentino de Souza 3
As plantas e o folclore — Carlos da Costa Pereira 8
Benzeduras usadas em Jaraguá do Sul — Jefferson D. de Paula 16
Terno-de-Reis em Araranguá — Cônego João Reitz 20
Cigarra, Cachimbo, Cigarro-de-palha e cerveja na sociedade teuto-brasileira — T. C. Jamundá 26
O Lobisomem — Walter F. Piazza 39
Cigarro-de-palha — João dos Santos Areão 53
Cantigas de roda nas escolas — Armando Carvalho 58
Antigos folguedos infantis de Santa Catarina — Oswaldo R. Cabral 58

FOLCLORE NACIONAL

Arcaismos portuguêses em nossa linguagem popular — Aluísio de Almeida 81
As árvores na antiguidade — Tassilo O. Spalding 93

FOLCLORE DE OUTRAS TERRAS

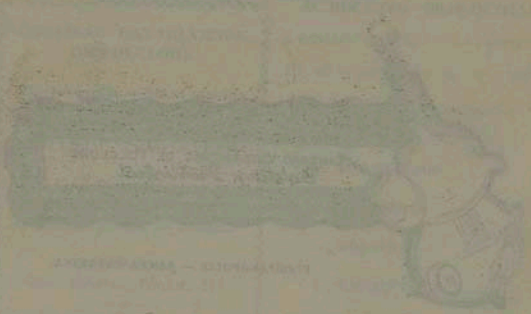
A Bela e o Monstro — Fernando de Castro Pires de Lima 101

NOTICIÁRIO 106

O QUE DIZEM DE NÓS 109

RECEBEMOS E AGRADECEMOS 110

OS ARTISTAS CATARINENSES E O FOLCLORE
"O capote" — carvão de Martinho de Haro
"O chimarrão" — óleo de Martinho de Haro



É permitida a transcrição de qualquer dos trabalhos contidos neste BOLETIM, desde que citados o Autor e a fonte.

ACHEGAS PARA O FOLCLORE BARRIGA-VERDE

Álvaro Tolentino

O meu velho amigo Ernesto João da Silva, residente em Capoeiras, talvês impressionado com a leitura dos "Sete Pares de França" entusiasmou-se com as disputas de Oliveiros com Ferrabraz, daí produzir as "Decimas do Vilela", que transcrevo sem alterar uma vírgula. Para os folcloristas é de algum valor o trabalho do amigo Ernesto, aonde fica constatada a veia poética dêste cabôclo modesto, pois a muito custo ofereceu-me êste trabalho e, ainda, a **"Décima do Capitão que veio da guerra".**

"A DECIMA DO VILELA"

Amigo presta atenção
Dum caso que eu vou contar
De um homem muito valente
Por vilas e capital
Foi descobrir ao governo
Imposto de Delegado
A quem prendesse o Vilela
Trouxesse nesta cidade
Homem que fosse pra ele
que fosse com muito cuidado.

*

Dirigiu-se um delegado
Tirou uma grande tropa
Aonde foi prender o Vilela
Em cima da Serra Grossa
O povo todo dizia
Que a força vai mas não volta.
O homem se preparou
Com a sua força marchou
Quando chegou adiante
Que a casa dele avistou.

*

Porta janela e terreiro
Tudo a força tomou
Sua casa está cercada
Com 180 praças
Se você não se entregar
Eu lhe cubro de fumaça.
Vigia seu Delegado
Quem está falando é só eu
Muito mais duro era o Lopes
Mas em campanhas perdeu.

*

Veja lá senhor Vilela
Que ainda hoje faz um ano
Minha tropa é de soldado
Não acompanha paisano.
Prepara rapasiada
Prepara, prepara bem
Prepara rapasiada
Prepara que o cabra aí vem.
Vilela se preparou
E saltou no seu terreiro.

*

Foi 180 praças
Corridas de marmeleiro
Só ficou seu delegado
Por ser um grande guerreiro.
Preparam-se esses dois homens
Parecia dois novilhos
Pegaram-se em ferro quente
Acabaram em ferro frio
Tornaram a pegar de novo
Um ligeiro outro sagasta .

*

A mausa do delegado
Até o pente tinia
Bala batia no Vilela
Voltava pra traz a zunir,
Faca vai navalha vem
O pobre do delegado
Pelo um pé se falseou
Tinha um cepo meio agudo
Caiu de costa e estrepou.

*
*

Vilela chega por traz
Lançou-lhe a mão e pegou
Sim senhor seu delegado
O que é que eu lhe dizia
Hoje chegou a sua hora
Hoje aqui chegou seu dia
Quero que vos se confesse
Despida da sua familia.
Bem sei que tenho mulher
Que todas são piedosas
Quando se acham ofendidas
Logo dão parte chorosa
Marido meu bom marido
Marido do coração
Se o homem não te fez mal
Não me mate homem, não.
Sái-te daí mulher ruim
Infinita te consoma
Vou morar lá na campanha
Vou morrer de sede e fome
Vou comer das ervas brava
Dquelas que o bicho comem.

O homem que mata cem
Também mata cento e um
Eu ainda não almocei
Com esse eu quebro o jejum.

(Ernesto João da Silva) 18-8-48

*
* *

"A DECIMA DO CAPITÃO QUE VEIO DA GUERRA"

Dizei-me seu Capitão
Dizei-me pela a toada
Se meu marido é vivo ou mortc
Ou se vem naquela armada.
Notícia do seu marido
Senhora eu não posso dar
Só se você me disser
Todos trages que elê andar.
Era o seu cavalo baio
Com a sua cela dourada.

*

Na ponta da sua espada
Um laço de fita encarnada.
Este homem eu vi morto
Com 400 facadas
Com 700 feridas
800 estucadas
A mais pequena que tinha
Era cabeça tirada.
De tres filhas que eu tenho
Dou-te uma a escolher

*

Pra me trazer ele aqui
Somente que eu quero ver.
Eu não quero suas filhas
Que elas são moças donzelas
São pertencentes a mim
Estou em lugar de pai delas
A palavra que me desse
Não me torne a repetir
Dá de redeas o teu cavalo
Vai-te por fora daqui.

*

Não dou de rédeas o cavalo
Nem me ponho fora daqui
Vigia se te alembra
Daquele anel que eu parti
Onde eu te der a metade
E a outra que eu trago aqui.
Traz de lá tua metade
Que é tempo de nós conferir
A minha filha mais velha
Venha logo derrepente.

Beija a mão do vosso pai
Vamos indo pela frente
ó minha filha do meio
Venhas por ves indicar
Beija a mão do vosso pai
Leve ele pra sentar
ó minha filha mais moça
Venha atender o chamado
Beija a mão do vosso pai
Chegue ele bem descançado
ó que alegria formosa
Deus me dê o Redentor
Que meu marido chegou vivo
Da guerra foi vencedor

(Ernesto João da Silva)

AS PLANTAS E O FOLCLORE

Carlos da Costa Pereira

O trabalho que se segue é de um estudo fitonímico e, portanto, não se destinava a uma revista especialmente dedicada a assuntos folclóricos. Como, porém, existam certas plantas, como a arruda, o manjericão e muitas outras, inclusive as duas referidas nestas notas, que ingressaram no folclore, e o citado estudo também entre nesses domínios, registrando os provérbios, as quadrinhas e as crendices populares alusivos aos mencionados vegetais, achamos não ser de todo descabida a sua inserção nas páginas dêste **Boletim.**

Mal-me-quer ou **Bem-me-quer**

Planta pertencente à família das Compósitas. Vem-lhe o nome da circunstância de, outrora, os namorados consultarem a flor, arrancando-lhe as pétalas, umas após outras, à medida que iam dizendo **bem-me-quer, mal-me-quer,** como Margarida na cena do jardim, segundo o diálogo do qual extraímos êste fragmento (1):

(1) Goethe, **Fausto**, tr. de Jenny Klabin Segall, ed. do Instituto Progresso Editorial S. A., São Paulo, p. 192.

.....

Margarida

Um momento!

(Colhe um bem-me-quer (2) e desfolha as pétalas uma a uma)

Fausto

Que é? Um ramo?

Margarida

Nada. É brincadeira.

Fausto

Como?

Margarida

Haveis de dar risada!

(Vai arrancando as pétalas e murmurando)

Fausto

Que dizes?

Margarida

(a meia voz)

Bem-me-quer... mal-me-quer...(3).

Fausto

Angélica alma de mulher!

---

(2) **Sternblume**, no original.
(3) **Er liebt mich — Liebt mich nicht**, no original.

Margarida

(continuando)

Bem-me-quer... mal-me-quer... me-quer...

(Desfolhando a última pétala, com júbilo encantador)

Bem me-quer!

Fausto

Sim, meu anjo, e te seja a sentença
Da flor celeste juizo. Bem te quer!
Compreendes o que significa? Bem te quer!

.....

O meio simples e ingênuo a que recorriam os namorados, na dúvida que os atormentava, era de uso generalizado nos países europeus. Na França existia uma "espécie de adivinhação" conhecida por — **a la franche marguerite**, em que o apaixonado ou a apaixonada, desfolhando uma margarida, ia dizendo ao mesmo tempo: **Il** ou **Elle m'aime, un peu, boucoup, passionnement, pas du tout.** E, certo, nessa prática se inspirou a delicada canção popular normanda citada por Littré (4):

Marguerite,
Fleur petite,
Rouge au bord, verte autour,
Dis le secret de mes amours.

Acêrca do **mal-me-quer** e seus dons divinatórios, o nosso folclore registra várias quadrinhas, dentre as quais reproduzimos estas duas, lamentando-se numa o destino da pobre flor, e queixando-se noutra o namorado da pouca sorte em seus últimos amores:

Coitado do **mal-me-quer**
Que não faz mal a ninguém;
E todos a desfolhá-lo
A ver se lhes querem bem!

---

(4) **Dict. de la langue française.**

Mal-me-queres, bem-me-queres
Tinha eu no meu jardim;
Bem-me-queres acabaram
Mal-me-queres não têm fim!

E ainda esta outra em que o bardo, apesar de seu ceptecismo, se sente ditoso quando a revelação lhe é favorável:

Sei muito bem que é mentira
O que o mal-me-quer me diz;
Mas se êle diz que me quer
Bem que me sinto feliz.

Vicente de Carvalho também se abeberou nessa adivinhação ao compor a poesia — **Primeira sombra** (5). É um diálogo. No espírito da amante surgira a dúvida quando consultava a flor, dúvida que a torturava, roubando-lhe a felicidade, por mais que o outro protestasse o seu grande amor:

— Mal-me-quer... bem-me-quer...
— Será preciso
Que uma flor assegure o que digo e tu vês?
O meu olhar, pousando em teu sorriso,
Mostra te que és amada e adivinha que o crês.

— Mal-me-quer... bem-me-quer...
— E, comovida,
Tremes, como esperando uma sentença atroz...
Supões que espalhe a noute em nossa vida
A sombra de uma flor perpassando entre nós?

— Mal-me-quer... Mal-me-quer... Desde ontem quando
Faltaste, adivinhei tudo que a flor me diz.
Tenho-te junto a mim e fito-te chorando;
Beijas-me ainda, e já não sou feliz.

.....

É de observar-se que a flor utilizada nessa usança popular, conquanto da mesma família, nem sempre era da mesma espécie. Segundo o texto original do drama de Goethe, a flor que Margarida desfolha é uma **Sternblume**, uma flor-estrêla, do gênero **Aster**, a "flor oracular" (Blumemwort), nas palavras de Fausto. Há, porém, na Alemanha outra flor à qual as louras apaixonadas germânicas também faziam a mesma consulta formulada à **Sternblume** pela des-

(5) **Poemas e Canções**, 9ª ed., pg. 260/261.

ditosa personagem do drama de Goethe. É a **Massliebe** ou **Masslieb-chen** (6), de **mass**, medida, e **liebe**, amor, — flor que em inglês se chama **daisy**, de **day**, dia, e **eyse**, ôlho, "ôlho do dia", ou o sol, pela suposta semelhança da flor com o astro; em francês, **marguerite** ou **petite marguerite**; e em português, **margaridinha**. A flor e planta assim denominadas em diferentes línguas, receberam em botânica o nome científico de **Bellis perennis**, sendo, aliás, **bellis, ides**, o nome da **margarida** em latim, conforme Plínio. Quanto ao nosso **mal-me-quer** também conhecido por **mal-me-queres, bem-me-queres, mal-me-quer dos jardins, bem-me-queres de todos os meses, verrucária** (7) e **calêndula das boticas**, ou o **souci** (8) dos franceses, a **marigold** (9) dos ingleses, a **caléndula** dos espanhóis e a **calendula** dos italianos, — tem o nome científico de **Calendula officinalis** (10).

Sob o título — **Experiências de amor**, Amadeu Amaral (11), além da maneira de os namorados verificarem se o seu amor é correspondido, utilizando-se de certas flores, inclusive o mal-me-quer, registra esta outra em que a flor é também uma compósita — a **Chaptalia tomentosa**: "Colha-se uma flor chamada **amor dos homens**, cuja corola é formada por tenuíssimos **pompons**, e sopre-se sôbre ela. Se permanecerem alguns fios do arminho fica-se sabendo que a amizade não é correspondida; se não ficar nenhuma, é porque o é. — Essa experiência não é tão brasileira como muita gente supõe. Na França sopra-se sôbre o amargão para saber quantos anos faltam para casar (Sébillot, **El Paganismo Contemporaneo**, p. 115). Embora os objetivos sejam diferentes, a experiência é a mesma".

Circunstância interessante é que a inflorescência do **mal-me-quer**, como a de tôdas as Compósitas, é em capítulos, ou, em outros têrmos — as flores acham-se inseridas num receptáculo comum, afigurando-se a uma "flor individual" o que, na realidade, é uma reunião de inúmeras flores pequenas (flósculos) — liguladas as marginais e tubulosas as do centro. As supostas pétalas são as corolas das flores liguladas, tendo elas "a função de aparêlho chamariz para atrair os insetos, podendo assim imitar pétalas duma flor individual" (12).

---

(6) Dim. de **Massliebe**.

(7) Do lat. **verrucaria**, de **verruca**, verruga. Assim denominaram a planta devido ao emprêgo que faziam do suco de suas fôlhas na extinção das verrugas.

(8) Do baixo lat. **solsequia**, propriamente "o que acompanha o sol" (**Dauzat, Dict. Etymologique**).

(9) De **Mary**, Maria, e **gold**, ouro.

(10) De **calendae**, calendas, primeiro dia de cada mês, entre os romanos. A planta assim foi denominada porque floresce todos os meses. — **Officinalis**, de **officina**, fábrica, laboratório. Denominam-se **plantas oficinais** as espécies empregadas em farmácia.

(11) **Tradições Populares**, São Paulo, 1948, p. 399.

(12) Aldrich R. Schultz, **Introdução ao estudo da Botânica Sistemática**, Ed. da Livraria do Glôbo, Pôrto Alegre 1939, p. 503.

ALECRIM

Do árabe **al-iklil**, a coroa (1). O seu nome em lat. era **rosmarinus** (de **ros**, orvalho, e **marinus**, marinho), de onde o esp. **rosmarino**, o it. **rosmarino**, o fr. **rosmarin**, e em nossa língua **rosmarinho**, e depois **rosmaninho**. Em botânica denomina-se **Rosmarinus officinalis.**

Atribui-lhe a crendice popular ocultas virtudes. Os feiticeiros e os curandeiros dêle se utilizam em suas mandingas e mezinhas. Na França e outros países do sul da Europa havia o costume de colocarem na mão dos mortos um ramo de alecrim, e também o plantavam nas sepulturas. E no Brasil — prática que talvez perdure no interior — aspergia-se o defunto com um raminho dessa planta. Raul Pompéia, referindo-se num folhetim da **Gazeta de Notícias**, do Rio (2), à morte de seu grande amigo Luis Gama, registra o seguinte, ocorrido antes do entêrro: "... Depois entraram sucessivamente amigos do finado, negros que êle libertara, vizinhos que o prezavam. Todos com **um raminho de alecrim** que havia por perto num copo, **respingavam água benta sôbre o cadáver**".

Em certas cerimônias religiosas, cobriam o pavimento das igrejas com ramos e fôlhas de alecrim. Gabriel Soares de Sousa (3) verificara na Bahia a existência de uma erva "a que os índios chamam **campuava**, que é mentrasto, nem mais nem menos que os da Espanha... e são tantos que **juncam com êles as igrejas pelas endoenças, em lugar de rosmaninhos**".

Para os ingleses, o alecrim significava fidelidade e atribuiam-lhe a virtude de manter a memória desperta. Assim é que Ofélia, na sua loucura, oferece a Laertes um ramo dessa planta a fim de que o irmão se lembre dela e do pai:"There's **rosemary**, that's for remembrance; pray love, remember..." (4).

(1) "... nome dado pelos árabes a vários arbustos e plantas, como seja IKLIL AL-MaLeK (corôa do rei), arbusto (...) que em cada extremidade de seus ramos sustenta uma coroa parecida com a metade de uma circunferência contendo sementes de côr amarelada". — Ragy Basile — Dic. Etim. dos Vocábulos Portugueses Derivados do Árabe, verbete Alecrim. — Cita o A. outras espécies.

(2) Apud Elói Pontes, in **A vida inquieta de Raul Pompéia**, 1935, pág. 99.

(3) **Tratado Descritivo do Brasil em 1587**, 3ª ed., pág. 239.

(4) Shakespeare, **Hamlet**, IV, V. — Em **Oeuvres Complètes de Shakespeare**, 9ª. ed., vol. I, pág. 243 encontra-se a seguinte nota do tradutor François Guizot: "A linguagem emblemática das flores estava em voga no tempo de Shakespeare e acompanhava de perto a fé supersticiosa no poder medicinal ou mágico das plantas. Ofélia dá a cada flor a que alude a significação de um acontecimento do drama ou do caráter conhecido da personagem, e faz a sua escolha com tanta presença de espírito e tanta propriedade, que desmentiria a sua loucura se algumas dessas alusões, pela justeza e pela indiscreta verdade, não revelassem que ela já não era senhora de sua palavra e de seus atos. O alecrim, sempre verde, era o emblema da fidelidade; usavam-no nos funerais

Na emblemática, quer êle dizer — "coração feliz", e na linguagem das flores — "sou feliz quando te vejo".

Dentre as Labiadas, cujos gêneros são constituidos, em sua maioria, de plantas odoríferas, como o manjericão, a alfazema, a mangerona, a hortelã, etc., goza o alecrim de especial carinho em meio da população simples do interior, e na paupérrima flora folclórica brasileira tem êle lugar assinalado, havendo Carlos Góis (5) colhido no Estado de Minas Gerais as seguintes quadras, em que figura o alecrim, dentre cêrca de oitenta em que se fazem alusão a plantas e flores:

Alecrim da beira d'água
Chora a terra em que nasceu;
Também eu ando chorando
O amor que já foi meu.

Alecrim da beira d'água,
Mangerona poço fundo;
A moça que quer casar
Não namora todo o mundo.

Alecrim verde apanhado
Não te seja enganador,
Pois não cabe no meu peito
Amar a quem me deixou.

Alecrim quer que eu porfie,
Eu não quero porfiar;
Eu também tenho o meu brilho,
Quem quiser vem procurar.

Alecrim verde e cheiroso
Na janela de meu bem;
Inda bem não me casei
Já me dão o parabem.

Alecrim é venenoso
Pelo bom cheiro que tem;
Se de ti tenho ciume
É porque te quero bem.

Alecrim verde arrancado
Encostado inda floresce.
— Quem eu quero não me quer,
Quem me quer não me merece.

---

e nos casamentos. No diálogo em verso entre a natureza e a fênix (1601), diz R. Chester: "Eis o alecrim: os árabes, médicos habilíssimos, dizem que êle revigora o cérebro e a memória". Por isso, Ofélia escolhera o alecrim para seu irmão a fim de que se lembrasse dela e de seu pai morto".

(5) **Mil Quadras Populares Brasileiras**, Rio, 1916, passim.

Alecrim verde cheiroso
Tem o cheiro diferente;
Êsse nosso doido amor
Dá combate a muita gente.

Alecrim da beira d'água,
Mangerona de outra banda;
Hei de amar o meu benzinho
Inda que haja demanda.

Eu tratei meu casamento
Debaixo do alecrim;
A moça me deu a tábua
— Bom p'r'ela, melhor p'ra mim.

Madei fazer um barquinho
De galhinhos de alecrim,
Para embarcar meu benzinho
Da horta para o jardim.

Sete fôlhas de alecrim
Tôdas sete com seu S;
De todos vancê se lembra,
Só de mim vancê se esquece.

Segundo um provérbio, "quem pelo alecrim passou e dêle não colheu, ou nunca teve amores ou dêle se esqueceu". Isso, outrora; hoje, sòmente pessoas consideradas de mau gôsto poderiam apreciar o alecrim, a não ser que lhe enfrascassem o perfume com o rótulo de **Rosemary**, fazendo-se com êle o que se fêz, sob o nome de **Lavândula**, com a alfazema, que as nossas bisavós tanto apreciavam, colocando-lhe os ramos odoríferos em seus arcazes de roupas brancas...

BENZEDURAS USADAS EM JARAGUÁ DO SUL

Jefferson Davis de Paula

Contra ferimentos, cortes

A benzedeira põe-se a fazer cruzes com um ramo verde sôbre a parte lesada, recitando a seguinte "oração":

"São Lucas e São Mateus
estavam em campos seus.
— São Lucas cortou-se
São Mateus benzeu;
aí disse:
— Sangue põe-te nas veias
como Jesus te viu nascer
— Sangue põe-te em teu lugar
como Jesus esteve no altar.
Êsse benzimento que seja aceito em nome de Deus
Pai, Filho e Espírito Santo"

Tais palavras são repetidas três vezes cada dia, sendo necessários três benzimentos.

Arca caída

Preliminarmente, a benzedeira, com regular interêsse e indisfarçável afetação, "examina" o paciente (criatura no seu dizer), preocupando-se — do que procurou nos convencer — com os seguintes sintomas do mal: febre, respiração ofegante, ás vezes vômitos, ventre crescido (meteorismo intestinal, flautulência) etc... Constatados estes, o diagnóstico seguro dependerá, todavia, do "encruzo", que consiste no seguinte: põe-se o paciente em decúbito dorsal e dobra-se-lhe a perna esquerda, procedendo-se de igual modo com o braço direito; conseguido, resta apenas fazer como que o cotovelo deste toque ao joelho daquela.

Se se tocam, não se trata de arca caída e nenhuma importância se dá áqueles sintomas... caso contrário, tem-se confirmado o mal e outro remédio não há senão êste benzimento:

"Deus quando andou no mundo,
de tudo Ele curou
— Ventre, espinhela, arca caída
Jesus levantou.
— Arca caída põe-te em teu lugar
como Jesus estás no altar.
Em nome de Deus e da Virgem Maria."

Bicho ruim (panarício)

"Bicho maldito que come e não louva a Deus,
seja prometido que de hoje em diante
seja caído sôbre o chão
onde Jesus benzeu como a sua bendita mão.
Em nome de Deus Pai, Filho, Espírito Santo".

Após o benzimento, que se repete três dias seguidamente, um Padre Nosso é oferecido a Deus.

Verrugas

"Berruga braba que seja benzida
a cabeça e o rabo.
— Que seja caída
sôbre o chão
desaparecendo do corpo dêsse cristão.
— Cafa nágua salgada aonde não faça mal a ninguem.
Em nome de Deus Pai, Filho e Espírito Santo".

Cada dia ter-se-á de repetir nove vezes essa "oração" e enterrar à margem do esgoto nove pedacinhos de toucinho. Três são os benzimentos, feitos, preferentemente, na minguante.

Bichas (vermes intestinais)

"A Santo Padre o primeiro capelão
de Nossa Senhora da Conceição,
peço que advirta a bicha
do corpo dêsse cristão.
— Que das 9 venham 8;
das 8 venham 7;
das 7 venham 6;
das 6 venham 5;
das 5 venham 4;
das 4 venham 3;
das 3 venham 2;
das 2 venham 1, para destruir o mal dessa criatura.
Em nome de Deus e da Virgem Maria".

Sendo três o número de benzimentos, a benzedeira repete, em cada um dêles, nove vezes esta "oração", recomendando, convicta(?), por julgar fatal para o paciente, que se não destrua, pela benzedura tôdas as "bichas", quando uma apenas deva ser poupada...

Quebranto

"Fulano, em nome de Deus eu te benzo de quebrante, de olho de inveja, de ambição, dos olhos ruins e ambiciosos.

— Que seja benzido em nome de Deus e da Virgem Maria.

— Há de ser aumentada a tua força, a tua sabedoria, a tua alegria no comer, no falar, no trabalhar.

— A Graça Divina há de te ajudar.

— Há de ser benzido de todos os perigos do mundo, assim como Jesus benzia. Em nome de Deus e da Virgem Maria".

Iniciados os benzimentos, a benzedeira "confia" o paciente à guarda e proteção de um santo de sua preferência, ao qual passa a oferecer, diariamente, no ato da benzeção, seja um Padre Nosso, uma Ave Maria ou Salve Rainha, etc.

Eczema — fogo brabo — fogage (males distintos)

"Há de ser benzidó
com a palavra da Santíssima Trindade

— Êsse mal há de ser caído
na água salgada aonde não sinta o galo cantar
nem o sino repicar
pela missa de hoje e a festa de natal.
— Há de ser benzido êste mal
com o nome de Deus Pai, Filho e Espírito Santo".

Íngua

O benzimento se faz, preferentemente, na minguante e numa estrela, das que a nossa informante julga "caminhar" para o ocaso, porque assim levará o mal...

"A íngua disse:
— Que mingua a estrela
e cresça a íngua.
A estrela disse:
— Verás tú e verás ela
— Cresça a estrela
e mingua a íngua. Em nome de Deus e da Virgem Maria".

A nossa informante tem por hábito, em todos êsses benzimentos, fazer cruzes com um raminho verde, isso sem se preocupar, entretanto, com a espécie vegetal.

* * *

O apego às crendices e surperstições, às benzeduras e mezinhas, ao feitiço ou "coisa feita", pela população local comum, aliás, a tôda zona colonial — ainda que nada de novo acrescente ao que há de pitoresco e absurdo notadamente pelo Brasil interior, oferece, entretanto, aos estudiosos da psicologia coletiva, aspectos e contribuições assás interessantes.

TERNO DE REIS EM ARARANGUÁ

Coletado pelo **Cônego João Reitz**

Vão alí, para o Dr. Osvaldo Cabral, algumas indicações sôbre Terno de Reis em Araranguá, que vão aproveitadas em meu ensaio de sociologia catarinense. Nestas indicações se poderá ver o que há de comum com os ternos de Reis no restante do Estado, e o que se diferencia.

Os ternos de reis começam ordinàriamente a 1º de janeiro, para terminarem na noite do dia 6, indo até a madrugada do outro dia, seguindo-se os de Santo Amaro até o dia 15 do mês.

O grupo se movimenta à noite e de casa em casa, repetindo em cada uma seu programa de versos, alguns mais ou menos fixos e outros improvisados para o momento, e em cada casa recebendo alguma cousa para comer ou beber por conta do dono da mesma que já se previne com bebidas e as vezes com galinhada.

Os versos ressoam pela ampliação da noite, que adquire algo de festivo, bem ao gôsto da mentalidade da população lusa. As vozes são em geral três e até quatro, sendo esta última em falsete muito elevado e forte, sobretudo nos estribilhos formidàvelmente cheios e impressionantes.

Em Araranguá um grupo simples ocupa pelo menos 4 pessoas,

mas costuma ter 6. Cantam em quatro vozes. A terceira já é alta, a quarta vai bem mais por alto, em falsete mais alto, até quase a voz de mulher, em forma gritada que reboa longe. Não costuma esta voz ser executada por mulher, como aliás, sucede em outras partes. Êstes dois últimos só cantam as repetições e se chamam **tipi** (esta a forma da mencionada expressão em Araranguá).

No sul, além dêste grupo essencial, vão ainda mais seis pessoas, com o **Boi de Mamão, Cavalinhos, Urubú, Urso, Doutor, Mascarado.** Êste acrécimo não é essencial no terno de reis mas completa com um quadro de diversões.

A orquestra é levada pelos cantores antes mencionados: violão, gaita, pandeiro e chocalho.

A turma do terno possue um chefe, que organiza o pessoal, e vai assim se caminhando alegre e um tanto desorganizadamente a primeira casa escolhida. Ajuntam-se diante da porta fechada, e enquanto o patrão escuta de dentro, deitado, o grupo vai soltando os versos.

1º

— Agora memo cheguemo, ai, ai..
Agora memo cheguemo,
— Na frente do seu terreiro
(repetem-se os três versos, desta vez com os tipi)

— Prá cantá e tirá verso, ai, ai...
Prá cantá e tirá verso,
— Peço licença primeiro, ai, ai.
(repetem-se com os tipi, como antes).

2º

— Santo Reis aquí chegou, ai, ai...
Santo Reis aquí chegou,
— Cansado de viajá, ai, ai
(repetem-se os três versos desta vez com os tipi)

— Os três magos do Oriente, ai, ai...
Os três magos do Oriente,
— Vieram lhe visitar, ai, ai.
(repetem-se com os tipi, como antes).

O cantor, ou os cantores prosseguem desenvolvendo o motivo abordado, especificando-o sempre mais, com alusões até ao patrão, à família, à luz que já se vai acendendo. Por exemplo, assim:

3º

— Senhora dona da casa, ai, ai...
Senhora dona da casa,
— Ramalhete enflorescido, ai, ai.
(repetem-se os três versos, com os tipi)

— Arreceba o Santo Reis, ai, ai...
Arreceba o Santo Reis,
— A par com o seu marido, ai, ai.
(repetem-se com os tipi, como antes).

4º

— Tão alegre cheguemo, ai, ai...
Tão alegre cheguemo,
— Nesta bela moradia, ai, ai.
(repetem-se os três versos com os tipi)

— Santo Reis lhe visita, ai, ai...
— Santo Reis lhe visita, ai ai...
— No seu verdadeiro dia, ai, ai.
(repete-se com os tipi como antes).

Emfim o cantor e os seus cantores auxiliares passam a pedir tam bém em verso que abram a porta e deixem entrar:

5º

— Pela fresta da parede, ai, ai...
Pela fresta da parede,
— Vimos a luz clarear, ai, ai
(repetem-se os três versos, com os tipi)

— Venha nos abrir a porta, ai, ai...
Venha nos abrir a porta,
— Mande o Santo Reis entrar, ai, ai...
(repetem-se com os três tipi, como antes).

Aparece o patrão da casa, abrindo a porta e convidando a entrar. Os seis cantores sobem, deixando os brinquedos ainda fora (pois em Araranguá se faz a seguir o enredo do boi de mamão). Os instrumentos alteram a toada e rompe o enfrentante um novo verso, tornando marcial e solene tôda a representação por causa do movimento dos cantores em marcha até ao meio da sala em vibração sonora.

O enfrentante atira os versos, e os demais respondem sempre pelo mesmo estribilho, prèviamente escolhido de um repertório já consagrado, por exemplo:

Meu lindo pé de roseira; — ou:
Minha jardineira; — ou:
Quero ver pegar fogo no canaviel; — ou:
Quero ver chininha da minha alma, peixe peixe no mar avoar.
Eis um enredo de versos, com o terceiro dos estribilhos:

1º

— Vamos, vamos finha gente, todos me acompanhando...
(Quero ver pegar fogo no canavial...)

2º

— Visitar nosso amigo — Que aquí está nos esperando...
(Quero ver pegar fogo no canavial).

3º

— Boa noite, meu Senhor — Agora mesmo cheguei...
(Quero ver pegar fogo no canavial).

4º

— Vim visitar um amigo — Que nesta casa avisei...
(Quero ver pegar fogo no canavial).

5º

— Amigo dono da casa — Você vai me desculpar...
(Quero ver pegar fogo no canavial).

6º

— Quero que você me diga — O que tem para nos dar...
(Quero ver pegar fogo no canavial).

Os versos podem continuar indefinidamente, e tem por objetivo chegar à obtenção de alguma cousa para tomar e comer, que os próprios versos vão muito realísticamente sugerindo, falando de cachacinha, concertada (cachaça quente), bugia (cachaça fervida com agua e temperos) e as vezes até galinha, até que o dono da ca-

sa se resolva a atender, findando tudo em grande alegria e hospitalidade, divertimento e familiaridade.

Quando se usa acrescentar os brinquedos, interrompe-se a comilança e com novos versos se pede licença para introduzí-los, principiando então novo enredo em outros tons e ritmos. Mas, se isto não se fizer, e o terno consistir apenas nos versos dirigidos à memória dos **Santo Reis**, os versos depois da comilança, serão de despedida e agradecimento, voltando ao ritmo da hora da chegada:

1º

— Santo Reis lhe agradece, ai, ai...
Santo Reis lhe agradece,
— É hora de viajar, ai, ai...
(repetem-se os três versos, com os tipi)
— Convido o dono da casa, ai, ai...
Convido o dono da casa,
— Para nos acompanhá, ai, ai...
(repetem-se com os três tipi, como antes)

2º

— Meu senhor dono da Casa, ai, ai...
Meu senhor dono da casa,
— Sua senhora também, ai, ai...
(repetem-se os três versos, com os tipi)
— Santo Reis lhe agradece, ai, ai...
Santo Reis lhe agradece,
— Vai embora para Belém, ai, ai...
repetem-se com os três tipi, como antes).

(São versos colhidos a 6 de janeiro de 1951, em Retiro, do distrito de Sombrio, Município de Araranguá, com André Joaquim Pereira e companheiros).

Em Retiro mandei representar ao vivo o terno de reis, menos com os brinquedos, para poder conhecer o modo exato como se executava em Araranguá. Como eu figurasse na qualidade de patrão da casa, para pagar a cerveja e recebê-los, fizeram ainda uns versos muito pessoais que indicam a espontaneidade destas agrupamentos divertidos:

1º

— Santo Reis aquí chegou, ai, ai...
Santo Reis aquí chegou.
— Para atender seu pedido, ai, ai. (repetições).
— Viemos lhe visitar, ai, ai...
Viemos lhe visitar.
— Que o tempo está vencido, ai, ai... (repetições).

Na entrada solene, depois de lhes abrir a porta:

1). Reverendo dá licença
(Meu lindo pé de roseira).
2). Este terno vai entrando.
(Meu lindo pé de roseira).
3). Vim atender seu pedido
(Meu lindo pé de roseira).
4).O dia dos Reis estamos festejando
(Meu lindo pé de roseira).
5).O Senhor Padre nos desculpa,
(Meu lindo pé de roseira).
6). Nossa pouca competência
(Meu lindo pé de roseira).
7). Os erros que nós fizer, o Senhor tenha paciência,
(Meu lindo pé de roseira).
8). Aceite nossa canção
(Meu lindo pé de roseira).
9). Em louvor aos Santo Reis
(Meu lindo pé de roseira).

Os versos foram indo, até que me fizeram pagar a cervejada.

O terno de Santo Amaro é menos frequente. Conhece-se no interior de Araranguá e me diziam uns velhos dalí que chegou alí com uma família proveniente de Santo Amaro, do município de Palhoça.

CIGARRA, CACHIMBO, CIGARRO-DE-PALHA E CERVEJA NA SOCIEDADE TEUTO-BRASILEIRA

T. C. Jamundá

BESOURO DE NATAL

"WEIHNACHTSKÄFER"

A cigarra que canta durante o verão é figura central de lenda infantil. — Quando os preparativos natalinos tomam vulto ponderável, as mães valem-se do estrídulo do hemíptero e fazem a lenda. A finalidade é conseguir disciplina dos seus peraltas. E' criação autêntica do teuto-brasileiro, pois na Alemanha durante o Natal não existe besouros e muito menos a nossa cigarra que é dos trópicos e de terras da Europa meridional. Em besouros na Alemanha o notório chama-se "MAIKÄFER" ao pé da letra: besouro-de-maio, que é um grande inimigo das plantações.

"Weihnachtskäfer" é vocábulo do folclore do teuto-brasileiro, perfeitamente ajustado numa lenda bonita e curta, porém, com significação profunda. Sua tradução ao pé da letra é: Besouro-de-Natal porém assim nunca é chamado. "Weihnachtskäfer" ou Cigarra. O estrí-

dulo melódico silvestre empresta colorido à presença dêste auxiliar de Papai-Noel. Como acham no misticismo bem do gôsto germânico: a cigarra lembra a proximidade do Natal, e para a petizada traquina ela trabalha para Papai-Noel ou seja São Nicolau que, entre nós é comumente "NICOLAU" e "WEIHNACHTSMANN", nas áreas urbanas tem o primeiro nome e nas rurais, mais fechadas aos contatos sociais com outros meios, é conhecido com o segundo. O trabalho da cigarra é anotar peraltices e dá-las para o Papai-Noel, que, por sua vez, pune os traquinas não dando presentes-de-Natal.

O solene momento quando a árvore-de-Natal é acesa o Papai-Noel entra com seu saco de estopa, suas roupas usadas, sua barba tradicionalizada e voz falseada. Se Papai-Noel não pode chegar até a casa que tem uma árvore acesa as clássicas velinhas coloridas já deixou os presentes em seus lugares. O momento do acender do pinheiro-de-Natal, que é a árvore popularmente usada, reveste-se de misticismo emotivo e feliz. Mesmo os que passaram dos trinta são empolgados pelo sentimento da consagração da natividade e vão também verem o que foi deixado pelo Papai-Nonel ou receberem de mão própria. Do anção ao traquinas ainda fóra da idade escolar o momento prende. Chamam a hora de receber o que está sôb às luzes da árvore-de-Natal num só vocábulo: "WEINACHTSBESCHERUNG".

Como diziamos, anteriomente, a Cigarra conta a Papai-Noel as diabruras dos meninos traquinas. Como elas os traquinas sabem que correm o risco de não receberem o que encomendaram, na época das cigarras fiscais do velho que é dono de tôdas as fábricas de brinquedos do Universo, portam-se como meninos que não põem milho em anzol para pescar pintos. Se o peralta açula seu cachorro para fazer os gansos voarem ou corta os bigodes do gato, a mãe lembra-lhe que a cigarra irá contar ao Papai-Noel. Assim conseguem tréguas durante os mêses e dias antecedentes do Natal, as mães teuto-brasileiras.

Não é difícil ouvir-se antes do Natal de uma mãe para o seu traquinas: "WEIHNACHTSKÄFER" vai contar para "NICOLAU"... e êle não te traz presente... O peralta sai bisonho observando donde vem o estrídulo da cigarra e por minutos suspende as traquinagens. Assim o estrídulo das cigarras que no verão infestam as árvores, entram na organização das comemorações do Natal na sociedade teuto-brasileira.

Nas localidades mais isoladas, o processo aculturativo mais lento permite a presença dos vocábulos: "WEIHNACHTSBAUN" que vem a ser Arvore-de-Natal; "WEIHNACHTEN" mesmo que Natal, e nestas Papai-Noel ou "São Nicolau" tem o cartão de visita no original "WEIHNACHTSMANN".

Senhora residente na área urbana, certa vez ralhou com seu peralta de alta categoria, peralta titulado, perguntador, curioso, levado;

ralhou ameaçando de mandar a cigarra contar para Papai-Noel as peraltices do dia. No momento uma cigarra rompeu seu estrídulo. O traquinas que sabia do papel da cigarra no trabalho de informação ao Papai-Noel ficou imóvel, visivelmente, arrependido aquietou-se de modo tal que sua mãe apiedada do susto procurou reanima-lo e mandou que êle fôsse enxotar os passarinhos da figueira. Não custou muito e o peralta voltou com autêntica ("Weihnachtskäfer") cigarra esborrachada por uma pedrada... Alegando que o besouro tambem furava figos.

E não sabia que era um dos muitos informadores de Papai-Noel que ele havia apedrejado... nem lhe disseram.

O mais belo nesta lenda é que mesmo quando a criança consegue identificar "Weihnachtskäfer" como a simples cigarra e seu papel na ilusão infantil de Papai-Noel, não renega nem o esquece como o Besouro-de-Natal. Fica a historia como lembrança grata dos tempos da inocência; fica no rol das coisas que lembram os preparativos da festa natalina; fica com a saudade dos primeiros presentes, dos primeiros sustos sob os olhos e barbas do Papai-Noel; fica nestes restos de misticismo como pano de fundo para o pinheiro iluminando de velinhas multicores, com frutas, sinos e animais coloridos. Até ficam mais lendárias por viverem a estridular, ficam ligadas a dias de sol, árvores mais verdes, flamboyant florido, chorões caricioso, uma das grandes festas da cultura germânica e às esperanças com o ano novo. Preferem chama-la "Weihnachtskäfer" pelo sabor lendário, como de terras distantes e de séculos remotos. Embora seja da imaginação do teuto-brasileiro no espontâneo da organização do seu folclore.

O CACHIMBO E A CULTURA DO SEU DONO

Parece ingenuidade encontrar no formato do cachimbo a caracterização da cultura do seu fumante e dono. Contudo é facil concluir que o formato do cachimbo do teuto-brasileiro não é o mesmo do ítalo-brasileiro. Êste elemento que parece fraco tem valor diferenciativo aquí nas terras do Vale do Itajaí. Levantamos pesquisa em vários grupos de zonas rurais, colhemos as fotografias que ilustram e concluimos pela afirmativa: o cachimbo do teuto-brasileiro (fig. n. 1) é de formato diferente do cachimbo do ítalo-brasileiro (figs. ns. 2 e 3). Tambem não escontramos ítalo-brasileiro das áreas culturais que pesquisamos usando o cachimbo encontradiço com o teuto-brasileiro. Porém verificamos que o teuto e o ítalo, brasileiros, quando aculturados perdem este traço diferenciativo. Um ítalo-brasileiro nascido em Nova-Trento, em ocupação marginal na Vila de Ascurra, fumava cachimbo de formato usado pelos teutos-brasileiros (fig. n. 4); foi o único que encontramos e mesmo assim não pertencia aos grupos to-

mados para o nosso trabalho. O formato de cachimbo é elemento diferenciativo das culturas aludidas. E' notado até, popularmente, que os tipos que usam cachimbos como os das figs. ns. 2 e 3 são, grosseiramente, tratados como italianos, embora não o sejam. O cachimbo é uma lembrança de outros que vieram com os donos nas levas provindas do Tirol, ainda no domínio político da Austria. Tivemos oportunidade de ver Miguel Poffo, ancião da familia de pioneiros povoadores de Ascurra (Indaial, S. C.) com belo exemplar de cachimbo de louça fumando com orgulho.

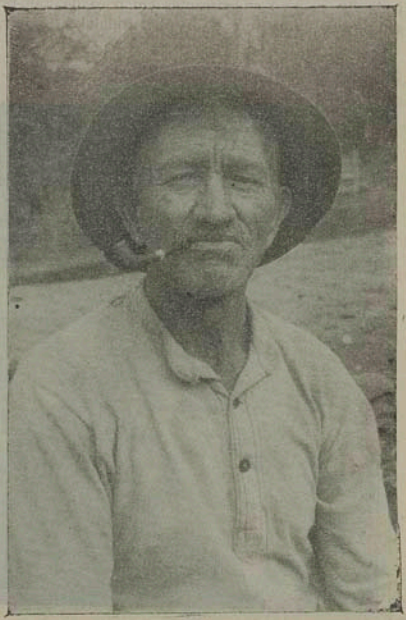


Fig. n. 1 — Alvin Schneider, pioneiro do povoamento de Encano, Indaial, SC. Foto do autor

Certa vez, presenteamos um teuto-brasileiro (H. H.) residente e domiciliado em Ascurra, um cachimbo semelhante ao da fig. n. 2. notamos que não havia se interessado pelo presente e tambem nunca o vimos a fumar nêle; por isso indagamos para obter a resposta que, era muito pesado, dava mau geito na boca: "E' CACHIMBO DE ITALIANO".

Notamos que não tivemos oportunidade de ver referência ao cachimbo de alemão, pelo menos nas condições e vezes que ouvimos cachimbo italiano.

Concluimos que o formato do cachimbo não identifica a cultura do seu dono e fumante, como elemento infalível, porém cachimbo como o da fig. n. 2 só encontramos em boca de italo-brasileiro nas zonas rurais dos municípios de Timbó, Indaial e Rodeio.

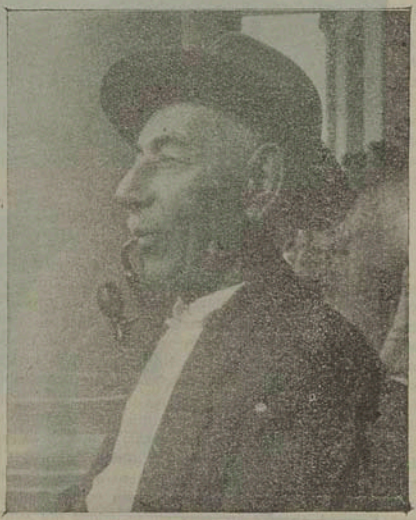


Fig. n. 2 — Angelo Bazanella, ítalo-brasileiro, pioneiro do povoamento de Ascurra, Indaial, SC. Foto do autor

CIGARRO DE PALHA DE MILHO

Enquanto o formato do cachimbo acusa diferença de cultura com certa probabilidade, o "Cigarro-de-palha-de-milho", popularmente, "O PALHEIRO" é encontrado de modo indistinto. Bem dito, é traço aculturativo, não é diferente o caboclo litorâneo ou serrano do teuto ou ítalo, brasileiros, cortando o fumo com o canivete encardido, esfregando-o na mão e preparando a palha-de-milho. O formato do cigarro colado com saliva ou a maneira de segurá-lo com os dedos e puxar a baforada, o cheiro do próprio fumo, sempre forte e penetrante, compõem a atitude acaipirada, roceira, mal-acabada.

O cigarro-de palha é como caracterização de matuto, de tabaréu, de jéca. Com êle nos dedos ou nos lábios seu fumante viciado é no-

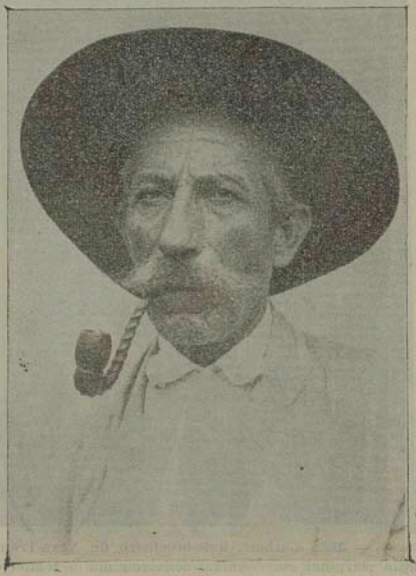


Fig. n. 3 — João Possamai, ítalo-brasileiro, pioneiro do povoamento de Ascurra, Indaial, SC. Foto do autor

tado pelo acaipiramento dos gestos. A elegância do fumar e o cigarro palheiro autêntico não se harmonizam. O fumante com êle só fica bem com o geitão rreceiro. Dir-se-ia que é complemento de personalidade rústica e nivela o tipo de qualquer cultura. Quem sabe usar o pica-fumo e traga a baforada do PALHEIRO sem denunciar-se macaqueador, viveu no agreste, no campo, no rancho do pescador ou no mato com o caboclo mateiro.

O teuto e ítalo, brasileiros, receberam o costume de fumar o PALHEIRO nos trabalhos de arroteamento nos primordios do povoamento das terras do Vale do Itajaí; em contacto com as levas de nativos nos trabalhos de abertura de caminhos e estradas: na pesca, na

Fig. n. 4 — João Garbari, ítalo-brasileiro de Nova-Trento, vive de ocupação marginal em Ascurra; conviveu muito tempo com teutos-brasileiros em Brusque. Foto do arquivo do autor

caça, nas viagens, para satisfazer o vício, para espantar mosquitos ou deixar o tempo correr, na hora do repouso em meio da tarefa ou para ajudar o raciocínio na resolução do problema.

Não foi, ùnicamente, o cigarro-de-palha-de-milho que a cultura nativa deu para o processo aculturativo do alienígena.

O alemão, mui especialmente, parece-nos que, por atavismo, procurou a mata. Aceitou a provocação dos trópicos, porém, equipou-se com os donos da técnica de penetração das florestas. Escudou-se na acuidade do nativo e com êle foi atraz da madeira de lei, perseguiu a

Fig. n. 5 — Um teuto-brasileiro preparado para caçar, outros são mais modestos, porém, nunca sem o facão de mato e sempre calçado

anta e fisgou traíras. O exemplo aponta o colonizador dr. Blumenau guiado pelo caboclo Angelo; o engenheiro August Wunderwald pertinaz decifrador das vertentes do Benedito e Cedros; o engenheiro Emilio Odebrecht que na expedição pelo o Itajaí do Norte só o cozinheiro era alemão; Frederico Deeke o abnegado comandante da guarda dos batedores do mato garantindo o trabalho dos colonizadores e pacificando o bugre arisco, e ainda outro Deeke, o José, que aliou o inteligência organizada na interpretação dos costumes nativos, sendo assim o sertanista habil.

Na caça e na pesca o alienígena tomou contacto com o equipamento da cultura nativa — aprendeu a curar-se do frio e do calor com aguardente que, prefere chamar "SCHNAPS"; e foi aprendendo a remar bateira, armar esparrela, pescar com puçá, com côvo, com catueiro e com tarrafa.

Dir-se-ia que a caça e a própria mata despertaram no teuto-brasileiro o atavismo da arma de fogo; a luta, o tiro, a vitoria sôbre a caça levaram-no a provocar a floresta úmida, quantos aos perigos não chegou a avalia-los, foi mais afoito que consciente e sòmente a benevolência da natureza poupou-o de imprevistos fatais; equipava-se menos para o desafio à mata e apenas dava expansão ao atavismo de sentir o peso do equipamento, o desabafo inflamado no íntimo oriundo das raízes militaristas da raça germânica (fig. n. 5).

CERVEJA E VINHO

Elementos fracos para oferecer prova de diferença de culturas. Popularmente, a cerveja é do teuto-brasileiro e o vinho do ítalo-brasileiro. Isto superficialmente; contudo é bom saber que o ítalo-brasileiro dos grupos que pesquisamos, no meio de sua dominância, tem mais presente o vinho, embora nas festividades públicas não falte a cerveja; no lar é comum oferecer um "COPO DE VINHO". O orgulho na oferenda está que seja o produto dos parreirais proprios: é o copo de vinho para os amigos mais chegados, para o padre mais estimado, para as solenidades intimas do lar, para a bajulação às autoridades politicas. Diferença nitida é que o teuto-brasileiro pode ter parreirais mas de modo comum não faz vinho, não consome uvas ao natural em igualdade de condições como faz com sagú e açucar bem conhecido como "GRÜTZE"; como seja o verão escaldante a época das uvas, é muito usado no do teuto-brasileiro a sopa de uva que, nem sempre é servida como sobremesa e sim naturalmente como qualquer sopa, embora doce. A "GRÜTZE" também é conhecida na casa do ítalo-brasileiro mas com certa parcimônia. Este é mais pelo consumo da uva ao natural e do vinho. Na época da fabricação gostam de oferecer o produto ainda não fermentado e divertem-se com a complicação intestinal dos gulosos. Não existe

produção econômica nem a plantação de uva é meio de vida, é plantação subsidiária pois o ítalo-brasileiro, seu maior cultivador, ocupa-se diretamente com a cultura do arroz, plantação em que é destacado pelo sistema lombardo, vulgarmente, conhecido entre nós, como arroz do molhado isto, por ser cultura de terrenos planos e dependentes de irrigação abundante. Na safra da uva é comum os proprietários de parreirais obsequiarem seus visitantes destacados com presente dos melhores cachos da variedade mais fina, onde aparecem: a niagara, isabel, moscatel e outras.

O vinho de maior referência dos ítalos-brasileiros desta área cultural é o maduro.

O trato dos parreirais não é diferenciado numa ou noutra cultura das mencionadas, contudo se encontra mais ítalos-brasileiros com parreirais vistosos.

Quanto a cerveja e o vinho êste é diferenciado por vir nos hábitos de algumas famílias, como o vinho caseiro, bebida tomada em lugar de café ou de chá, quando a quantidade fabricada dá para tanto, como ainda fazem os da família ítalo-brasileira Fornari (Ascurra, Indaial, S. C.) mas com a cerveja não acontece o mesmo, a fabricação de cerveja em casa para o consumo familiar e de pequeno grupo de amigos avizinhados, desapareceu. Em casa mesmo fez-se muito a cerveja doce, chamada "BIER" porém não tinha nem cevada nem lúpulo e era, de abacaxi, de mel-de-abelha, de gengibre, isto ainda hoje se encontra na zona rural. Nos tempos de ontem porém, haviam cervejarias em cada localidade de dominância teuto-brasileira, se não existem notícias da qualidade do produto, sabe-se e entretanto, que não consistiu em meio de vida rendoso.

Daí ficar o teuto-brasileiro indicado como bebedor de cerveja e o ítalo-brasileiro consumidor de vinho. Inda hoje um acusa o outro: diz o teuto-brasileiro cobrando-se da dôr de cabeça depois de um dia festivo no arraial de dominância dos ítalos-brasileiros: "LÁ NA FESTA ENTREI NO VINHO DOS ITALIANOS". Sempre, nem haviam italianos para sobresair na alegação, nem o vinho era de fabricação local. O ítalo-brasileiro não faz por menos juntando abundância de gestos e prolixidade: "ALEMÃO SÓ BEBE CERVEJA E VAI À FESTA DELES AGENTE FICA". Para compreensão tenha-se em conta que alemão nato, conta-se a dedo e a cerveja consumida em maioria são das marcas conhecidas e não de fabricação local.

Um crítico de arte, paulista e culto, disse-me que ao passar em Joinvile pela primeira vez pensou com seus botões "aqui beberei bôa cerveja". Pensava êle nas raízes germânicas do povoamento da bela cidade catarinense, porém, bebeu cerveja igual a fabricada em São Paulo.

A cerveja do alemão e o vinho do italiano nas terras do Itajaí é mera referência histórica do que se sabe, por ouvir dizer, ou, por se ter lido e, das oleogravuras antigas.

O equipamento da cultura material das comunidades teuto-brasileiras dês muito tempo perdeu sua cervejaria e o clássico caneco-de-cerveja "BIERSEIDEL" que hoje é decorativo e raríssimo no original; as imitações não voltaram aos balcões e mesas dos bares, são apenas objetos de adorno.

A fabricação de vinho particular, caseira, de nome só um ou outro, por exemplo os pioneiros Fornari em Ascurra (Indaial, S. C.) e Bertoldi na Cidade de Rodeio, e poucos outros. A fig. n. 6, é de

Fig. n. 6 — Ana Fornari, usando a indumentária com que trabalha na fabricação de vinho doméstico

Ana Fornária, na roupa de trabalho de fazer vinho, ela ajuda ao pai e ambos são auxiliados por operário diarista. O vinho faz parte da alimentação diária e o mesmo não acontece com a cerveja. O mais notório nos apreciadores da cerveja é a reunião costumeira, na mesma hora e no mesmo local. A ética estabelecida nestas reuniões, é que o conviva paga e bebe em igualdade de condição, geralmente, apelidada de "rodada". É quando um número de garrafas foram esvasiadas e os copos ainda não consumidos de todo; o conviva não tendo pago pede outras cervejas em quantidade igual ao pedido já feito; esvasiadas as garrafas a vez do pedido de novas cervejas cabe ao outro e a roda vai correndo — todos bebem e todos pagam. Mesmo que sejam, ùnicamente, dois: o que convida manda vir duas cer-

Otto Schulz — teuto-brasileiro, domiciliado e residente em Indaial. (Não tira o cachimbo da bôca e perguntamos a êle por quê não fumava em cachimbo como um dos das figs. ns. 2 e 3; foi breve na resposta dizendo que não era italiano)

vejas, serve ao convidado e antecipado pelo "PROSIT" (saúde) esvasiam os copos porém antes de esvasiarem as garrafas o convidado manda vir outras duas como seja agradecimento, e agora é quem enche os copos. O revezamento prossegue conforme a sêde e o desejo, porém um não paga nem menos nem mais que o outro. A quebra desta sutileza prepara terreno para sanção social negativa. Quando a roda é grande e o momento comporta, na expansão das alegrias fazem côro com cantiga muito conhecida dos apreciadores de cerveja: "Trink, trink, Bruederlein, die Sorgen zu Haus!" (beba, beba, querido irmão e deixe as preocupações em casa).

As expansões do canto marca o consumo de cerveja. Não se canta sem amontoar primeiro muitas garrafas vasias. O descendente de italianos e de tiroleses não fazem ao contrário em suas festas públicas que, são, quasi sempre, mais regadas com cervejas. Naturalmente que preferem cantar em italiano. O teuto-brasileiro tem maiores oportunidades festivas, diverte-se mais e a sua "Sociedade de Atiradores" (SCHÜTZENVEREIN) é o centro diversional mais importante, mantém dominância. A maior festa era a da escolha do "rei dos atiradores" (SCHÜTZENKÖNIG), presentemente, os bailes esporádicos, ás vêzes até fora do calendário festivo, as festas beneficientes e outras igualam ou superam. Contudo o julgamento da grandiosidade da festa é balanceado pelo consumo de cervejas e, consecutivamente, o resultado financeiro, se a festividade foi beneficiente. Em várias oportunidade ouvimos: "A festa X foi grande, BEBEU-SE nela N engradados de cervejas". Se houve outra maior a réplica vem: "A festa Z foi maior lá BEBEU-SE N-mais-1 engradados de cerveja". O consumo da bebida registra o climax da festa. A bebida em maioria absoluta é cerveja, que é contada em engradados e é a embalagem fornecida pelas cervejarias e comportam 24 garrafas.

Nas festividades leigas ou religiosas ou cívicas não comparecem, ùnicamente, teutos-brasileiros, mesmo nos grupos de dominância dêles. Todos vão lá, indistintamente. Não é raro ver-se na rodada em torno do balcão lusos, teutos, ítalos e outros brasileiros eufóricos a entoarem o côro estimulante: "Trink, trink, Bruederlein"...

O LOBISOMEM

Walter F. Piazza

NR. — Quando da realização do 1º Congresso Brasileiro de Folclore, no Rio de Janeiro, em Agôsto do ano pp., o presente trabalho foi, na secção competente, amplamente, discutido. Naquêle belo e elevado debate científico se destacaram as apreciações do Prof. Tobias Rosenberg, da Associação Tucumana de Folklore; do Prof. Fernando São Paulo, relator do trabalho, da Comissão Bahiana de Folclore; e do Dr. Edgard de Almeida, do Instituto de Psicanálise, do Rio.

UMA VELHA ASSOMBRAÇÃO

As "estórias" de lobisomem de há muito percorrem o nosso Brasil, tôda a América e todo o orbe terrestre.

Eminente folclorista sintentizando o que se tem escrito sôbre êste mito nos aponta as suas origens; "... este mito de origem europeo" (1).

1) FELIX COLLUCIO — "Dicionário Folklorico Argentino", ed. "El Ateneo", Buenos Aires, págs. 241 e 242.

A Europa é de civilização multimilenar.

E, noutro eminente estudioso do populário, encontramos:

"**O Lobishomem** nos foi trazido pelo colono europeu. Está em todos os países e épocas, com histórias espalhadas, sob nomes vários, registada nos livros eruditos. É um dos mitos mais complexos e escuros pela ancianidade e divisão local" (2).

E, remonta aos primórdios da tradição, ainda, o mesmo autor:

"A tradição clássica é da Grécia. Licaon, rei da Arcadia, filho de Pelago, primeiro soberano da região, tentou matar Zeus, seu hóspede de uma noite. O Deus castigou-o dando-lhe a forma vulpina. Nenhum erudito conseguiu explicar a fábula. Nem mesmo esta se reduz a uma só versão. Noutras lendas Licaon fez um sacrifício humano e sua metamorfose significa a cólera divina. Também Licaon levou à mesa, onde Zeus era servido, carne humana. Ainda, segundo Pausanias, Licaon sacrificou um filho a Zeus no monte Licaeus. O final é idêntico. O rei se transforma, e para sempre, em lobo".

Daí passou à Roma, e da Cidade dos Césares com os seus exércitos conquistadores se difundiu pela Europa, pelo norte da Africa e Oriente próximo.

Com os nomes de "Versipélio dos Romanos, é o Licantropo dos Gregos, o Volkodlák dos eslavos, o Werwolf dos saxões, o Wahrwolf dos germanos, o Óboroten dos russos, o Hamrammr dos nórdicos, o Loup-garou dos franceses (3). o Lobishomem da Península Ibérica e da América Central e do Sul, com suas modificações fáceis de Lubiszon, Lobohomem, Lubishome..." é, sempre, "a crença na metamorfose humana em lobo, por um castigo divino".

Assim, não erramos quando, certa vez, afirmáramos ser o mito popular mais conhecido neste nosso vasto Brasil, campo imenso para os folcloródogos (4).

E, vai, dêsse modo, tendo vida, pois, nêle "os nossos matutos acreditam" e, também, a gente das cidades e, "talvez seja o mito popular mais notável" (5).

Surge, assim, o lobisomem, "lubizóme para o caipira do litoral paulista, "labizóme" do cabôclo sergipano, ou "lobisa" do homem sul mineiro (6) que enche as horas dos contadores de "estórias" de todos os quadrantes do nosso Brasil.

2) LUIZ DA CÂMARA CASCUDO — "Geografia dos Mitos Brasileiros", ed. José Olimpio, Rio, 1947, págs. 195 e seguintes.

3) ST'ANA NERY — in "Antologia do Folclore Brasileiro", de Luiz da Câmara Cascudo, ed. Livraria Martins, São Paulo, págs. 208 e 209.

4) Nossa Comunicação à Comissão Nacional de Folclore, distribuida pelo doc. n. 187 — "O Lobishomem".

5) ADEMAR VIDAL — "Lendas e Superstições", ed. "O Cruzeiro", Rio, 1950, pág. 469.

6) AMADEU QUEIROZ — "Provérbios e ditos populares", in Revista do Arquivo Municipal, São Paulo, tomo XXXVIII.

COMO É O HOMEM — LOBISOMEM?

É, como vimos, um mito universal e, por isso, procuraremos estudar as suas características no Brasil com os nossos parcos recursos.

Vejamos, portanto, primeiramente, quais os indícios que apresenta um indivíduo que é — segundo a crença popular — lobisomem.

Comecemos com os dados colhidos por um dos nossos mais atilado e esforçado pesquisador, cujo centenário comemoramos:

"**O Lobishomem** que no maravilhoso da imaginação popular é um produto, ou de um incesto, ou nasceu de uma série de sete filhos" (7). — Isto na terra pernambucana.

Quanto à segunda parte, isto é, série de sete filhos, registra-se, igualmente, no vale do Paraíba do Sul:

"É um dos sete filhos de um casal, quando não há mulher para interromper a série e quando um dêles não batiza, outro dos irmãos, para quebrar o encantamento" (8).

Entretanto, em Portugal — a Terra-Mãe do nosso Brasil — e donde nos veiu uma riquíssima herança popular, foi registrada a seguinte versão:

"... o filho que nasceu após uma série de sete filhas" (9).

Idênticamente ao vale do Paraíba do Sul é registrado no município catarinense de Tijucas, pois "se nascerem, consecutivamente, numa família, sete filhos varões, o último deverá ser chamado Bento, do contrário ficará lobisomem" (10).

Já em outros lugares são apontados como inimigos da honra, tal como nos afiançou velho cabôclo: é indivíduo de má índole, autor de algum bárbaro crime, especialmente contra a honra ou contra gente fraca: crianças, mulheres grávidas e velhos (11).

Ainda como inimigo da honra é conhecido nos pampas gaúchos:

"Diziam que eram homens que havendo tido relações impuras com as suas comadres, emagreciam" (12).

---

7) F. A. PEREIRA DA COSTA — "Folk-lore Pernambucano", in Revista do Instituto H. e Geográfico Brasileiro, 1907, tomo LXX, págs. 77 e seguintes.

8) RUTH GUIMARÃES — "Filhos do Mêdo", ed. Livraria do Globo, Pôrto-Alegre, 1950, pág. 129.

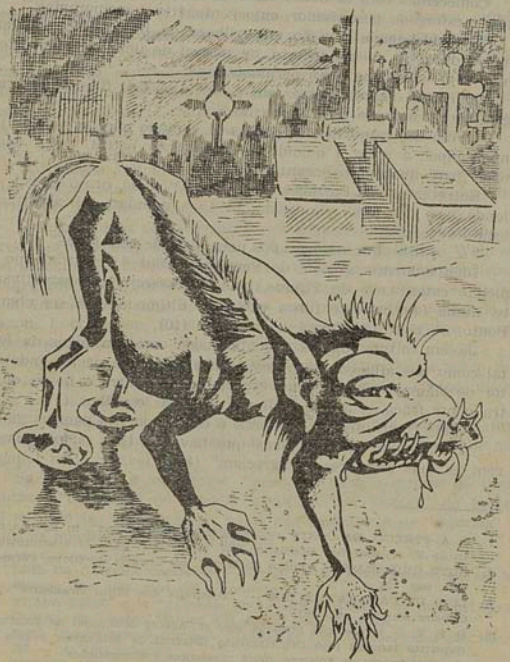
9) LUIZ DA CÂMARA CASCUDO — "Geografia dos Mitos Brasileiros", citando Oliveira Martins, pág. 203.

10) D. E. E. — Informação prestada pelo sr. Agente Municipal de Estatística ao inquérito lançado pelo Departamento Estadual de Estatística e pela Comissão Catarinense de Folclore, sôbre "Crendices e Superstições".

11) Nossa Comunicação, acima mencionada.

12) J. SIMÕES LOPES NETO — "Contos Gauchescos e Lendas do Sul", ed. Livraria do Globo, Pôrto-Alegre, 1950, pág. 356.

Na zona do brejo paraibano "descrevem-no como um homem normal que, em certas horas, e em dias determinados e sob determinadas condições, toma o aspecto de um animal e sai a correr o **fado**, cumprindo o castigo impôsto pela Divina Providência, pelo pecado de adultério de compadre com comadre, de devota com padre, dos incestuosos e blasfemos... O povo simples e crédulo, em



Desenho da fotografia do "lobisomem" dos Correia, Caçador, SC.

geral, sente pena dêles, por considerá-los, antes de mais nada, pecadores em penitência" (13).

Mas, o Mestre dos folcloristas brasileiros adverte:

"Para o norte já não há razões morais" (14). E aponta resultado de coleta verificada no Rio Grande do Norte: "O Lobishomem é uma determinante do "amarelão" (ancilóstomo), da "maleita" (paludismo)".

Testemunhando a sua assertiva aparecem-nos dois depoimentos referentes à Paraíba.

Um da chamada zona do Sertão:

"Todo sertanejo sabe que o lobisomem é um sujeito doente: so-

"Lobisomem" do norte da Argentina (conf. publ. do "Dicionário Folklórico Argentino", de Collucio).

13) JOSÉ LEAL — "Mitos populares", comunicação à Comissão Nacional de Folclore, doc. n. 135.

14) LUIZ DA CAMARA CASCUDO — "Geografia dos Mitos Brasileiros", ed. citada, pág. 208.

bretudo pálido e meio avêsso ao trabalho, fatigado nos modos e meio misterioso nos movimentos. Não se alimenta bem. Vive quase do vento. Mas não morre facilmente. Dura a vida tôda: setenta, oitenta anos. Por que? A verdade anda escondida, ora se anda..." (15).

E o outro, da orla marítima paraibana: "... no litoral o mito se apresenta com outras particularidades, sabendo-se que, para virar lobisomem, se torna preciso o indivíduo — **mpre amarelo e doente**" (16).

E mais uma vez se demonstra que "não há regra sem exceção", pois a versão do brejo paraibano é diferente, nesta parte, das outras que correm no nordeste.

Temos, assim, assentadas as características do homem-lobisomem.

*

* *

COMO SE APRESENTA?

As formas como o lobisomem, já transformado, se apresenta, variam de lugar para lugar.

É, sempre, em forma de animal, e a única vez que o não encontramos como tal foi, em Nova-Trento, parte do território catarinense, onde é "um homem de olhos afogueados, pêlo eriçado, ventre aberto e sàngrando, unhas aguçadas e que expele fogo pela bôca".

Pois no sertão da Paraíba é **bezerro negro.** "E é bezerro negro diferente dos outros, ainda porque ostenta couro cabeludo de fazer cachos, além de cascos pequeninos, olhar fuzilante e, depois, dotado de fôrça e agilidade extraordinárias" (17).

No Rio Grande do Sul se apresenta como "um grande cão" (18) e em Alagôas também, "mas sem cabeça" (19).

Em forma de porco é assinalado em São Francisco do Sul e em Biguaçú, na orla litorânea catarinense (20). Igualmente foi registrado no Rio Grande de São Pedro (21).

No entanto, em Caçador, no oeste catarinense, é "um horrendo lobisomem-dragão" com "cêrca de 3 metros de comprimento, tem

15) ADEMAR VIDAL — obra citada, idem, idem, págs. 470 e seguintes.
16) ADEMAR VIDAL — op. cit., idem, idem.
17) ADEMAR VIDAL — op. cit., idem, idem.
18) LUIZ CARLOS DE MORAES — "Vocabulário Sul-Riograndense", ed. Livraria do Globo, Pôrto-Alegre, 1935, pág. 137.
19) THEO BRANDÃO — "Mitos Alagoanos", citado por Luiz da Câmara Cascudo in "Geografia dos Mitos Brasileiros", pág. 450.
20) D. E. E. — Informações prestadas pelos srs. Agentes Municipais de Estatística no inquérito supra-citado.
21) J. SIMÕES LOPES NETO — op. cit., idem, idem.

dôrso de dragão e formidável bôca provida de agudíssimos dentes. Pelas ventas dilatadas lança um bafio nauseabundo" (22).

E vimos como o lobisomem se apresenta aos olhos do povo crédulo dêste Brasís.

*

* *

O ENCANTAMENTO

Para analisarmos esta parte, necessário se torna que, primeiramente, façamos três indagações: QUANDO, COMO e ONDE se processa o encantamento.

À primeira pergunta já se encontram divergências.

Pois bem, então esmiucemos os dados coligidos.

Comecemos por além-mar, em Portugal, onde estão as nossas mais profundas raízes:

A versão que nos veiu diz que o encantamento se dá "aos treze anos, numa terça ou sexta-feira" (23).

E, se no Rio Grande do Sul "tôdas as sextas-feiras, alta noite" (24); em Santa Catarina, seja em São Francisco do Sul, Biguaçú, Laguna, Caçador ou Nova-Trento é na sexta-feira, à hora zero, que se "encanta" (5), apesar de, em Caçador, preferir "os dias de lua, principalmente se forem datas da quaresma ou dia 13", e, em Nova-Trento "em lua cheia ou quarto-minguante"; e o mesmo se dá em São Paulo, no sul de Minas, em Alagôas, em Pernambuco, na Paraíba e no Rio Grande do Norte (26).

Agora, às outras situações do "encantamento": como e onde se processa.

Para melhor visão dos aspectos do fenômeno analizaremos o modo de transformação e local, em conjunto.

Comecemos pelo nordeste brasileiro tão fértil em mitos populares.

Na Paraíba três versões nos são apresentadas: a do litoral, a do brejo e a do sertão.

Vejamos a primeira:

"... se torna preciso procurar uma encruzilhada, cheia de mariscos de praia, onde se despe, dando vários nós na camisa e no lenço. Deita-se no chão. Espojando-se como quadrúpede. Uns dizem que êle engole os mariscos do mar. Outros contestam essa ver-

22) D. E. E. — Informação prestada pelo sr. Agente Municipal de Estatística no mencionado inquérito.

23) LUIZ DA CAMARA CASCUDO — "Geografia dos Mitos Brasileiros", citando Oliveira Martins, pág. 203.

24) J. SIMÕES LOPES NTO — op. cit., idem, idem.

25) D. E. E. — Informações dos srs. Agentes Municipais de Estatística ao inquérito mencionado.

26) Autores já citados.

são. Depois entra a fazer desarticulações com as pernas e braços, encostando a cabeça aos pés, remexendo-se para a direita e esquerda, dizendo palavras a tôa. "— Encoura, desencoura, encoura, desencoura, encoura" (27).

Versão idêntica a esta corre no litoral pernambucano (28).

Entretanto, diferente de tôdas as versões que confrontamos é esta colhida no brejo paraibano:

"... rebolando-se o aspirante na cama de um animal, ainda quente do corpo dêste, cuja forma tomará. É condição imprescindível para a transformação que, no momento, os raios da lua incidam diretamente sôbre o homem que estiver deitado na cama do irracional, manifestando-se, de início, pelo crescimento das unhas e cabelos, seguindo a modificação da fisionomia com o crescimento dos dentes que dão perfeita semelhança com o animal modêlo". — "Adquire desde logo todos os instintos animalescos" (29).

E, por fim, a versão do sertão paraibano:

"Sai de casa à procura de algum recanto de estrada onde se deite. Espoja-se, requebra-se todo, fazendo trejeitos, até virar um bezerro negro de longas orelhas" (30).

Em Pernambuco é o mesmo cenário até "encontrar com um lugar onde um cavalo ou um jumento se espojou, espoja-se também, tomando a sua forma" (31).

E, finalmente, na terra alagoana, se completa o "encantamento" quando "tira a camisa fora do corpo e dá-lhe 7 nós. Esconjura Pai, Mãe, Padrinho, Madrinha, o nome de Deus e de Nossa Senhora" (32).

Temos, dessa forma, focalizado o "encantamento" de um ser humano em lobisomem.

*
* *

A AÇÃO DO LOBISOMEM

A ação do lobisomem é a mais perversa possível. "É triste" se ver o que êle faz — diz o nosso matuto.

Quando o dito anda à sôlta "os cachorros uivam e o perseguem latindo e mordendo, o gado quando sôlto nos pastos, corre que nem louco e quando está prêso se torna inquieto e procura disparar das mangueiras... e tôda a pessoa que tiver a infelicidade de ser mor-

27) ADEMAR VIDAL — op. citada, idem, idem.
28) F. A. PEREIRA DA COSTA — op. citada, idem, idem.
29) JOSÉ LEAL — comunicação acima mencionada.
30) ADEMAR VIDAL — op. citada, idem, idem.
31) F. A. PEREIRA DA COSTA — op. cit., idem, idem.
32) THEO BRANDÃO — "Mitos Alagoanos", citado por Luiz da Câmara Cascudo, acima mencionado.

dida pelo excomungado do bicho, não tem que ver, na primeira sexta-feira de lua cheia, vira em seguidinha lobishomem" (33). Isto bem perto da capital catarinense, no município de Biguaçú.

A sua agressividade é respeitada e enfrenta, "ferozmente, qualquer pessoa que se lhe depare em frente" (34), mas o nosso pescador de camarões da Ilha de Santa Catarina pede a Deus que o livre do "coisa-ruim"!

Um cabôclo do interior catarinense disse-nos que o lobisomem "suga o sangue das criancinhas, especialmente, das que, ainda, se amamentam. Desvirgina as donzelas" (35).

Entretanto, para a grande maioria do povo é um terrível hematófago.

"Ataca os bichos, chupando-lhes o sangue e, se tem algum inimigo homem, andando pela estrada, pega-o na certa para a sangria mais violenta no pé do ouvido. Ou na batata da perna" (36) — assim corre o mito no sertão paraibano e no município catarinense de Pôrto-Belo.

No Rio Grande do Norte, no entanto, em luta, "derribada a vítima o Lobishomem despedaça-lhe a carótida com uma dentada e suga-lhe o sangue" (37).

Em Caçador, no oeste catarinense, o lobisomem, "ao contrário de seus congeneres, êste exótico ser sobrenatural alimenta-se de sangue dos mortos (falecidos sem confissão). Quem ouvir uivos terá vida por pouco tempo". — Êste lobisomem é conhecido por "Lobisomem dos Correias" (38).

E temos, assim, visto qual seja a ação do lobisomem, êsse mito que mais povoa a cabeça da gente simples e crédula do nosso Brasil.

*
* *

O DESENCANTAMENTO

O **desencantamento**, conforme demonstraremos se processa de dois modos, segundo a crença geral: naturalmente e por ferimento em luta com o homem.

A primeira informação que a êsse respeito colhemos foi em Nova-Trento, SC, quando nos disseram que, ao final da fase lunar o lobisomem se tornava, novamente, um ente humano normal.

33) D. E. E. — Informação do sr. Agente Municipal de Estatística de Biguaçú — S.C.
34) JOSÉ LEAL — comunicação mencionada acima.
35) Nossa comunicação à C N. F., atrás mencionada.
36) ADEMAR VIDAL — op. citada, idem, idem.
37) LUIZ DA CAMARA CASCUDO — "Geografia dos Mitos Brasileiros", pág. 208.
38) D. E. E. — Informação do sr. Agente Municipal de Estatística de Caçador — S.C.

Ou então, "só se desencanta quando o galo desperta no terreiro" (39) — veiculam no litoral paraibano e catarinense, neste especialmente nos municípios litorâneos de Pôrto-Belo e Biguaçú.

Colhida em Pernambuco foi a versão que se segue:

"... ao ouvir o cantar do galo, percorre o lobishomem sete cidades e chegando, de volta já ao logar do seu encantamento, espoja se de novo, retoma a sua forma humana" (40).

Quasi, idênticamente, é a versão corrente no brejo paraibano, onde "antes que chegue o dia, o lobishomem regressa ao local do encantamento e novamente se rebola na cama do animal, readquirindo a personalidade humana, regressando calmamente para casa, com tôda a aparência de pessoa normal" (41).

Com referência ao Rio Grande do Norte, além de nos dizer como se "desencanta" o lobisomem, nos diz, também, como proceder para que o lobisomem não se "desencante" jamais.

Eis a original fórmula:

"Se esconderem a roupa que o lobisomem deixou na encruzilhada ou desfizerem os sete nós, ficará êle todo o resto de sua existência um bicho fantástico. Não há notícia de transformação depois da morte" (42).

E, finalmente, o "desencantamento" por ferimento.

Asseveram na terra potiguar que "o lobisomem é invulnerável a tiro" (43).

Em terras catarinenses, em tôdas as informações colhidas, o lobisomem não é enfrentado por ente humano normal.

Mas, ainda com referência ao dito daquelas paragens nordestinas informa erudito folclorólogo:

"Só se a bala estiver metida em cera de vela de altar onde se haja celebrado três Missas da Noite de Natal. A faca, a foice, mesmo a pequenina quicé, uma simples furadela de canivete, desencanta o fado" (44).

De modo idêntico é a versão que nos veiu do sertão paraibano (45) e que se identifica com uma registrada em Pernambuco (46) e outra do Rio Grande do Sul (47).

E o lobisomem "vai desencantar-se mais adiante".

No brejo paraibano, se ferido "o lobisomem se desencanta e enfrenta francamente o agressor, de homem para homem" (48).

---

39) ADEMAR VIDAL — op. citada, idem, idem.
40) F. A. PEREIRA DA COSTA — op. citada, pág. 78.
41) JOSÉ LEAL — comunicação à C. N. F., supra citada.
42) LUIZ DA CAMARA CASCUDO — "Geografia dos Mitos Brasileiros", pág. 211
43) LUIZ DA CÂMARA CASCUDO — op. citada, idem, idem.
44) LUIZ DA CÂMARA CASCUDO — op. citada, idem, idem.
45) ADEMAR VIDAL — op. citada, idem, idem.
46) F. A. PEREIRA DA COSTA — op. citada, idem, idem.
47) LUIZ CARLOS DE MORAES — op. citada, idem, idem.
48) JOSÉ LEAL — comunicação supra-citada.

*
* *

Temos, assim, por encerrada esta nossa modesta contribuição à feitura do Mapa do mito do lobisomem no populário brasileiro e, em especial, no nosso Estado de Santa Catarina.

Quando se tiver levantado, totalmente, a bibliografia folclórica brasileira esta tarefa se tornará muito mais fácil e poder-se-á, então, levar a cabo êste interessantíssimo estudo, um dos mais atraentes que se apresenta no nosso Folclore.

*
* *

VERSOS DO LOBISOMEM

As trovas populares de quando em vez cantam as coisas extraordinárias que acontecem.

Assim, raro é o lugar no Brasil onde um **cantador** não desfie umas estrofes ao som de uma viola.

A crença do lobisomem, no município de Caçador, SC., motivou de vate popular os versos que abaixo reproduziremos.

Seja-nos, porém, lícito, primeiramente, divulgar a informação que, de lá, nos veiu:

"Segundo espalhada e antiga crença local, aparece às sexta-feiras, no cemitério da família Correias, um horrendo lobishomem-dragão; prefere os dias de lua, principalmente se forem datas da quaresma ou dia 13. — Mede cêrca de 3 metros de comprimento, tem dórso de dragão e formidável bôca provida de agudíssimos dentes. — Pelas ventas dilatadas lança um bafio nauseabundo. — Ao contrário de seus congeneres, êste exótico ser sobrenatural alimenta-se de sangue dos mortos (falecidos sem confissão). — Quem ouvir seus uivos terá vida por pouco tempo",

Após esta introdução, vejamos os versos:

I

Quando aquí era deserto
Poucos moravam nêste sertão,
Existiam brancos e negros cativos
Era tempo de escravidão.
Branco era batizado
E preto morria pagão,

II

O povo já tinha medo
Que isto désse confusão
Apareceu logo um gritadô
Já viram que era visão,
Era o tal do "Lubizôme"
Esprito de negro pagão.

III

Tinha uma negra sete filhos,
Todos os sete bem negrinhos
Se o mais velho não fosse batizado
O mais moço virava lubizomezinho;
O mais velho morreu sem batismo
E déu destino ao pequeninho.

IV

A mãe dos meninos — chorando —
Sem êste destino podê cortá,
Viu o mais velho virá lubizôme
E o menorzinho boitatá;
O resto não digo nada
Tenho medo inté de contá!

V

Contando um pouco desta história
Ví êsse monstro aquí no sertão,
Não-sei se morto ou vivo
Só sei que horrível visão
Estava em um cemitério
Sexta feira da paixão.

VI

Eu fui pagá promessa,
Que há muitos anos devia:
Ir a um cemitério, em horas mortas,
Quando todo o povo já dormia
E sem ouvir o cantar do galo
Perguntá o morto o que queria.

VII

O povo já me prevenira
Uns quantos dias atrás
Que nestas encruzilhadas transitava
O Pé Redondo ou Satanaz,
Que por êstes lados à noite
Ninguém póde caminhar, em paz.

VIII

Eu devia essa promessa
E só tinha que pagar
Por mais que custasse a vida
Prá Deus não me castigar —
Ir sosinho ao cemitério
Chamar mortos e ouví-los falar.

IX

Afinal foi chegando o tempo
Até chegou o dia —
Sexta feira da paixão,
Serrando as ave-marias;
Era noite a noite de falá c'os mortos
De ir pagar o que eu devia
Promessa era de salvar minha via,
Por outro nêste mundo eu não fazia.

X

A cidade já silenciosa dormia
Escura noite trovejando
Com meu aparelho de fotografia
Fui pouco a pouco caminhando;
Relâmpagos alumiavam; aos poucos
Do cemitério fui me aproximando.

XI

Abrí a porta do cemitério
E sôbre cruz ajoelhei no chão,
Acendí umas velas; fechei os olhos
E silencioso pensei no Irmão;
Sepulto moveu-se e um gemido ouví,
Estou perdido, Deus meu Deus, perdão!

XII

Que assombro, que medo, que horror
Um rosnar, um gemido escutei!
Uma estranha vizão acenava
Que isso, meu Deus, eu não sei.
No correr disparou-me uma chapa,
Corrí pelo escuro e afinal escapei.

XIII

Eu contando direito esta história
Representa inté um sonho,
A fotografia é que lhe vai provar
Si é lubizôme ou demonho.
Não caminho mais de noite, e promessa não faço
Nestas embrulhadas nunca mais me ponho!

Caçador, 22 de Maio de 1946.

(Ass) **Altino Bueno de Oliveira**

Como vimos **disparou uma chapa** e a fotografia damos em separado num desenho, (porquanto o original se encontra no arquivo da C. C. F.), juntamente com a do lobisomem comum ao norte da Argentina e da Bolívia.

CIGARRO DE PALHA

João dos Santos Areão

O tabagismo tem sido, através do tempo, um dêsses vícios que mais se têm acentuado entre os povos.

As campanhas desencadeadas quanto ao uso do fumo parece não ter conseguido o seu desiderato e, cada vez mais se arraiga por todos os recantos do mundo. Podemos bem avaliar o seu progresso, pelo desenvolvimento da cultura do fumo em muitos países, formando verdadeiro fator de suas economias.

Entre nós, quem teria ensinado o índio a fumar? E por que êles encaram êsse ato como fazendo parte do seu ritual nas manifestações de concórdia e harmonia?

Por expontânea a sua manifestação entre nós, os fumantes procuraram usar dos meios ao seu alcance e dai -se tornou o ato despido de regras e preconceitos vindos de fora.

O contacto com outros povos lhes têm oferecido novas sugestões, mas aquilo que se tornou parte integrante de suas vidas, não mais será esquecido e continuará, pelo tempo em fora, a ser praticado como um hábito e transmitido aos que a êles afeiçoarem.

Certa vez, viajando de Blumenau para Rio do Sul, na Estrada de Ferro Santa Catarina, tive como companheiro um senhor já maduro,

alemão, que era lavrador no interior de um desses municípios. Em dado momento da viagem, sentiu vontade de fumar, ou melhor, pitar, como é corredio entre os caboclos. Inicialmente tirou do bolso algumas palhas de milho arrancadas de uma espiga e, depois de escolher a que melhor lhe satisfazia e dobrada cuidadosamente com a parte mais liza para fora, puxou de um grosso canivete, dêsses "tira prosa", sovando-a de um e outro lado. Aparou as pontas, deixando-a no tamanho desejado que, por sinal, era bem maior do que o tamanho dos cigarros comuns e colocou atrás da orelha. Tirou um pedaço de fumo em corda e, paulatinamente, começou a cortá-lo, fazendo pequenos rolétes que ia depositando na palma da mão, formada em concha. Em seguida, guardou o fumo e começou a desfiar todo o que havia cortado, ora comprimindo entre as palmas das mãos, ora destacando com as pontas dos dedos os pedaços que resistiam tal pressão.

Quando o fumo se tornou todo em fibra, tirou a palha de trás da orelha, passou ligeiramente na língua para umidecê-la e depois, estendeu o o fumo no ângulo da palha, enrolando-o com perícia. Antes de terminar êsse trabalho, cortou em diagonal a ponta da palha que completava o enrolamento. Com a unha do polegar imprimiu um sulco numa das extremidades do cigarro, virando-a. Colocou na boca, tirou a caixa de fósforos, riscou um palito, tendo o cuidado de amparar a chama com as palmas das mãos recurvadas e acendeu o cigarro. Após ter tirado algumas baforadas apertou o fogo com as costas da unha do polegar e, daí em diante, recostado no espaldar de sua poltrona, ficou por muito tempo contemplando a fumarada que se volatizava daquele cigarro feito com tanta arte.

Três observações pude fazer dêsse trabalho paciente e interessante que acompanhei atentamente:

1º Por que cortou êle a ponta da palha ao terminar o enrolamento do cigarro?

2º Por que não completou a sua obra acendendo o cigarro com um isqueiro de isca, tal qual fazem os homens do sertão?

3º Por que, sendo alemão, de costumes tão diversos nossos, praticava um ato característico do nosso patrício do interior, o caboclo e o caipira?

Para matar a curiosidade procurei contacto com o alemão e daí a explicação desejada.

A ponta, disse-me êle, é cortada para evitar que a palha se queime pelo lado de fora, ficando o fogo somente na ponta do cigarro;

Não usa o isqueiro porque, várias vezes teve sua roupa queimada e o material para êsse fim ser formado por três peças distintas: a fieira com o suporte de metal, a pedra de fogo e o pedaço de ferro para produzir a faisca.

Também não usava o isqueiro de gazolina pela dificuldade que tinha em acender o cigarro quando havia vento.

À terceira indagação respondeu-me que, devido à sua vida no campo, trabalhando sempre ao lado do nosso caboclo, adquiriu aquêle hábito para acompanhá-lo nas suas manifestações tradicionais, afim de não lhe parecer desambientado do meio. Pela constância dessa prática foi aquele ato, aos poucos fazendo parte integrante de seus hábitos e hoje, é com tôda expontaneidade que a pratica como se fôra a cousa mais natural e necessária de sua vida.

Por aí podemos concluir que se todos os demais atos do nosso povo pudessem ter a influência que a feitura do cigarro exerceu no espírito dêsse estrangeiro, como seria fácil nacionalizarmos aqueles que, vindos de outros países para viverem e trabalharem conosco, pudessem sentir o calor da alma brasileira na prática constante pelos seus filhos, do amor à sua história, realçando sempre o valor dos homens no campo da luta, da ciência e das artes, focalizando com insistência as tradições nascidas e vividas no coração de seu povo.

NOTA

1º — Entre os índios, fumar no mesmo cachimbo deles, é uma prova de harmonia.

2º — Pitar é sinônimo de fumar.

3º — "Tira prosa" é o apelido que se dá a um canivete grande.

4º — Fumo em corda é aquele que sai da fábrica em rolos. É o que ainda não passou por qualquer preparo. Fumo virgem.

5º — O cigarro que se queima somente na parte externa denota que o fumante é ciumento. Isso é corrente entre os caboclos. Para evitar essa demonstração a palha é previamente preparada com um corte, em diagonal, na extremidade do fêcho.

6º — O primitivo isqueiro era feito com a ponta do chifre de boi, onde se colocava pano queimado na escavação nêle existente. Posteriormente o chifre foi substituido por um cilindro ôco por onde passava uma corda feita com fieira de algodão, geralmente de cor amarela, guarnecida por um tecido fino. Compunha-se mais de uma pedra para ser atritada por um pedaço de ferro e com certa violência, produzindo a faisca que, em contacto com o pano queimado ou a ponta da fieira de algodão, colocada bem junto da pedra, dava a mecha. O atual isqueiro a gazolina é a evolução daquêle, talvez de invenção nacional.

CANTIGAS DE RODA NAS ESCOLAS

Coleta de **Armando Carvalho**

Duas meninas de mãos dadas: O meu belo castelo, matatira tirarei
Roda grande: Que quereis vos, vós, matatira tirarei...
As duas meninas: Quero uma de vossas filhas, matatira, tirarei...
R. grande — A qual delas você quer, matatira, tirarei
As duas: Uma menina chamada Alzira (Escolhem um nome das da roda grande) matatira, tirarei
R. g.: Que ofício dar a ela, matatira, tirarei
R. P. O ofício de costureira, mat. tir. (escolhem um ofício)
(a roda grande consulta a menina se aceita o ofício)
Supondo que não concordou:
R. G. Êsse ofício é pra voceis que não têm o que fazer...
Começa de novo...
Supondo que aceitou:
Êsse ofício me agrada, matatira, tirarei...
A menina passa para a roda pequena.
Recomeça o brinquedo, até que a roda grande fique reduzida a duas meninas.
Trocam-se os cantos.

Uma fila de meninas

Uma menina sózinha passeando em frente: Canta: Onde mora a Senhora Condessa, de língua de prata, Dona Leondessa, o Rei mandou buscar umas das filhas para casar...

A fila canta: "Minhas filhas eu não dou, nem por ouro nem por prata, nem por ouro nem por prata, nem por sangue da lagarta (uma vez eu li: "nem por sangue de Aragão").

A menina sózinha canta: "Tão alegre que eu vim, tão tristonha voltarei, pelas filhas da Condessa, que nenhuma levarei.

As outras: "Volta cá, meu cavaleiro, escolher dêste monteiro, escolher dêste monteiro, a qual delas você quer.

Param. A sózinha canta percorrendo a fila:

Esta quero, esta não quero, esta come o pão da cesta
Esta come o pão da cesta, bebe vinho da galheta
Bebe vinho da galheta, come queijo requeijão
Come queijo requeijão, vim buscar meu coração".

Leva uma com ela e vem buscar outras, recomeçando o brinquedo.

As meninas formam roda deixando uma para fora, com um pedaço de páu na mão a guiza de viola.

A roda: "Pái Francisco, entrai na roda, tocando seu violão, vem de lá seu Delegado, Pái Francisco na prisão. "

1. Abrem a roda em tôrno do pái Francisco
2. fecham a roda.

Pái Francisco requebra-se dentro da roda enquanto os outros cantam, batendo palmas: "Como êle vem, todo requebrado, parece um velho que caiu no melado

Formam a roda outra vez e cantam (Pái Francisco dentro):

"Pái Francisco venha cá, que a Iaiá mandou chamá
Pra vestir a calça nova, que está perto de casá.
Batem palmas cantando: "Com êle vem todo requebrado
Parece um vêio que caiu no melado"

*
* *

Outras cantigas de roda: Cirandinha,
Olha a triste da viuvinha...,
Que olhos lindos,
Terezinha de Jesus, Abre-te, ziro-ziro, ziro-zá.
Capelinha de João, se estas agradarem, mandarei de outra vez.
Brinquedos: de fita, de anel, Se Bento-que Bento, etc.

ANTIGOS FOLGUEDOS INFANTIS DE SANTA CATARINA

Oswald R. Cabral

Os folguedos e brincadeiras infantís mais conhecidos em Santa Catarina há trinta ou quarenta anos atrás já estão na sua maioria desaparecidos.

No intuito de fazermos uma reconstituição, buscamos o depoimento de inúmeros companheiros de infância — e a maioria dêles já não se lembrava das denominações dadas às brincadeirsa, das suas fases, do seu desenrolar, admirando-se mesmo de que possuissemos memória para reconstituí-los no momento em que realizavamos o inquérito, impossibilitada, pelo esquecimento, as mais das vezes, de emprestar a menor contribuição ao assunto.

Muitos dos nossos entrevistados não podiam sequer solicitar o depoimento dos próprios filhos — que só conhecem pràticamente o futebol.

Assim, embora tenha sido grande o esfôrço, não pudemos reconstituir senão os folguedos que se seguem, agradecendo a todos os que se esforçaram por trazer-nos a sua contribuição, por mínima que fôsse, e mui principalmente aos esforçados companheiros do Depar-

tamento de Geografia e Cartografia do Estado, que muito contribuiram para que Péricles Silva, exímio desenhista daquela Repartição, pudesse realizar os desenhos que ilustram o presente trabalho.

1. — A ESCOLHA DOS PARCEIROS

Para os jogos em que se enfrentavam dois partidos ou grupos; a escolha se fazia pelo sistema do **"par ou ímpar"**.

Dois rapazes mais graduados (os maiores, os mais destros ou afóitos, os chefes organizadores da brincadeira) **tiravam o par ou ímpar**, colocando as mãos atrás das costas.

— "Par ou ímpar?" — dizia um dêles.

— "Par" — respondia o segundo.

— "Ímpar" — retrucava o primeiro.

E, súbita e simultâneamente, jogavam as mãos pra a frente, com um certo número de dedos esticados e outros encolhidos.

Somavam-se os dedos estendidos. Se fôsse par a soma, quem tivesse dito "par" teria o direito de escolher o primeiro companheiro para o seu grupo ou partido; o outro escolhia em seguida o primeiro do seu; e assim sucessivamente, cada chefe ia escolhendo, alternadamente, os componentes que restavam, até esgotar o número de rapazes dispostos a tomar parte na brincadeira.

Evidentemente, se a soma fôsse ímpar, escolheria em primeiro lugar quem tivesse dito "ímpar".

A garotada, entretanto, ignorou sempre que, pela lei das probalidades, quem dissesse "par" levaria maior vantagem, escolhendo em primeiro lugar...

2. — SORTE ENTRE PARCEIROS

Em certos jogos haveria de ser escolhido um dos parceiros para representar certo e determinado papel ou função. A escolha era feita por exclusão, procedendo-se à sorte.

Um cantador, chefe da brincadeira, fazia formar os companheiros em roda e, apontando ao peito de cada um, recitava:

— "Um — Dois — Três — Quatro — Quantos — Pelos — Tem o — Gato — Acabado — De nascer — Um — Dois — Três — Quatro".

Aquêle apontado no fim, ao pronunciar o chefe a palavra "quatro", era excluído. Recomeçava a contagem, nova exclusão do derradeiro contado até a exclusão do último. Quem sobrasse seria o escolhido para a função.

Isto posto, entremos na descrição das brincadeiras.

As brincadeiras ou folguedos mais comuns podem ser consideradas em dois grandes grupos: folguedos individuais e folguedos coletivos.

Os folguedos individuais mais conhecidos foram: o arco, as pandorgas (com as suas diferentes denominações, de acôrdo com o tipo empregado), a funda e o bodoque.

3. — O ARCO

Brincadeira simples, consistindo em fazer rodar um arco, guiando-o por meio de uma vara ou arame duro e com a extremidade dobrada em ângulo reto ou gancho, para permitir a suspensão do arco quando o mesmo se desequilibrasse.

Os arcos mais usados eram os de barril, principalmente o arco central, e as rodelas de ferro de fogão, furtadas nas cozinhas maternas.

Guiá-lo pelas ruas era passatempo comum, até mesmo quando iam os meninos a qualquer mandado. Competições entre vários garotos não eram frequentes.

4. — PANDORGAS

Várias eram as denominações e feitíos:

Pandorgas: leves, de papel fino ou de sêda, coloridas a gôsto dos **fabricantes**, de formato hexagonal ou quadrangular. Fios presos nas quatro pontas da pandorga e convergentes ao centro, donde saia o fio principal.

Cola empregada: grude de farinha de trigo ou polvilho.

Armação: taquaras finas de bambú.

Rabo: tiras de pano com nós ou laços, para fazer pêso.

Papagaios: leves, de papel fino ou de sêda, como as pandorgas, coloridas, de formato triangular. Fios nos três ângulos, convergindo para o principal.

SOLTANDO PANDORGA

Material: Papel fino ou de sêda, colorido, taquaras de bambú, cola de sapateiro (grude).

Rabo: No ângulo inferior.

Barrelotes: Forma: Hexagonal ou octogonal.

Tamanho: grandes, chegando a 1 metro de altura.

Fios: grossos, em quatro ângulos, convergindo para a fieira principal.

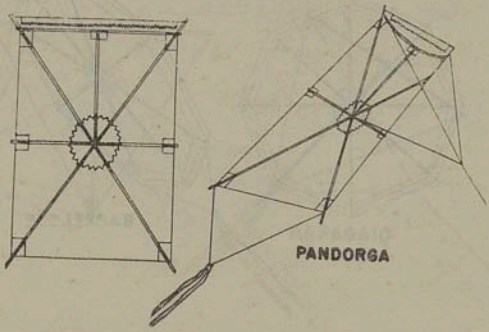
Rabo: comprido (4 a 5 metros) de pano, com numerosos laços e nós. Às vezes, peso na ponta.

Material: Papel grosso, em geral tipo Manilha, pardo. Taquaras mais grossas e resistentes.

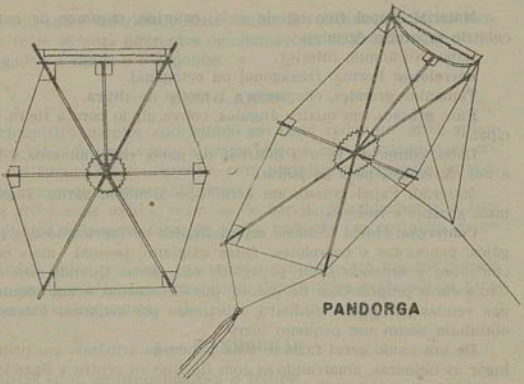
Confecção: Havia técnicos especializados na fabricação dos papagáios, pandorgas e barrelotes. Estes exigiam pessoal mais capaz, cuidadoso e entendido. Os papagaios não tanto. Quando não eram feitos em a própria casa do garoto, por êle mesmo, eram adquiridos nas vendas por pouco dinheiro, fabricadas por senhoras idosas que obtinham assim um pequeno lucro.

De um modo geral fazia-se uma pandorga armando em primeiro lugar as taquaras, amarrando-as com fio fino ao centro e ligando entre si todas as pontas. Cada ponta de taquara determinava um ângulo da pandorga. Depois de estabelecido o esqueleto, bem firme, era o papel colado sôbre a face lisa das taquaras, com grude, operação que requeria grande paciência e cuidado, senão retocados os pontos que não ficassem bem colados. Ao centro, em geral, de forma circular, um contraforte. Tudo isto era posto a secar. Para dar a concavidade, fios diretos ligavam as pontas opostas, bem esticado.

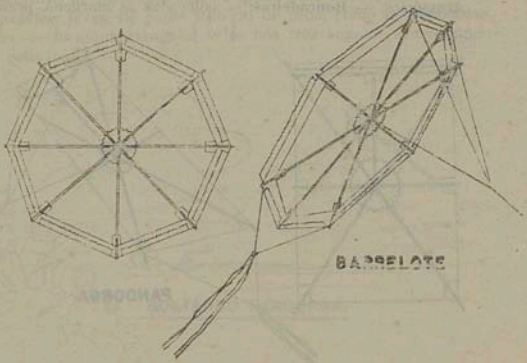
Acessórios: — **Roncadeiras:** — colocadas as margens, presas aos



PANDORGA



fios diretos por uma das bordas e conservando a outra livre. A borda livre era recortada, de maneira que, agitada pelo vento que impelia a pandorga ou o barrelote (os papagaios não possuiam, em geral, as roncadeiras) fizesse um ruido constante, o **ronco** da pandorga, que era o orgulho do seu proprietário.



Cortadeiras: — Cacos de vidro fino e cortante, colocados no rabo da pandorga, para cortar o fio das pandorgas de outros garotos.

Técnica e vocabulário:

Dias propícios os de vento forte, o que é comum no litoral de Santa Catarina, principalmente na Ilha do mesmo nome, nos mêses de abril a junho, principalmente.

Empinar: — Termo empregado para significar a elevação da pandorga nos ares. Para fazê-lo, um auxiliar segurava o papagáio a uns 5 ou 10 metros de distância do empinador. A voz de "larga", o primeiro soltava o brinquedo e o outro, segurando o fio, corria contra o vento, buscando fazer com que o brinquedo se elevasse. Quando não havia auxiliar, com certo geito e habilitade, dando fio aos poucos, puxando-o e largando-o alternadamente, podia realizar o garoto o seu intento.

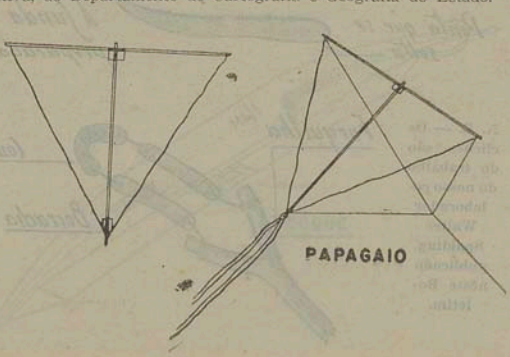
Depois de elevado, ia dando o fio, puxando-o e soltando-o, de maneira a dar cada vez maior distância e altura ao brinquedo. Conseguida esta, ou ficava segurando o fio ou o amarrava a qualquer árvore ou o prendia a uma pedra, contemplado embevecido a sua obra ou ouvindo maravilhado o **ronco da bicha...**

Rabear: — Zig-zaguear da pandorga, quando mal equilibrada.

Maluca: — Pandorga sem estabilidade, rabeando de maneira a não poder ser controlada pelo garoto.

Telegrama: — Pedaço de papel com um orifício no centro que se enfiava pela ponta do fio. Impulsionado pelo vento subia até chegar à pandorga suspensa no ar.

As figuras que ilustram êste trabalho darão melhor idéia dos formatos e demais particularidades assinaladas no texto. São de Péricles Silva, do Departamento de Cartografia e Geografia do Estado.



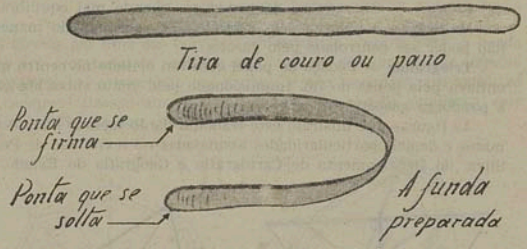
5. — FUNDA

Brincadeira conhecida em todo o país com a mais variada denominação. Arma infantil destinada a ferir pássaros e outros animais, às vezes os companheiros e, quase sempre, as vidraças. Sôbre o assunto já escrevemos um Comunicado à C. N. F., relativo a um trabalho do Prof. Carlos Sttefeld, do Paraná, dando ensejo a que sôbre o tema se pronunciassem os folclorólogos Hildegardes Cantolino Viana, Florival Seraine, Walter Spalding e outros.

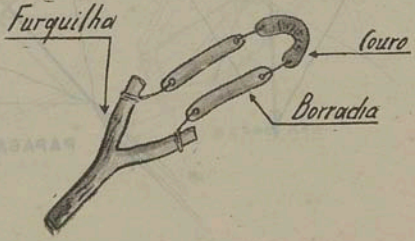
Os tipos usados em Santa Catarina são os que Walter Spalding registra no seu trabalho "FUNDA E BODOQUE" (Boletim Trimestral da Comissão Catarinense de Folclore, n. 6, Dezembro de 1950).

Material: — Forquilha (também chamada forqueta, em Santa Catarina), de madeira, em forma de "Y", tiras de borracha (pneus) e ligueta de couro. Os desenhos dão perfeita idéia do instrumento. **Projetis:** — bolinhas de barro e pedrinhas.

Sinonímia: — Em Santa Catarina: Funda (litoral); Setra (Planalto de Canoinhas, vizinho do Paraná; Schloida (Joinvile e outras antigas colônias alemães). Estilingue é pouco conhecida; Atiradeira e Baladeira nunca encontramos.



N. B. — Os clichés são do trabalho do nosso colaborador Walter Spalding, publicado nêste Boletim.



6. — BODOQUES

Arma infantil, destinada como a funda, à caçada de pequenos animais.

É um arco de duas cordas.

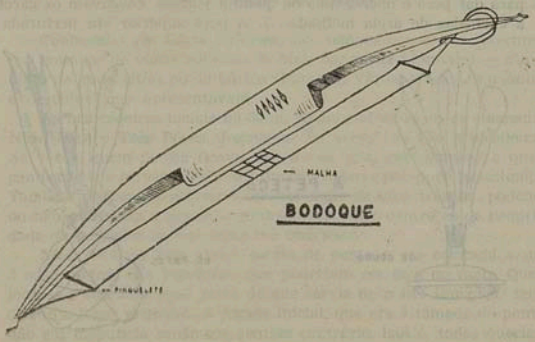
A madeira, escolhida pela sua elasticidade (Walter Spalding diz que no Rio Grande são usados o marmeleiro e o araçazeiro; em Santa Catarina também são usadas as mesmas madeiras), preparada com esmero, cortada a canivete afiado e polida a caco de vidro.

A vara cilíndrica é cortada no sentido perpendicular, de maneira a que a face externa seja convexa e a interna plana. Só a empunhadura, de uns dez a quinze centímetros colocada ao centro, conserva a forma circular. Assim, um corte transversal feito no centro, apresentará uma ação circular; feito nas extremidades, uma seção semicircular. Tal disposição facilita a curvatura necessária ao arco.

Na extremidade do arco há um entalhe triangular, destinado a manter as cordas em posição. Dêsses entalhes saem as cordas, a princípio trançadas, para se abrirem mais abaixo, sendo que a distância entre elas é mantida por um pequeno fragmento de madeira chamado **pinguelete.** A altura do punho (também chamado de **pegadeira**) as cordas são ligadas por uma trama, também de barbante, ligados várias vezes, destinado a receber o projetil, e que se chama **"malha".**

Variam os bodoques de tamanho, havendo de 50 centímetros e maiores de tamanho superior a um metro.

Os projetis mais usados foram sempre os pelotes de barro cosido, fabricados pela própria rapaziada ou nas inúmeras olarias existentes no litoral de Santa Catarina, sendo que no Mercado de Florianópolis,



naqueles tempos eram os mesmos vendidos a preço irrisório. O seu tamanho era comumente o de uma bola de vidro (pêcas, bolas de gude). Outros projetis, pedras miudas, seixos rolados, bagas de frutos (nozes), etc....

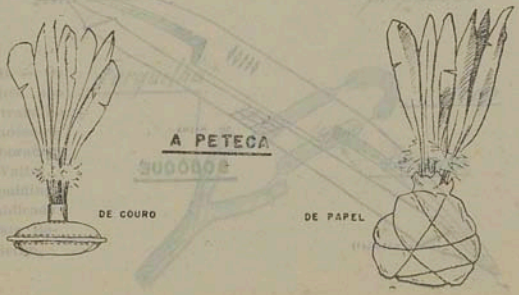
No Rio Grande do Sul, segundo Spalding, o Bodoque tem apenas uma corda; na Bahia, Hildegardes Cantolino Viana não encontrou jamais um bodoque, sendo que tal denominação é dada à nossa funda; em São Paulo, Alceu Maynard Araujo registra o bodoque de duas cordas em magnífico trabalho intitulado LÚDICA INFANTIL, que destinou ao BOLETIM TRIMESTRAL DA COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE.

Poderiamos ainda registrar aqui o Pião. Mas em Santa Catarina, em tempos passados, o pião era brincadeira que raramente era executada por um só menino. Havia competições entre grupos e, por isso, incluimos entre as brincadeiras coletivas.

As brincadeiras ou folguedos realizados com o concurso de mais comparsas, que conseguimos apurar, foram em outras épocas os seguintes: — Peteca; Bolas de vidro; Cabra-Cega; Ovo Choco; Chicote Queimado; Acusado; Bota; Garrafão; Bandeira; Amarelinha; Carniça ou Pastelão; Pião; Cavalo-de-Guerra; Briga-de-Galo; Anel; Bate-béte; Bola-de-Pano; Circo; Quadrilha; e Batalhão.

7. — A PETECA

As petecas eram feitas de couro ou de papel. As de couro compunham-se de duas peças circulares, de 5 a 7 cms. de diâmetro, cosidas pela periferia e recheiadas de algodão ou outra substância (às vezes, para dar peso e doer a mão de quem a jogasse, chegavam os garotos a enchê-las de areia molhada...). A peça superior era perfurada e,



pelo furo central passava um colarinho de 2 a 3 cms. de altura, cosido nas bordas do citado orifício. Este colarinho é destinado a manter um certo número de penas tiradas à cauda de galinhas e perús, penas que dão estabilidade à peteca, de maneira a que cáia a mesma sempre na mesma posição, isto é, com as penas para cima. As petecas de importação traziam penas coloridas; as de fabricação dos sapateiros locais (que se limitavam a cortar e a coser a parte de couro) traziam as penas que a garotada pudesse conseguir, ou por ocasião do sacrifício de qualquer galináceo, ou as furtadelas, pelos galinheiros da visinhança. Muita galinha amanheceu **sura**, por ter fornecido matéria prima para a fabricação de petecas!

As petecas de papel eram de fabricação improvisada, caseira: sôbre uma bola de papel iam sendo arrumadas camadas concêntricas como as de uma cebola, até que a mesma tomasse volume também de uma cebola. Enfiavam-se as penas e amarravam-se com barbante penas e bordas do papel, cortando-se as pontas. Para maior esôrço, passavam-se os cordões várias vezes, apertando o corpo da peteca.

Para **vadiar** (o têrmo ainda é usado hoje, no sentido de "brincar") de peteca ficavam os rapazes (ou meninas) em círculo e cada um jogava a peteca para cima, batendo-a com a mão espalmada. Aquêle de quem se aproximasse a peteca ao cair deveria impulsioná-la novamente, evitando caisse a mesma ao chão.

Terminologia:

Rabou: — Dizia-se quando o parceiro errava. O têrmo era usado em outras brincadeiras, também, como sinônimo de errar, não acertar, falhar a jogada.

8. — BOLAS DE VIDRO

Conhecidas em Santa Catarina, nos tempos a que nos referimos, por bolinhas de vidro, bolinhas de nica; por pêcas (Joinvile) — são as bolas de gude (Rio) ou de búrico (Paraná). Vários eram os tamanhos e desenhos que apresentavam.

As brincadeiras usuais há 30 ou 40 anos atrás eram as chamadas: Nica, Bóca e Três Bócas. Jogava-se "às veras" ou "de brincadeira". Às veras, quem perdia ficava sem a sua bola, entregando-a a quem ganhasse; "de brincadeira", "à brincas", apenas por puro passatempo. Também podiam os parceiros apostar mais de uma bolinha, podendo ou não, conforme o ajuste, o ganhador escolher dentre as de propriedade do perdedor as que mais lhe conviesse.

Nica: — Uma bola maior servia de ponto e era colocada a uns 3 ou 5 metros dos jogadores, que poderiam ser dois ou mais. Quem jogasse a sua bola mais perto da que servia de ponto (ou nica) teria direito a jogar primeiro. A jogada inicial, que era a tomada do ponto, não era disputada senão em sentido contrário, isto é, todos queriam

ser o último a jogar. Gritar "ÚLTIMO" em primeiro lugar dava direito a fazê-lo. A vantagem estava em caprichar sôbre a jogada do ou dos parceiros, colocando-se melhor, mais perto do ponto.

Às vezes as distâncias não ficavam muito diferentes. As dúvidas eram tiradas por medição, que se fazia por pés, isto é, colocando o calcanhar ou o salto do sapato junto à própria bola e a ponta em direção à nica. Contavam-se os pés e, se a distância era menor, por palmos e por dedos atravessados. Não raro havia um honroso... "empate", com que se derimiam as dúvidas...

Estabelecidas as prioridades nas jogadas, iniciava o primeiro as fases do jogo, que eram três:

1ª. — Tocar a nica com a sua bola; 2ª. — impulsionar com a sua bola a nica em direção à bola do adversário; 3ª. — tirar a cabecinha.

Esta cabecinha podia ser tirada de perto ou de longe, conforme o ajuste: — de perto, o jogador encostava a sua bola sôbre a nica e a impulsionava em direção à do adversário; de longe, se a operação devesse ser feita sem o encosto, da distância em que estivesse tocando a nica pela última vez.

Realizadas as fases iniciais, o jogador "tem nica", isto é, está apto a tocar com a sua bola na do adversário e ganhar assim a partida.

Qualquer omissão, toque falso, êrro, se **rabou** — entrava em jogo o parceiro que lhe seguisse na vez. Todavia, um jogador errando não era obrigado a reiniciar as fases preliminares, bastando completá-las, se lhe tocasse jogar outra vez, partindo da fase em que houvesse **rabado...**

As partidas poderiam ser simples, como a que referimos, ou ajustadas em dias ou três vêzes, isto é, para ganhar a mesma, completar o ciclo duas ou três vêzes.

BÓCA: — Bóca era um buraco circular cavado no chão, do tamanho de u'a meia laranja, aberto com o calcanhar ou salto de sapato e arredondado a capricho.

As fases do jôgo não diferiam das da nica, fazendo a bóca o papel de ponto. A cabecinha era tirada das bordas da bóca.

TRÊS BÓCAS: — Três buracos à distância de meio a um metro, um do outro, em linha reta. Antes de iniciar a jogada contra o parceiro, o candidato tinha de percorrer as três bócas, ida e volta.

Técnica: — Qualquer que fôsse a modalidade do jôgo, as bolinhas poderiam ser jogadas tomando-as do solo e colocando-as sôbre o indicador encurvado, servindo o polegar de catapulta, para impulsioná-las, ou "de unha", isto é, deixando-as sôbre o solo, impulsioná-las com a unha do polegar, servindo o indicador como gatilho.

Esta maneira era destinada às jogadas delicadas e de precisão. A outra quando a necessidade era a fôrça.

Dar impulso era a fraude mais comum e contra a qual se levantavam os mais veementes protestos e as mais violentas discussões.

Consistia de, em vez do jogador conservar fixa a mão, nas jogadas, levar o braço à frente, de maneira a diminuir as distâncias entre as bolas em jôgo.

Pedir distância era um artifício de técnica muito usado. Se o jogador tivesse de realizar uma jogada, mas estivesse em má posição (por uma elevação no terreno, pela presença a meio caminho da bola de outro adversário, ou por qualquer outra circunstância) poderia "pedir distância", isto é, mudar-se para outro ângulo, conservando, entretanto, a distância real da verdadeira posição. Isto dava ensejo a medições e discussões... E a brigas!...

Pagar com bolas quebradas as apostas, quando do ajuste não constava o direito de escolha ao ganhador, era truque muito usado. Os protestos acabavam em brigas, pois o ganhador sentia-se lesado pela esperteza do perdedor.

O jôgo de bolinhas era exclusivo dos rapazes.

9. — CABRA CEGA

Brincadeira conhecida, comum a rapazes e meninas, que consiste em vedar os olhos de um dos jogadores com um lenço ou pano e obrigá-lo a pegar um dos comparsas. O que se deixa pegar passa a ser a "cabra cega."

10. — OVO CHÔCO

Folguedo comum aos garotos pequenos e às meninas. Consiste em formar uma roda de companheiros, todos voltados para centro. Um outro corre em círculo, deixando cair atraz de um dos componentes, da roda, subrepticiamente, um lenço ou trapo, continuando a corrida.

Se consegue completar a volta sem que o outro perceba, êste é o **ovo chôco**, sendo alvo das zombarias dos companheiros e indo para o centro da roda, enquanto os demais, em algazarra, tapam os narizes.

Se no entanto percebe, ajunta o lenço e sae em perseguição do que lhe colocou o mesmo, tentando pegá-lo. Se o consegue, êste será o **ovo chôco**; para cessar a perseguição é preciso que o primeiro tome na roda o lugar que o outro abandonou para persegui-lo.

11. — CHICOTE QUEIMADO

Folguedo conhecido, ainda hoje existente entre meninos e meninas de pouca idade. O grupo fica encostado a uma parede, sem poder espiar, o que constituiria fraude, logo reclamada. Um dos jogadores, escolhido pelo sistema apontado linhas atraz, vai esconder em

qualquer lugar das proximidades um objeto qualquer, de todos conhecido, e que é o chicote.

Ao aviso de "já!" todos saem a procurá-lo.

Para facilitar a procura e dar indicação aos que procuram sôbre a localização do objeto escondido, o primeiro vai dizendo:

— "Esta frio... Está frio..." — se se afastam do objeto.

— "Está esquentando... Mais..." — se se aproxima do mesmo

— "Fulano está quente! Tá pegando fôgo! Tá fervendo!" — se o Fulano está com as mãos sôbre o objeto e entretanto não o acha.

Achado o objeto, será escondedor aquêle que o achou.

12. — ACUSADO

Brincadeira de rapazes, movimentadissima e barulhenta. Dois grupos de rapazes, de número igual. Um grupo vai esconder-se em qualquer esquina, no vão das portas, num buraco, atraz de materiais de construção, onde possa, afinal.

O outro sae a procurá-lo, cautelosamente.

Quando um dêste segundo grupo consegue avistar qualquer dos escondidos, grita: — "Acusado Fulano", e todo o grupo dos seus corre imediatamente até à **barra**, ponto convencionado, sem se deixar tocar pelo que foi acusado.

O que foi acusado, uma vez denunciado não pode eximir-se a sair do esconderijo. Caso chegue à barra antes de todo o grupo, ou de qualquer de seus membros, vai marcando pontos para o seu bando à medida que vai tocando os adversários.

Ás vezes, montando guarda à barra, não deixa que os adversários se aproximem e grita pelos companheiros, para que saiam dos esconderijos afim de regá-los.

As negaças também são usadas. Enquanto um finge querer entregar-se e negaceia, fazendo com que o "acusado" o persiga, o resto do bando **toma barra**, evitando maiores prejuizos para o seu partido.

Acusados todos os componentes, há o revezamento. A turma que ficou vai esconder-se e a que esteve escondida fica na barra, sem olhar, até o grito de "já!", anunciador de que todos estão escondidos.

13. A BOTA

Brincadeira de rapazes maiores, violenta e fatigante.

Risca-se no chão, toscamente, um pé ou bota, com cano, pé e salto, exagerando as suas proporções.

Vários rapazes ficam de um lado e um outro corre em redor da bota, tentando pegar um dêles. Para isto, corre, volta, negaceia, dá contra marcha, retoma a corida, afim de provocar confusão. Os companheiros (quantos mais, tanto mais divertida a brincadeira) pulam

por cima da bota, de um lado para outro, esquivando-se ao que os quer pegar e que não pode pular e sim apenas contorná-la.

Se alguém é pegado ou na ansia de pular a bota, pisa no interior da bota, os comparsas o surram até atingir à barra.

Queimar quer dizer pisar no traço ou no interior da bota, o que é vedado; também o pegador pode **queimar** se pular a bota, o que não lhe é permitido, sofrendo o mesmo castigo.

Malhar é surrar isto é, dar pancada no parceiro que queimou ou se deixou pegar, até atingir à barra.

Jôgo muito usado naquele tempo no antigo Ginásio Catarinense, apesar de reprimido pela sua brutalidade que levava a frequentes brigas.

14. O GARRAFÃO

Mais ou menos como a bota. Desenha-se uma grande garrafa, ou coisa que se lhe pareça, no chão, na areia.

Um dos componentes da brincadeira coloca-se com as pernas abertas sôbre o gargalo, fechando-o ou abrindo-o.

Os que estão fora não podem passar para dentro do garrafão sem que êle esteja aberto. Os de dentro não saem se êle está fechado.

O que pega os companheiros está sujeito á mesma regra de entrada e saída, só que êle apenas pode entrar ou sair pelo gargalo, enquanto os demais o fazem pulando o risco que limita o desenho.

A brincadeira é movimentadíssima, ruidosa e violenta. Se o pegador está do lado de fora e os comparsas também e o gargalo está fechado, corre atraz dos mesmos que não podem entrar. De repente, abre-se o gargalo. Todos pulam e o pegador tem de completar a sua volta para penetrar pelo gargalo. Ha balburdia e atropelos.

Pegado um dêles, "**malham**" todos o infeliz, até que se recolha á barra, tornando-se então, por sua vez, o pegador.

15. A BANDEIRA

Era considerada a melhor das brincadeiras de rapazes, embora fatigante.

Dois grupos de rapazes, escolhidos de acôrdo com o processo já narrado, entre bons corredores e espertos. No terreno traça-se uma linha, que sendo dividida ao meio marca a barra de cada um dos partidos.

Alinhados os partidos, um dêles, previamente designado pelo chefe, deve partir até um ponto convencionado para tomar a bandeira. Algumas vezes arranja-se para tal um trapo qualquer; noutras, bastará tocar num poste, num portal, num ponto previamente combindo.

Ha negaças. Um faz que sae, mas regressa à barra. Se dois ao mesmo tempo saem da barra grita-se:

— "Dois fora!" — e ambos tem de regressar à barra.

Por fim, um avança correndo e em sua perseguição todo o bando adverso afim de não permitir que atinja a bandeira.

Onde quer que o corredor seja tocado, para imediatamente, tenha ou não tomado a bandeira. Feito isto, regressam todos à barra exceto o que ficou **"preso"** e cabe a vez ao outro grupo ir tomar a sua bandeira, perseguido pelos componentes do primeiro bando.

Ficam, assim, no terreno, dois bandeiras presos, um de cada grupo.

Cabe, então a vez ao primeiro ir **"salvar"** o seu companheiro. Outra vez é só um que pode sair, perseguido por todo o bando adverso, que agora terá por obrigação **prender** os dois: o bandeira e o salvador.

O salvador terá de tocar no bandeira. Quando esta é um pedaço de pano, pode ser transferida de um para o outro. E, à medida que os salvadores vão indo ao encontro dos seus **presos**, vem a mesma aproximando-se da barra. Aquêle partido cuja bandeira entrar primeiro na barra, ganhou a partida. Todo o grupo então se reune em torna da bandeira e grita a **una voce** — "Ganhamos!" — que se ouve quadras adeante...

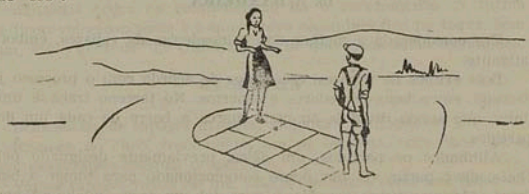
E, se ha tempo, recomeça-se a brincadeira.

16. A AMARELINHA

Jôgo demorado, de rapazes quietos, podendo ser jogado por dois, três ou mais comparsas.

O desenvolvimento do folguedo é o seguinte:

O primeiro rapaz, tomando de um pequeno caco de telha, plano (a linha amarelinha) atira-o na primeira casa. Encolhendo uma das pernas, pula num só pé para a casa em que está a amarelinha, recolhe-a e, sempre pulando num só pé, percorre todas as demais, podendo descansar na casa superior, também chamada muitas vêzes de **"céo"**.



AMARELINHA

Em seguida, joga-a na segunda o procede de maneira idêntica e assim sucesivamente, até a derradeira.

Se tocou, ao pular, com pé no risco, ou se pisou com os dois pés, **"queimou"**, entrando então o companneiro a fazer o seu jogo, de maneira idêntica. Para que o primeiro retome a brincadeira é preciso que todos os outros parceiros "queimem", e a brincadeira é sempre retomada no ponto em que houve a "queima".

Se não queimou, conseguindo repetir a manobra inicial em todas as casas, está findo o primeiro tempo, passando-se então ao segundo.

No segundo tempo, jogado o calhau para a primeira casa, num pé só, com a ponta do sapato o impele para a segunda; desta para a terceira e assim por diante.

Se o calhau fica sôbre a linha — "queimou".

Cumpre-se assim a segunda fase. A terceira é a seguinte: o rapaz coloca o calhau sôbre o dorso do pé e vae andando, de casa em casa, cautelosamente para que não pise sôbre as linhas nem para que o calhau cáia de cima do pé. Onde cair, **queimou**. O quarto tempo é realizado com o calhau sôbre a testa, a cabeça voltada pra cima. A cada passo, pergunta o rapaz ao companheiro:

— "Queimou?"

Se a resposta é negativa, prossegue.

O último tempo é feito sem o calhau, mas com os olhos fechados, repetindo-se tôda a manobra para não queimar. No **céu** é permitido abrir os olhos.

Terminadas as fases o ganhador escolhe uma das casas e a marca para si, com um desenho qualquer: linhas em diagonal, idem com um círculo no centro, ou qualquer outro. E recomeça a brincadeira, da primeira à derradeira fase .A cada pertencente a um dos jogadores é tabú para outro. Nela o seu dono pode pisar com os dois pés, deixar cair o calhau, abrir os olhos, fazer tudo o que não lhe é permitido fazer durante as jogadas. Em compensação, o adversário não pode tocar nela .Terá de pular sôbre a mesma. Se a tocar, **queimou.** Duas ou três casas escolhidas por um dos jogadores, juntas, é uma dificuldade quase que intransponível para o outro. Quando um escolhe uma casa, o outro ganhando deve escolher logo a imediata, pois assim estará garantido contra a possibilidade de enfileirar casas o adversário.

A brincadeira é demorada, é usada também pelas meninas e termina quando todas as casas tiverem dono ou quando se tornar impraticável pelas dificuldades oriundas da escolha das casas.

17. CARNIÇA OU PASTELÃO

Folguedo d rapazes, consistindo em ficar um dêles curvado e pularem os demais por cima.

O que fica curvado fica normalmente de lado para os parceiros, sendo que apenas numa das figurações fica de costas.

Para pularem os garotos apoiam as mãos sôbre as costas do que está curvado e, realizando o salto, êle coloca-se também em posição para que os demais pulem por cima dêle. O da frente, chefe, é quem indica a figuração. Muitas figurações não consegui mais reconstituir. As lembradas são as seguintes:

Pastelão: — Pulo simples;

Saca-rolhas: — O que pula fecha os punhos e durante o pulo torce as mãos assim fechadas sôbre as costas do companheiro;

Esporada: — Durante o pulo, bater com o calcanhar direito na parte posterior do companheiro curvado;

Bater Bife: — Bater com as bordas internas da mão sôbre as costas do companheiro e depois pular;

Botar carta no correio: — No momento do salto passar a mão direita no posterior do companheiro curvado

Facada por dentro: Antes do pulo espetar a ponta dos dedos no flanco do companheiro;

Facada por fora: Pular e executar a manobra antes de terminar o salto;

Facada por dentro e por fora: — Executar os dois movimentos, antes e depois do salto;

Bananeira: — O companheiro fica quase de pé e de costas. O pulador coloca as mãos sôbre os ombros e pula.

Estes saltos demandam habilidade e agilidade. O chefe comanda a figura, executa-a em primeiro lugar e todos os outros o seguem, até fechar o círculo e assim sucessivamente.

18. — O PIÃO

A brincadeira de pião se fazia apenas em alguns mêses do ano, desaparecendo nos demais. Era frequente ouvir-se:

— "Agora não é tempo de pião!" — quando aparecia algum garoto com o seu brinquedo fora da época. As brincadeiras podiam ser feitas com dois ou mais jogadores, fazendo-se uma circunferência no chão. Os piões deveriam rodar dentro do círculo. Um jogador tendo lançado o seu, esperava que o outro lançasse por sua vez o de sua propriedade contra aquêle. O desejo era partir com o esforço o pião do adversário, o que dependia de pontaria certa.

Também era prova de destreza lançar o pião de encontro ao primeiro, afim de lançá-lo para fora do círculo.

Ainda era costume usar uma pequena bola de madeira para servir de alvo, sendo prova de habilidade "lascar" a bola.

19. — O CAVALO-DE-GUERRA

Consiste a brincadeira em montar um rapaz sôbre os ombros do parceiro, colocando os pés para as costas do mesmo por sob os braços dêle, de maneira a ficar bem firme sôbre a sua montaria.

Outro faz o mesmo e depois de montados pegam-se pela mão direita e puxam-se mùtuamente, até derrubar os cavaleiros.

20. — BRIGA-DE-GALOS

Traçada a circunferência no chão, para dentro do círculo penetram dois rapazes num pé só, fletindo a outra perna. Cruzam os braços e jogam-se um contra o outro, aos trancos, até jogar para fora do perímetro marcado um dêles que, assim, perdeu a partida.

Se, para se equilibrar teve de apoiar-se nos dois pés, perdeu também. Pode entretanto, durante a peleja, mudar de pé — o que faz ou por cansaço ou por tática do jôgo.

21. — O ANEL

Folguedo de meninas e de rapazes miúdos. Um dos comparsas fecha as mãos, como para rezar, conservando no interior um pequeno objeto, um anel, por exemplo.

Os outros colocam-se em fila, também de mãos fechadas. O primeiro vai introduzindo as suas nas mãos dos companheiros e entre as de um dêles deixa cair o objeto. Depois, terão de advinhar quem ganhou o anel.

22. — BATE-BÊTE

Brincadeira complicada de rapazes, exigindo dois partidos. A barra é dividida ao meio, como para o jôgo de bandeira. A da esquerda conta a 3 ou 4 passos de distância com uma segunda barra, de forma circular.

JOGO DO BATE BÊTE

Dentro do círculo fica um dos elementos de um dos grupos, com uma bola forte e dura e um pau. Bate a bola no chão(ou a joga para cima) e violentamente a arremessa com o pau em direção ao fundo do terreno em que se executa a brincadeira. Sai em seguida a correr, devendo alcançar o fim do terreno (onde pode existir uma outra barra) e voltar.

Os adversários, ao ser jogada a bola, devem correr para alcançá-la e com ela buscar atingir o batedor, ou na ida ou na volta. Se atingido, para onde o foi, cabendo então a jogada ao outro. Se não o fôr, deve regressar a sua barra, evitando entrar na do adversário e assim sucessivamente até que a partida termine.

23. — A BOLA-DE-PANO

Naqueles tempos era difícil conseguir-se uma bola de futebol. Então fazia-se com um pé de meia de mulher, mais ou menos perfeito, bolas recheiadas de papel e pano. O único inconveniente é que não pulavam. Mas serviam para jogar.

As traves do goal eram marcadas no terreno com chapéus, paletós dos jogadores ou pedras. Cada **team** possuia de 10 a 20 jogadores, dependendo do número de garotos a brincar. Os **scores** eram depois de uma tarde movimentada de 27 x 50.

Chamava-se a isto — "bater bola".

Não havia juizes. Fouls, hands, corners — toques, escanteios e outras infrações não eram levadas em conta. Só havia uma finalidade: meter goal. O resto era correr atrás da bola, a gritar e a suar a tarde tôda.

Os que não tomavam parte, os que cansavam, ficavam a assistir, tomando partido por um ou outro grupo. Quem quizesse entrar no jogo era só tirar o paletó e perguntar — "De que lado eu jogo?"

Às vezes — frequentes vezes — saía briga. Os grupos logo se formavam a favor de um ou de outro. Dissuadi-la ou impedí-la era coisa que não se concebia. Os que não entravam em luta, animavam-na. Se um dos desafiados ficava com medo, havia ditos espirituosos, indiretas, risos que acabavam por esquentar o ânimo do rapaz ou por chamar-lhe aos brios.

Aí se pegavam.

Não havia o bloco do "deixa disso". Armada a encrenca, só acabava ou com a derrota ou com a fuga dos contendores — recomeçando o jôgo como se nada tivera havido.

Quando um **apanhava**, isto é, quando era vencido, abandonava a briga às vezes chorando. A turma era impiedosa. Não tolerava a fraqueza, inclusive a do seu partidário. Todos, todos sem exceção vaiavam quer o covarde, quer o vencido.

E voltava-se para o bate-bola, para aumentar o score...

24. — CIRCO

Brinquedo obrigatório sempre que aparecia na Capital um circo de cavalinhos. Armava-se no quintal, com folhas de zinco, sacos e panos velhos, um redondel.

Escolhiam-se os artistas, de acôrdo com as novidades que o circo visitante apresentasse. Um fazia as **mágicas**, no trapézio ou na barra fixa. Outro era o palhaço. Um terceiro era o **maluco**. Outros traziam seus cães mais ou menos obedientes, pois nenhum era amestrado. Havia até um circo no meu tempo que possuia uma tartaruga e uma cabra. Preço da função: 20 réis, um vintem... Assistência: a garotada da vizinhança.

Depois, por falta de frequência, a companhia dissolvia-se. Também, por ação direta das mães, que acabavam com a invasão dos seus quintaes por tôda a molecada dos arredores, que vaiavam os artistas e apupavam os atores, provocando protestos e brigas.

25 — QUADRILHA

Naquele tempo não era de bandido e mocinho que a garotada brincava. Mas, organizavam-se quadrilhas. Dois eram os grupos: o dos quadrilheiros e o dos polícias. Não se cogitava de crimes. Apenas êste grupo tratava de prender aquêle. Escondiam-se os membros da quadrilha e a polícia saia a perseguir. Era mais uma brincadeira de esconder do que outra coisa.

Não havia armas nem tiros, mesmo dados com a bôca. Avistado o ladrão da quadrilha, era perseguido e estabelecia-se a luta corporal até dominar o elemento. Depois eram conduzidos à prisão.

26. — BATALHÃO

Brincadeira corriqueira, havendo vários batalhões com soldados, cabos, sargentos, capitães, tenentes e coronéis.

Mais oficiais do que praças. Soldados só guris pequenos se sujeitavam a ser, pela honra de frequentar as brincadeiras dos maiores, que eram sempre oficiais.

As guerra entre vários batalhões eram mais ou menos frequentes, com correrias, gritos, alarmes, lutas simuladas.

Muitas vêzes, as coisas tomavam um rumo sério e chovia pedrada.

Terminada a guerra, quando acontecia algum ferimento (uma pedrada na cabeça) quando as senhoras, temendo pelas suas vidraças, gritavam pelos filhos, pelos maridos, pelos pais dos garotos.

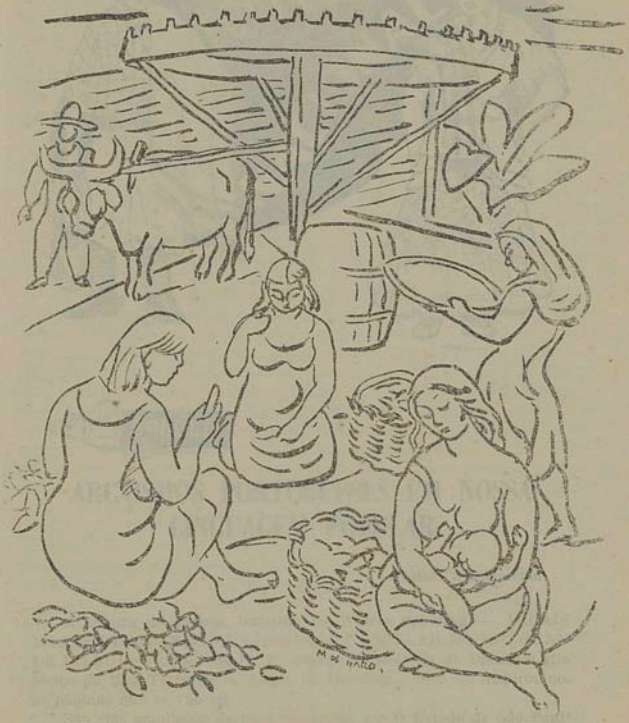
Com a correria geral, terminavam os combates. Mas aprazavam-se outros, para o dia seguinte, fazendo-se planos de ataques pelas ruas laterais ou pelos fundos das casas. Quando os combates eram "às brincas", derrotado era o batalhão que deixasse tomar a sua bandeira — um pedaço de pano qualquer, enfiado num bambú.

27. — CONCLUSÃO

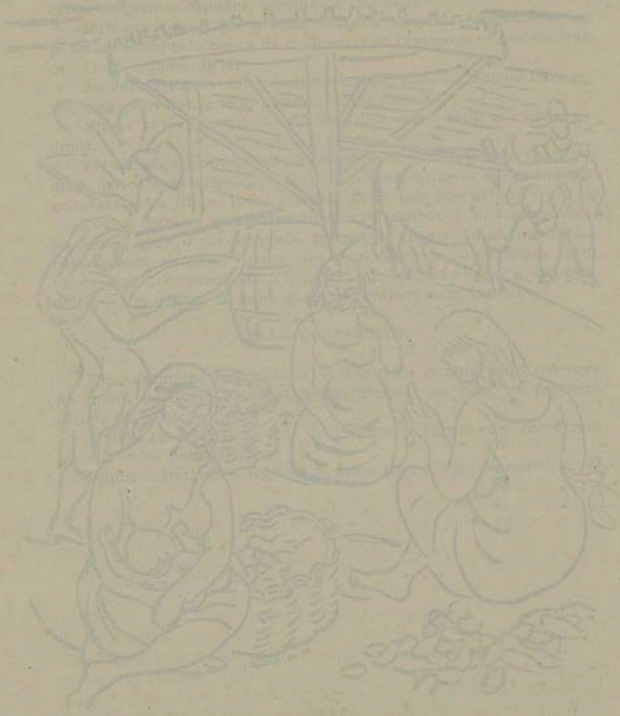
Estas foram as brincadeiras, os folguedos infantis mais em voga no litoral de Santa Catarina, principalmente na Ilha, na primeira década do século.

Muitos já desapareceram totalmente e outros não encontram mais grandes entusiastas.

Fique, entretanto o registro, "para a todo tempo constar"...



"Farinhada — O capote" — carvão de Martinho de Haro



SPAULO

ARCAISMOS PORTUGUESES EM NOSSA LINGUAGEM POPULAR

Aluizio de Almeida

A leitura do valioso trabalho de **Walter Spalding** — ARCAISMOS PORTUGUESES NA LINGUAGEM POPULAR DO RIO GRANDE DO SUL — publicado no 5º volume do **Boletim** do Instituto Histórico da Ilha Terceira, — Angra do Heroismo, 1947, — inspirou-nos as páginas que se vão ler.

São elas ampliação de pequeno artigo em **O Estado de São Paulo** e para o qual o mesmo amigo, por carta, nos enviou novas achegas e o apôio moral que muito vale.

Queríamos começar agradecendo-lhe tanta gentileza que põe á mostra a alma coletiva gaucha, afeita a esses gestos, e render as gra

ças a direção desta Revista, evocando os nossos fastos comuns no tríptico = bandeirante, tropeiro e soldado.

De facto, na formação do Rio Grande do Sul, os paulistas influíram, embora não exclusivamente, já no século 17 devassando o território, sob a forma de bandeiras em marcha contra as reduções; no segundo quartel do século 18 sob o tropeirismo, isto é, a criação e transporte de gado, principalmente cavalar e muar, para a feira de Sorocaba e o centro e norte do país, e isso até comecinhos deste século 20, e de 1777 (pelo menos) até 1827 (no mínimo) como militares enviados pelos capitães generais e presidentes de São Paulo para a defeza das fronteiras.

Se paulistas e gauchos estiveram em contacto assim tão continuado e até íntimo, pois que lhes são comuns muitos troncos e ramos genealógicos, a influência de uns sôbre outros por fôrça havia de ser recíproca, de dares e tomares.

Quem influiu, pois, sôbre os bandeirantes que tornaram, foi o guaraní, que ainda não se constituira o Rio Grande do Sul pròpriamente, e devemos conceder que arcaismos portugueses não podiam interessar a jesuítas castelhanos e a **reduzidos** da guaranilândia.

Quanto ao tropeirismo, o hábito dos peões gauchos tangendo o gado através dos pousos e invernadas, até as Minas Gerais, restringiu-se aos poucos até a feira de Sorocaba, em seus limites geográficos. Numa ata de Câmara, nesta cidade paulista de Sorocaba, de 1840, se lê que os peões gauchos se recusavam a acompanhar as tropas vendidas, e retornavam a seus pagos. Aliás, toda feira exige vendedores e compradores. Enquanto os peões riograndenses voltavam em comitivas pequenas, os sorocabanos iam adiante nos caminhos do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia, Mato Grosso e Goiás. Viagens que levavam muitos mêses, geralmente escolhidos entre fevereiro e maio, pois em junho a geada começava a queimar as pastagens dos campos reiunos.

Releva notar que, no século 19, o facto resumido pelas palavras **tropeirismo e feira de Sorocaba**, teve sua área geográfica limitada, no Rio Grande do Sul, pela antiga região missioneira e o nordeste do Estado.

Se pudéssemos representar num gráfico o facto económico-social e de geografia-humana aludido, tinhamos de riscar num mapa do território brasileiro dos quatro Estados sulinos, com traços mais fortes, a região de São Paulo com o centro social (não geográfico somente) em Sorocaba e, descendo para o sul, no atual Estado do Paraná, os Campos Gerais e de Curitiba, em Santa Catarina a região Serrana do Rio Negro a Lages, no Rio Grande do Sul a região de todo o vale do Uruguai (margem esquerda, evidentemente), e a costa atlântica até os campos do Viamão. Por uma questão de método, podia dispensar-se a zona correspondente ao Uruguai (país) e as pro-

víncias de Entre-Rios e Corrientes, até hoje com a designação genérica de **"os castelhanos"** na tradição oral sul-paulista. Não se pode negar, porém, que havia comunicações frequentes entre paulistas e castelhanos, nos negócios de animais.

Enfim, quanto aos soldados paulistas, talvês 50% voltaram das guerras do sul e, pois, podiam ser influídos por lembranças gauchas nos costumes, na linguagem, na saudade.

Bem. Julgamos justificado, assim, otítulo dêste trabalho: arcaismos na linguagem popular paulista e gáucha.

Houve inter-influências, não só entre São Paulo e Rio Grande, mas até mesmo entre São Paulo e os "castelhanos", mas não chegaram a ponto de introduzir na nossa linguagem comum espanholismos que, na verdade, não passam, muitos deles, de arcaismos portugueses.

Concordamos, pois, com a tese de Walter Spalding contra a mania exagerada dos espanholismos modernos da zona fronteiriça do Prata, e nos parecem fortes seus argumentos, principalmente quanto à interpretação de que são palavras de fronteira e não pròpriamente regionalismos gauchos do sul brasileiro. Mais claro: o uruguaio e o argentino usam essas palavras dentro da faixa brasileira fronteiriça, e os brasileiros que com aqueles falam, as empregam, como se o escritor de um livro, cuja ação se passasse na ironteira, embora escrevendo em português, as empregasse devidamente aspeadas.

O mapa de geografia-humana a que nos referimos, transformado em mapa de áreas linguísticas, teria de assinalar esses espanholismos, embora com os traços fortes de Entre-Rios e Montevidéu, esfumando-se cada vez mais até branquearem de todo, além de Sorocaba, na capital paulista. Por outra, o linguajar dos tropeiros, precedido pelo dos bandeirantes e seguido e acompanhado pelo dos militares, teria de acusar ainda, no sul de São Paulo, um mínimo de palavras e construções castelhanas. Ora, isso não acontece de modo nenhum. E se o pudéssemos provar, evidentemente robusteceriamos com um "confirmatur" o trabalho do ilustre amigo da margem do Guaiba. Ele não precisa destas muletas: nós, porém, precisamos da sua ajuda, por isso que também por cá aparecem, de vez em quando, afirmações de influências castelhanas via Rio Grande do Sul em nossa fala popular. (Entre outros, Julio Ribeiro e Amadeu Amaral, — ambos mestres dignos de serem estudados, mortos que continuam vivos em sua obra, — o atestaram).

Desejando alargar a conclusão para um âmbito nacional, arriscariamos uma afirmação: excepto na pequena e estreita faixa lindeira com as Repúblicas de fala castelhana, há muito poucos castelhanismos no português falado no Brasil. Aqueles da zona limítrofe nem são pròpriamente castelhanismo, isto é: vocábulos luso-brasi-

leiros de origem espanhola, mas palavras castelhanas "tout court". Platino puro e nada mais.

De facto, mesmo no tempo das bandeiras que procuravam o Guairá, encontramos na fala paulista, em vez de espanholismos, gente falando castelhano e sendo compreendida. Mas os filhos e netos já cresciam falando português. Para documentar essa assertiva, lembramos um trecho inteiro em espanhol, autógrafo do vigário de Parnaíba, Juan de Medina del Campo, num inventário de 1634, de Suzana Dias, aliás por seu filho Baltazar Fernandes sogra de uma "castelhana" (Arquivo Público do Estado de São Paulo). — Em **Anais do Museu Paulista**, tomo V, pág. 137 et sequentes, se vê que este Medina era "clerigo castelhano que fué clerigo cura de Guairá".

Conhecemos uma senhora de Montevidéu que faleceu octogenária em Sorocaba, tendo vindo de lá muito jovem, e sabemos de outra (nossa tataravó) que atingiu os últimos anos do século passado, tendo vindo com o esposo, oficial paulista na guerra Cisplatina, que falavam com sotaque e empregavam léxico castelhano. Os filhos não.

A Geografia Linguística dos começos dêste século, renovou os estudos filológicos, especialmente dialetos e fala popular. O léxico, os topônimos, a dialectologia, têem recebido maiores atenções do que nunca. A confecção de atlas linguísticos de cada país é uma necessidade e gostosura... depois de prontos. Eles oferecem factos, em massa e técnica aperfeiçoada, sem a qual toda ciência marca passo. (Cf. a série de artigos de Serafim Silva Neto, em **A Manhã**, do Rio, novembro e dezembro de 1947: — **Estudos filológicos em Portugal**, especialmente a referência a Manuel de Paiva Boléo que em 1942 realizou a primeira "sondagem" linguística em todo Portugal, Madeira e Açores, mediante 12.000 cartas com questionários).

Seria possível um estudo sôbre a linguagem dos tropeiros, digamos, de Passo Fundo a Sorocaba, aplicando essas novas técnicas, porém baseando-o, em parte, no que ainda exista pelas estâncias e no falar dos peões e camaradas, em parte na história e em alguns documentos.

Filologia e história a um tempo, como é o trabalho do prof. Manuel de Paiva Boléo — **A emigração açoreana para o Brasil** (1945). — É claro que tal estudo, para estar mais de acôrdo com as modernas tendências, tem de apoiar-se nas pesquizas in-loco e atuais, porquanto, como acentuou outro notável filólogo português, — Manuel Rodrigues Lapa, — a fonética portuguesa, tão complicada em seus diversos matizes, não pode ser captada somente pela ortografia. Mas as conclusões do estudo sôbre o documento vivo ajudaria a interpretar o documento histórico.

A seguir enumeramos palavras tiradas de vários autores. Quando dizemos que estão ou não em uso no centro e sul de São Paulo, te-

mos apelar para o leitor que aceite a nossa experiência própria, e honesta pesquiza. É trabalho de folclore e o povo é a autoridade.

NO MAIS E BARBARIDADE, são quase que os únicos espanholismos citados por Júlio Ribeiro em sua **Gramática**, como propagados pelos tropeiros: ele morou em Sorocaba entre 1870 e 1876 e, depois, frequentou Sorocaba até a morte, em 1891, salvo engano.

BARBARIDADE, no sentido de coisa admirável, está em uso ainda entre o povo sul paulista: "havia gente na festa, que era uma barbaridade!"

Atualmente, o povo, mesmo roceiro, não usa a expressão NO MAIS como simples tradução de **no más**, castelhano. Vejamos alguns exemplos que tiramos diretamente do povo. Estão dois ou mais amigos conversando; o que vai sair diz: "bem, já conversamos, é hora de ir saindo. No mais, até amanhã". — Outro exemplo: é um final de carta: "No mais, aceite um abraço do seu amigo, etc".

Frase muito usada entre gaúchos e paulistas que com eles conviviam, em Sorocaba, — "Entre no mais!" (Entre sem cerimônia).

Acreditamos que a palavra "no" é puro português, (contração da preposição "em" com o artigo "o"), tanto quanto a seguinte — "mais".

Neste exemplo: "no mais, eu não estou disposto a, etc", quer dizer, **de resto, aliás.**

Em 1864 Francisco Luis de Abreu Medeiros publicou um livrinho hoje raríssimo — CURIOSIDADES BRASILEIRAS — editado por Laemmert, em cujo almanaque, aliás, colaborava. O assunto dêsse livro e de seu companheiro — A FEIRA DE SOROCABA — , comédia, passa-se na cidade natal do autor que, em 1863, se aposentou como professor de primeiras letras, mas passou a outro emprêgo na Capital Paulista. Sorocabano e convivendo com o povo, descrevendo costumes populares, é valioso o seu testemunho. Pois, Abreu Medeiros emprega, na boca de um **monarca das coxilhas** (gaucho sul-rio-grandense) frases inteiramente espanholas, que não é mister citar. E palavras e frases que podem ter origem castelhana mediante os tropeiros, ou serem já do tempo das famílias assuncenhas e guairenhas transmigradas e São Paulo em 1634 e pouco antes. Vejâmo-las:

1. CARAMBA! — Exclamação. Acrescentamos que está em pleno uso inda hoje: "Caramba! que dinheirama!"

2. AMIGUITO — COBRITOS — PRECITOS (precinhos) — TRANQUITO, ou, resumidamente, diminutivos em ITO, que apesar de serem também portugueses denunciam, no geral, influência espanhola. O facto dêste diminuitivo, ainda em uso, admite outras explicações porque, afinal de contas, agora mais do que nunca, o rádio e as músicas, o jornal e o cinema aproximam muitíssimo os povos de línguas espanhola e portuguesa neste nosso continente. Ora, o caipira não gosta deste **"ito"**, prefere **"inho"**. No linguajar popular nem ao menos coexiste êsse espanholismo derrotado pelo português.

3. NO MAS QUE — É assim que Abreu Medeiros ouviu dizer. E traduz a expressão pela portuguesíssima "no mais", onde, tratando-se de pequeno vocabulário e sua explicação, temos de concordar em que "no" é preposição e contração, e "mais", advérbio de quantidade, segundo o sentido que já lembramos. — "Vão se achegando no mais, moçada guapa!" — diz Callage em **Terra gaucha** (Cit. por Spalding). — "No mais " não pode ser "não mais". É como se usa ainda em São Paulo.

4. MUCHACHA — Moça. A esse respeito podemos acrescentar que **muchacho**, moleque da tropa e do carro de bois, é conhecido de Sorocaba para o sul. O curioso é que o espeque, com o qual se afirma o cabeçalho do carro enquanto os bois estão soltos, tem os nomes de **muchacho**, de Sorocba para o sul, e de **moleque**, da mesma cidade para diante, por exemplo, Piracicaba, centro mui notável de linguagem popular, nos arredores. Históricamente, se o vocábulo viesse das famílias guairenhas do século 18, teríamos que encontrá-lo no resto do Estado. Ora, a influência da feira de animais em Sorocaba é um século mais recente. (*)

5. ÊTA! — POR VIDA! — QUEL PUXA! — Como interjeição **êta!** é muito usado. **Por vida!** já está quasi em desuso. Hoje se diz **pucha!**, na gíria, e não cremos seja o mesmo **quel puxa! — O Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa** assinala **êta** como nordestino. Junta-lhe outra palavra e o modifica também em **eita-pau!** No sul de São Paulo é interjeição com idéia de gabo e orgulho: "Êta, nós!" — "Êta, ferramenta!" — "Êta, ferro velho!"

6. MATE CHIMARRÃO — O adjetivo, aliás, é usado para designar o gado que se tornou selvagem. Havia dêsse gado nas fazendas ex-jesuíticas do sul de São Paulo, da antiga Província de Guairá, jesuítica-espanhola.

7. ENTREVERAR — Está em pleno uso, principalmente com extensão de sentido: "Há bairros mal afamados, porque os dois sexos vivem muito entreverados".

8. MANGUEIRA — Curral de gado. É, no sul de São Paulo, o nome preferido a curral.

9. CHURRASCO — CHURRASQUEAR — É curioso lembrar que a palavra esteve sempre conhecida mas pouco empregada, tendo aumentado o uso depois das revoluções de 30 e 32.

10. MATUNGO — "Matungo mui lerdo e cançado". Aqui se vê outra palavra, o advérbio **mui**, tão popular no Rio Grande do Sul e que hoje, em São Paulo, é só das classes eruditas.

11. PAISANITO — Está em desuso. Para o caipira sul-paulista,

(*) — O vocábulo guairenha, vem de Guairá, antiga redução jesuítica na fronteira Paraná-Paraguai, destruída pelos bandeirantes entre 1628 e 1632. Era denominada **Província del Guairá**.

paisano é o que não tem farda, mas quasi só se emprega o têrmo em antítese ou em ocasiões em que há referência a soldados. Quasi que êstes é que chamam os outros de paisanos. Exatamente o sinônimo de **civil**, oposto a **militar**. É claro que êste sentido é de todo o Brasil. — "Vestir à militar — à paisana".

Aqui vão, agora, palavras gauchas da lista de Spalding e que também existem em São Paulo:

ABAXAR — AÇUCRE — ADIVINHAR (escrevemos i, mas existe a forma em **e**, mais rara) — AGACHAR-SE — AGARDECER — ALEMBRAR — ALIMÁ (existe, mas preferem animal, pronunciando o l como r brando) — AMOR (DE) — por amor de: existe PRAMÓDE e PRAMÓRDE: — "Esmola pramorde de Deus!" — ouvimos cantar os morféticos a cavalo no meio da rua, muitas vezes. — ANTÃO — (Antãoces, não se usa) — BADANA — BAUTIZAR — BOMBACHAS — BRABO — CATAR — CONTIA (o uso foi maior nos séculos passados. Dizia-se também **corenta e coresma**) DESPARAR (preferem **disparar** significando correr, (sair correndo) — DESPOIS (cousa curiosa faz parte do falar mineiro, no sul de São Paulo, de alguns descendentes mineiros. **Depois** é preferido) — DONA ("sea" dona, é comum, exatamente a corruptela de "senhora dona") — DROMIR (pronuncia-se **u**: está drumindo?) — ESCACHAR (pela influência dos colonos italianos, é muito popular, mas poderia ser conhecido antes da imigração. — "Escache, mas não relaxe!" é frase feita) — ESCUTAR (o caipira prefere a ouvir. Frase feita: Vá escuitando!) — ESPRITO (é muito usado. Aliás o caipira tem horror aos vocábulos esdrúxulos) — ESTÂMAGO (o caipira diz: **estâmo**: um murro na boca do estâmo) — ESTÓRIA (usa-se, mas preferem história. Inclusive no derivado: cavalo historieiro) — ESTRALAR (muito conhecido) — FRUITO (muito usado pelo caipira: Bendito é o **fruito** do vosso ventre. — Tempo das fruitas: jaboticabas).

Alguns outros arcaismos anotou o prof. Spalding após aquele seu trabalho publicado. Sem esgotar o assunto, aqui arrolamos os que são ainda empregados na zona sul de São Paulo, mas não pretendemos fazer enumeração total.

ARTE, no sentido de travessura.

DEREITA, coexiste com direita, esta a forma preferida.

SEMBRANTE e, em geral, todos os vocábulos em que o **r** brando é preferido a **l**.

PENDENÇA, — AUGUA, também e ouve, mas raramente. — SOSPEITA.

EMPACHO, com o derivado EMPACHAMENTO, — no sentido de estorvo, impedimento, é tão conhecido que faz parte da nossa linguagem médica popular: é prisão de ventre, e quando cresce muito, o paciente está **empachado**. O "Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa" julga brasilieirismo a palavra **empachado**. Ora, de-

riva-se de "empacho", que se pode ler em "Cartas de D. Afonso V". Logo, não é brasileirismo completo. Pergunta Spalding se EMPACHAR, com significado tão parecido não viria daí. Se a aproximação dos dois verbos está requerendo um aprofundamento da questão, mais evidente é a origem de DESPACHO, por antítese, inclusive no sentido de "embrulho com feitiçaria", que o "Pequeno Dicionário" dá como brasileirismo. É claro que a **empacho** de ventre, corresponderá o **despacho.** Contudo, nunca ouvimos em nossa região o uso neste sentido. Julgamos que após a invenção do telégrafo, o uso passou a ser "despachar um telegrama" e atualmente ainda se diz "passar um telegrama", no sentido do "despacho" fisiológico... Assim nascem e se transformam frases feitas. Dessas que velem um pouco a crueza com que ainda falam grosseiros.

Sôbre EMPACAR, é preciso notar que o significado original é para o burro, muito mais empacador que o cavalo. O sentido de "gaguejar", dado pelo "Pequeno Dicionário" citado, não diz tudo. A pessoa que gagueja, empaca, mas por não poder ir para frente. É claro que o sujeito tem de ser pessoa ou animal. Um automóvel não empaca. Um estudante argüido que não vai para frente, empaca e nem sempre gagueja. EMBURRA, muitas vêzes.

Ora, os hábitos da PACA são êsses, de fazer finca pé na lapa em que se entocou. A paca empaca, como o perro emperra. Entretanto, só na categoria de hipótese apresentamos estas interpretações.

Do maior interêsse julgamos serem algumas citas do mesmo prof. Spalding, colhidas em frei Agostinho da Cruz (**Obras**, edição de Coimbra, 1918):

"Pois êle cria FRUITO, cria flores?"
"HONTE, noite fechada, por acêrto..."
"ABASTE que por êle padeceis"
"Que por ferir ESCUMA no terreiro..."
"Em lágrimas banhados ALIMPOU..."
"Do solitário meu cançado ESPRITO"
"E nela se quiz pôr e se SOSTINHA"
"Já meu coração triste ADEVINHA..."
"E só de vós, meu Deus ser ALEMBRADO"
"Qual vem o ráio ardente a NUVE abrindo..."

Acêrca do último exemplo, acrescenta Spalding que pode ser licença poética. O autor é de 1540 — 1619.

INSINAR — INXAME.

LE. — Essa forma do pronome "lhe" ainda se usa, a par de "ie", esta preferida.

LUITA — Muito comum. ALUITAR, idem. Antes do "box", as crianças brincavam de **aluitar...**

MAGINAR — Quantas vezes, contando qualquer facto, ouvimos o caipira exclamar: — "magine! magine só!" — ou então, noutros casos: "Tô maginando, ou tô maginano!"

ONTE — ANTONTE e TRESANTONTE, diz o caipira.

PIADOSO e PIADADE — É muito usado. "Ó quelemente, ó piadoso, ó doce sempre Virge Maria!" — "Nascia na Piadade dos Matos", — dizem.

PIQUENO — É usadíssimo. PIQUININININHO!

PINCHAR — Comum. "Pinche um pedaço pra cá!" — APINCHAR-SE, é caminhar, dirigir-se para algures: "Para onde vai se apinchando?"

PREGUNTAR.

PRECURAR — E, também, PERCURAR.

PREMERO — E, também, PRIMERO.

PRÓPIO — Corruptela de "próprio". — "Um PRÓPIO é um correio". Em espanhol é **própio** que se diz.

SALUÇO — SAMEAR — SOMANA — SUMIÇO — TREIÇÃO — VEZINHO e VIZINHO — VEVER...

Da lista apresentada por Manuel Duarte, em seu livro No PLANALTO (Pôrto Alegre, 1930), tiramos estas palavras, comuns ao Nordeste gaúcho e ao sul paulista:

AZARENTO — CHORAMINGA — CUITELO — CHERETA — ENCOSTO — FIASQUEIRA — GARGANTA (prosa) — GENTARIA — GENTARADA — LABORIAÇÃO — OUVEIRO — PRETUME — PRAGUEJENTO — RECULUTA (palavra que os abridores da estrada Rio Grande — São Paulo já empregavam em 1728) — SIMPATIA (benzedura) — TRANCAFIO — FICAR XAVIER — ASPREJAR — BRUSQUEAR (o tempo) — CHAVEAR — CHUMBEAR —ESPANDONGAR — FESTAR — LASSEAR — (espichar) — PIRRACEAR.

Os sufixos "ento" e "ear" são usados com a mesma intensidade em São Paulo sulino e no Rio Grande serrano. Em Capão Bonito (São Paulo), antigo arraial do Paranapanema, fundado cêrca de 1720)) diz-se "nomerento", o que diz nomes. Usamos **"Bobear"**, dizer bobagens. **"Carnear"** a rez, lá e cá. — MANQUETEAR.

Não copiamos aqui os nomes de objetos de montaria, os "aperos", que são os mesmos. Basta dizer que, se os tropeiros de tôda a região mencionada se forneciam em Sorocaba, terra de cangalheiros, seleiros, tecelões e ourives, os objetos levavam um só nome. Por exemplo: **baixeiros**, — peça lã tecida em teares manuais ou ligada à maneira dos feltros, e servia para proteger o couro do animal sob o selim ou arreio, enquanto o **coxinilho** de linho ou algodão, se punha sôbre o pelêgo, objeto de luxo, êle.

SERIGOTE, espécie de lombilho, e deve ser corruptela de "seligote", pequeno selim. Já houve quem apresentasse a etimologia de algum colono alemão: **Sehr gut!** — Está, mesmo, muito bôa...

Bem. Mas a respeito de tropeiros, sua linguagem e costumes, é preciso anotar que a divisão mais correta é entre o Brasil do Sul e o Brasil do Norte e Nordeste. Pois as tropas de carga variam quanto à sua constituição. Basta dizer, por exemplo, que no Rio Grande do Norte (informação gentil de Manuel Rodrigues de Melo), **tropa** é o lote e **tropeiro**, o tocador de um lote, sendo o total das tropas (lotes), — o COMBÓIO. — Além disso, — e aqui bate o ponto da distinção entre o Rio Grande do Sul dos pampas e o da serra, — se **tropeiro**, em geral, é o que toca qualquer gado, no seu nordeste o negociante de muares e o condutor de tropa arreada é **tropeiro** com significado mais restrito. Ao passo que, fora do Rio Grande do Sul, prefere-se dizer **boiadeiro** ao tropeiro de bois, e **porcadeiro** ao tropeiro de porcos, sendo, no centro do país, a razão dessas especificações a existência dos tropeiros de tropa arreada, de transporte, mais comum do que nos pampas, onde o carro ou carreta de bois teve maior uso em função da topografia mais suave.

É como a palavra **peão**, que se conhece e se usa no sul de São Paulo até hoje por influência gaucha, enquanto que da capital para diante já é só **camarada...**

BOLEAR, usava-se em certas fazendas do Itararé e dos Campos Gerais (hoje Paraná), até o momento em que o uso das bolas desapareceu. Ficou o sentido figurado. **Bolear** uma cousa é atirá-la ao longe.

Temos, assim, uma divisão muito sumária, mas curiosa, do Brasil da pecuária: sul, **bolas**; centro, **laço**; norte, **aguilhada** e **muchica**.

No esporte das carreiras, segundo assistimos e lemos em Cornélio Pires, as diferenças não são muitas para os costumes e as técnicas, exceto a palavra RAIA, que no Rio Grande do Sul é — CANCHA.

A própria designação de ESTÂNCIAS para FAZENDAS DE CRIAR esteve em uso no Paraná e deu um topônimo em São Paulo.

Não esquecer, ainda, que em tôda esta zona a influência africana é pouquíssima na dialectologia e nas "estórias" e contos (colhemos pessoalmente mais de 200), porque os trabalhos do pastoreio exigem liberdade e braços numerosos. Nas lendas verifica-se a unidade de formação, pois até o **Negrinho do Pastoreio**, cento por cento gaucho, existe nos campos de São Paulo. Às vezes se lhe acendem velas pelos pastos, ainda hoje.

Encontram-se novas semelhanças nas quadrinhas, nos versos:

Eu tenho um torocilho,
filho de vaça araçá,
não tem chifres nem tem rabo
por onde a gente "pegá".

Eu sou moço, gaucho,
valente como os mais guapos;
filho e neto de um farrapo
republicano no mais.

O rei sentado no trôno,
tendo o ministro consigo,
não se compara comigo
no lombo do meu "baguá".

Se ele é rei, eu sou monarca;
se ele tem cetro dourado,
eu tenho o meu relho prateado
e a ponta do meu punhal.

De bol e laço nos tentos,
ando mais ligeiro que o vento,
por sangue de bamburral...
Sentado no meu lombilho,
eu quero ver se alcanço
as aspas de algum novilho.

Se o novilho me matar,
não me enterrem em campo seco,
me enterrem em campo verde
onde passa "el manganan" (sic).

Esta poesia veiu dos lados de Cruz Alta a SãoPaulo, e comunicou-no-la o prof. José Antonio do Amaral Vieira.

Em suma, parece-nos que os espanholismos desde o nordeste do Rio Grande do Sul até o sul de São Paulo inclusive, são pouquíssimos, apesar da convivência maior com os castelhnos, e que muitos brasileirismos são apenas **arcaismos portugueses**, sem ser preciso procurar suas origens entre os nossos paises visinhos.

É inegavel que no Rio Grande do Sul, de modo geral, há maior número de espanholismos que em São Paulo e no resto do país.

Especialmente a forma HAI nos parece, como BARBARIDADE e CARAMBA, herança do século 17, guairenha. O mesmo povo diz: "este objeto é o que HÁ de bom"! — como diz: "não HAI muito feijão este ano". São cousas...

Ao terminar, acreditamos ter aduzido alguns motivos para crer que, assim como a região nordestina gaucha, serrana catarinense, campos gerais paranaenses, e campos do sul de São Paulo, os regionalismos se devem atribuir mais á língua portuguesa antiga que ás visinhanças com os castelhanos, assim tambem pode acontecer de modo especial em todo o Estado do Rio Grande do Sul.

Para êste trabalho faltam indicações e bibliografia no campo das ciências filológicas, pois apenas costumamos fazer pesquizas diretas entre o povo para as questões de folclore, embora tão afins.

Julgamos, de certo modo, enriquecê-lo ajuntando este documento raro de linguagem caipira, tirado de "O Diário de Sorocaba", de 1882, onde se vê, p. ex., a forma LE (lhe) denunciando convivência maior com os gauchos, talvês, se é que não se deu o contrário e daqui foi para lá a preferência.

Para entender o valor do pequeno documento reimpresso agora e fora de São Paulo, é bom anotar a formação dos professores "de palácio", que o Presidente da Província examinava.

Linguagem caipira de 1882

Itapetininga **(sul de São Paulo)** — "Primo Tonico. — Chapadinhas, 11 de novembro. — Ei de estimá que estas duas regras vá encontrá le no gozo da mais perfeita saude, como pra mim desejo.

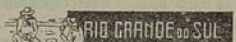
Le comunico que por tudo este meis eu trotêo pra S. Paulo fazê inxame de professô que é o mió negóçio que anda oje em dia, desde que o negócio do porco se arrumô-se que não vale uma pitada de fumo ruim.

Entonce nha mãi se alembrô-se que os inxame oje é munto faci, e foi falá co compadre dela nho Tristão que tem munta amizade em S. Paulo.

Foi daqui uma rapaziada pra S. Paulo e vortaro tudo professô. Me empreste os livro de Carlos Magueno, Princeza Magalona e Bertoldinho".

Rua Rui Barbosa, 78

Sorocaba — Estado de São Paulo.



AS ÁRVORES NA ANTIGUIDADE

Tassilo Orpheu Spalding

Dentre os clássicos que mais belamente discorreram sôbre as árvores, cumpre destacarmos, entre outros, Hesíodo, Varrão, Teofrasto, Catão, Plínio, e, sobretudo, o imortal Vergílio, cujo livro segundo das suas **Geórgicas** é um monumento eterno levantado à glória das árvores, amigas fiéis dos homens e dos deuses. O verso 433, do segundo livro da citada obra do vate mantuano, é justamente célebre. Escandalizado, Vergílio se admira de que os homens, seres racionais, manifestem tão escassos interêsses pelas árvores, das quais êle acaba de enumerar os benefícios com o mais vivo entusiasmo: E hesitam os homens a plantar árvores e a elas dedicar cuidados! **Et dubitant homines serere, atque impedere curam!**

O Antigo Testamento nos mostra as árvores ora como símbolo ora como modêlo. Simboliza a fôrça, o valor e o poder o cedro gi-

gantesco que se ergue nos montes do Líbano, **Sicut cedrus Libani.** O varão justo é comparado à palmeira que se desabotoa em frutos, **Justus ut palma florebit.** A figueira é o emblema da abundância, da prosperidade e dos deveres de hospitalidade. A prole numerosa, abençoada por Deus, é comparada aos renovos da oliveira, que, todos os anos, rebenta em novos brotos, **Filii tui sicut novellae olivarum in circuitu mensae tuae.** E teus filhos rodearão a tua mesa como renovos de oliveira. Encontra-se, ainda, na Sagrada Escritura, um apólogo no qual as árvores discutem e chegam à conclusão de que lhes não convém abandonarem seus dons, como a oliveira o azeite e a figueira o doce fruto.

Esopo, dos antigos, parece ter sido o primeiro a usar das árvores com o fim moral de instruir os homens. Fedro, seu imitador latino, no prólogo das suas **Fábulas** faz menção das árvores: **Quod arbores loquantur, non tantum ferae.** Porque não sòmente as feras mas até as árvores falam. É de se presumir, pois, que se tenham perdido algumas das fábulas de Fedro, em que eram interlocutores também as árvores, como em Esopo, já que das chegadas até nós nenhuma tem representantes do reino vegetal como personagens.

A dendrolatria, isto é, o culto de adoração prestado às árvores, existiu não sòmente entre povos primitivos mas até no seio de nações cultas e de adiantada civilização, como Gregos e Egípcios. Assim é que vemos a árvore sagrada da Cólquide, na qual estava suspenso o tosão de ouro que Jasão veio buscar em companhia dos Argonautas, e dêle se apoderou não obstante o dragão que o guardava. Havia, no Epiro, uma região chamada Caônia, na qual se encontrava a floresta de Dodona. Célebre tornara-se esta misteriosa floresta por causa da árvore sagrada que aí havia, um anoso carvalho, onde pombas, com voz humana, proferiam oráculos. É o **quercus sacra** dos poetas.

Também os Germanos da antiguidade veneravam os carvalhos como árvores particularmente gratas ao deuses, e, não raro, escolhiam um como divindade tutelar. É fama que os Gauleses, ao visgo (planta da família das Leguminosas) extraído dos carvalhos, dedicavam singular respeito. Os Drúidas só cortavam êste visgo, considerado sagrado, após várias preparações rituais e longas cerimônias.

Os principais apóstolos da antiga Germânia e regiões circunvizinhas, São Bonifácio, São Vilibrodo, São Columbano e São Remígio, mais de uma vez viram-se às voltas com endemoninhadas árvores que não só davam oráculos mas até incitavam o povo pagão a expulsar de suas terras os piedosos missionários.

Dendrolíbano chamavam os antigos as coroas feitas com o apreciado cedro do Líbano — a árvore do Líbano — e criam não haver sacrifício mais agradável aos **superi** do que tal oferta.

A Silvano davam o nome de **Dendróforo,** o que vem a significar

Aquêle que traz uma árvore, pela razão de se acreditar que a dita divindade carregava sempre uma árvore verde, especialmente o cipreste. Dava-se, igualmente, a designação de **Dendróforos** àqueles que nas festas de algum deus, como Baco ou Cibele, traziam árvores às costas em honra dêles e isto era o que se dizia **Dendroforia.**

Grande respeito nutriam os habitantes da Tessália e da Acaia, assim como de outros lugares, por determinadas árvores as quais estava ligado o destino das Hamadríades, ninfas dos bosques e filhas de Nereu e de Dóris. Mostravam-se as Hamadríades agradecidas para com aquêles que as preservavam da morte venerando as árvores das quais dependiam. Por outro lado, a todos aquêles que as prejudicavam, cortando as árvores de cujo destino participavam, infligiam horríveis castigos.

A acácia negra gozava, na antiguidade, de grande prestígio. No dizer de Plínio ela entrava na confecção de unguentos e pomadas, curando as inflamações dos olhos, as chagas, esfoladuras e até a erisipela.

O cipreste, árvore melancólica e funérea — **cupressus feralis** — a tanto chegou devido a sua dolorosa história. Conta-se que Ciparisso, filho de Telefo e muito amado de Apolo, criava um gentil veado que era todo seu encanto. Vindo, um dia, por inadvertência, a matar o lindo animalzinho, foi tanta a dor que dêste fato concebeu, que quís tirar-se a vida. Apolo, movido de compaixão, o metamorfoseou em cipreste.

Conta a Mitologia que Pitis, ninfa de rara beleza, tomou-se de amores por Bóreas, vento setentrião, filho de Astreu e Eribéia. Mais tarde, porém, com a inconstância própria do sexo, Pitis deixou-se seduzir pelo trêfego deus Pã, protetor dos rebanhos e dos pastores. Não tardou muito e o sanhudo Bóreas conheceu que Pitis o traía. Indignado, arrebatou-a num violento redemoinho e a arrojou sôbre agudos rochedos, onde a infeliz ninfa em breve veio a expirar. A mãe terra — **mater tellus** — compadecida da triste sorte que coubera a tão formosa criatura, metamorfoseou o seu corpo outrora escultural, reduzido a postas pela quéda, num soberbo pinheiro. E desde então esta árvore arrosta, galhardamente, os ventos furiosos, e não perde a folhagem, símbolo da sua dedicação e da sua constância ao irascível Bóreas que a não soube perdoar e a quem ela sempre amara.

A palmeira, cujas fôlhas eram usadas como insígnias da vitória, parece ter tal uso desde os mais recuados tempos. Com o correr dos séculos confundiu-se a deusa vitória com a **dea palmaris,** a deusa que carrega palmas. Apuleio, entre outros, dela faz menção.

"É um fato seguramente admirável — diz Aulo Gélio — o que nos refere Aristóteles no sétimo livro dos seus **Problemas** e Plutarco no oitavo livro dos seus **Simposíacos.** Se ao tronco flexível da palmeira for ligado um grande peso, se for carregada de um fardo que pa-

rêça ultrapassar sua capacidade natural de resistência, contudo, ela não cederá, não se curvará até a terra, mas, sob o peso, formará um arco. Por isso — ajunta Plutarco — escolheu-se o ramo da palmeira como símbolo da vitória, porque é próprio da sua natureza jamais ceder à fôrça que a oprime".

A vinha, sagrada entre Gregos e Romanos, possuia raros predicados. Vários são os mitos que a ela se referem. Contam que Stáfilo era um jovem pastor do famoso rei Êneo. Êste pastor, observando que algumas de suas cabrinhas chegavam mais tarde do que as outras ao curral, resolveu verificar o motivo desta demora. Seguiu-as, ocultamente, um dia, e foi encontrá-las num lugar retirado, onde comiam uvas, frutas até então desconhecidas. Acrescentam que Stáfilo as trouxe a Êneo o qual delas fez o vinho e que do nome de tal rei procedeu darem os Gregos o de **oinon** a êste licor.

Para os Romanos a cepa da vinha era a insígnia de comando entre os centuriões que dela se serviam para castigar os soldados.

O loureiro, árvore consagrada a Apolo por causa da triste história de Dafné, possuia miraculosas virtudes. No dizer de Luciano, Hesíodo tornou se poeta por haver colhido algumas fôlhas de louro sôbre o Helicão.

Curiosa particularidade da oliveira, no dizer de Aulo Gélio, é a de, no solstício de inverno e no solstício de verão, voltar para o sol a face inferior de suas fôlhas.

Abundavam, na antiguidade, as árvores funestas, como, por exemplo a azinheira. Os carvalhos atingidos pelo raio gozavam de qualidades divinatórias e profetizavam desgraças, como se lê na primeira **Bucólica** de Vergílio:

Saepe malum hoc nobis, si mens non laeva fuisset,
De caelo tactas memini praedicere quercus.

Lembro-me que esta desgraça muitas vêzes nos foi predita — cego que eu era! — pelos carvalhos atingidos do fogo do céu.

Os teixos, no dizer do referido poeta, eram maléficos — **taxique nocentes** — e isso porque criam os antigos que estas árvores, principalmente as da Espanha, continham veneno nos frutos, na madeira e mesmo na sombra. Plínio (XVI, 20) é da mesma opinião e assegura que é sumamente pernicioso repousar à sombra dum teixo.

A aveleira possuia a justa fama de ser nociva às demais árvores e plantas e isso, certamente, em virtude de suas raízes entrelaçadas. Consideravam-na, sobretudo, prejudicial às vinhas e Vergílio recomenda que não as plantem junto dos parreirais.

Honorius Augustodunensis, curiosa figura da primeira metade do século XII, na sua obra **De imagine mundi**, entre outras coisas para nós interessantíssimas, pergunta, a si mesmo, que é o mundo.

E, em seguida, passa a explicá-lo, segundo a sua engenhosa, pitoresca e fantasista concepção. Ao tratar da Ásia fala na **Árvore da Vida.** Grande número de autores dos primeiros séculos da nossa era, que se dedicaram a tal assunto, não hesitaram em localizar a maravilhosa **Árvore da Vida** na Ásia, e isto pela excelente razão de ter a vida e a civilização humanas surgido no Oriente, seguindo, assim, o curso aparente do sol, do Oriente para o Ocidente. Honorius não escapa à regra geral. Ásia — diz êle — tira o seu nome duma rainha. É a primeira região a êste partindo do Paraíso. Este Paraíso é um lugar de delícias, inacessível aos homens em virtude da muralha de ouro que o cerca e que se eleva até os Céus. Lá se encontra a **Árvore da Vida,** cujo fruto torna imortal e eternamente jovem aquêle que o come. Encontra-se, também, aí, uma fonte que se divide em quatro rios, o Nilo, o Ganges, o Tigre e o Eufrates... E pôr êste andar o bom Honorius continua a divagar, fazendo do mundo as mais miríficas descrições.

Alexandre Neckham (1157 — 1217) legou-nos um curiosíssimo tratado, **Da Natureza das Coisas e dos Louvores da Natureza Divina.** Encontram-se, nesta obra, fatos mais maravilhosos do que aquêles que enchem os livros infantis, como homens sem cabeça, dragões falantes, aves e répteis extraordinários, regiões fantásticas e mares temerosos... Tudo isso, para Alexandre, são realidades insofismáveis. Sua credulidade é tal que afirma, com tôda a seriedade, que o galo, em se fazendo velho, começa a pôr ovos e dêstes surgem os basiliscos...

As definições de Alexandre são admiráveis enquanto imprevistas. O seu conceito de homem é estonteante: o homem é uma árvore ao contrário. A exatidão desta sua assertiva se funda na própria etimologia do vocábulo grego, **Anthropos: Anthropos interpretatur arbor inversa.** E daí entra a explicar, com minúcias, as notáveis semelhanças e relações de afinidades (!) entre a árvore e o homem, terminando por afirmar que os cabelos dêste último são as raízes, e êle caminha, pois, com as raízes no ar.

Janeiro de 1952, 10.

"O Chimarrão" — óleo de Martinho de Haro

A BELA E O MONSTRO

Fernando de Castro Pires de Lima

"La Belle et la Bête" é uma fita cinematográfica cheia de beleza e de poesia. Jean Cocteau fez sem dúvida o seu filme mais claro e mais emotivo.

O conto presta-se admiràvelmente a ser traduzido em linguagem cinematográfica.

Jean Cocteau declara que o problema foi difícil porque tudo era limitado nos domínios da economia. A época não é propícia para esbanjar dinheiro. É duma verdade impressionante quando declara que também os parcos recursos materiais têm as suas vantagens e a maior de todas: "Ser talvez a maneira de excitar a imaginação que fica inativa rápidamente em contacto com a riqueza".

Depois o realizador declara que foi preciso um longo ano de preparativos e obstáculos para levar a cabo a sua missão. E justo é dizer que "La Belle et la Bête" depois de muito trabalho e sacrifício ficou uma obra prima. E isso deve-se a Jean Cocteau que soube rodear-se de ótimos colaboradores, entre os quais justamente se devem destacar os dois principais interpretes: Josette Day em "La Belle" e Jean

Morais em "La Bête". O comentário musical de Georges Auric é excelente, assim como a fotografia que é maravilhosa. Merece referência especial a sonorização e a doçura de linguagem. Pena é não ter tempo para dizer da minha justiça sôbre vários colaboradores e alguns atores secundários que ajudaram a realizar uma obra prima.

Pronuncia-se Jean Cocteau sôbre o conto "que exige a fé e a boa fé da criança. Quer dizer com isso que é necessário acreditar-se na própria origem e admitir que cortar uma rosa possa arrastar uma família para uma grande aventura, e que um homem possa ser transformado em bicho e vice-versa".

Devo dizer que o filme tem atmosfera própria e traduz admiràvelmente o maravilhoso do conto de fadas. Jean Cocteau venceu e convenceu. E não há dúvida como êle muito bem ensina: "o mistério possui as suas leis". E quando discute a maneira como orientou os trabalhos de "La Belle et la Bête" confessa que "o método foi simples: "não se ter mesclado de poesia, porque a poesia deve nascer de si mesma".

*
* *

No livro "La Belle et la Bête" (Journal d'un film) escreveu Jean Cocteau: "Conhece-se o enredo do conto de Madame Leprince de Beaumont, conto muita vezes atribuido a Pessault".

É curioso, que enquanto o filme passava diante de meus olhos, e mais bonita num lugar isolado, perdido num bosque e fá-lo por não era através de Mme. Leprince que o conhecia. E assim procurei entre os meus inúmeros livros a obra ou obras onde tal conto se poderia encontrar. De fato assim sucedeu.

E assim vou identificar uma obra cinematográfica de invulgar categoria artística, na qual pôs todo o seu talento de realizador o insigne Poeta Jean Cocteau.

A origem de tão delicioso conto vem desde a antiguidade. Apuleio aponta-o no seu famoso livro "Metamorfose" cujo resumo é o seguinte: O oráculo obriga um rei a abandonar a sua filha mais nova e mais bonita num lugar isolado, perdido num bosque e fá-lo por processo sobrenaturais. Ali encontra um Palácio suntuoso e estranho onde é recebida e tratada por seres fantásticos. Um ente invisível apaixona-se e quer que ela seja sua espôsa, mas com a condição que não olhe para êle, apesar de a menina pedir insistentemente para lhe consentir. Saudades da Família e êle acaba por permitir que visite seus Pais e Irmãs. Na casa paterna as irmãs tentam convencê-la a não fazer caso das ordens recebidas, etc., etc.

Não posso alongar-me como desejaria. No entanto esta descrição de Apuleio, é o célebre episódio dos amores de Cupido e Psiquê aos quais se refere Carrasco na Mitologia Universal: "A idéia fundamental da fábula de Psiquê é baseada em duas alegorias: a beleza da

alma, rival da do corpo, inspira o amor mais terno e vivo e a curiosidade temerária que trata de aprofundar os mistérios para além dos limites da natureza humana".

Vai ver-se agora que há afinidade, melhor, identidade, entre o conto popular francês e outros contos populares de mais países e muito especialmente com o de Portugal.

No prefácio do notabilíssimo livro de Adolfo Coelho "Contos Populares Portugueses", de 1879, pode ler-se o seguinte: O "Conto da Bela-Menina" apresenta analogias tão íntimas com o conto de "La Belle et la Bête" redigido em francês por Madame de Beaumont e publicado em Paris em 1806, e traduzido mais de uma vez em português, que nada há mais natural do que pensar que a forma por nós publicada deriva dessa fonte literária.

Os célebres irmãos Grimm encontraram o mesmo conto na Alemanha. Também na Grécia, na Itália e na Espanha há versões iguais ou muito semelhantes, o que leva Adolfo Coelho a retificar a opinião inicial declarando que afinal de contas "há vários pontos em que a nossa versão do Minho se afasta de Mme. de Beaumont, aproximando-se de algumas das outras versões, o que prova que não deriva daquela".

Meu querido amigo e sábio Prof. Dr. Luís da Câmara Cascudo, informou que há uma versão brasileira intitulada "A Bela e a Fera" e mais diz que existem variantes nórdicas como a da "Bela e a Fera" na linda história "Da Terra a leste do Sol e a oeste da Lua". Como se vê a universalidade dêste conto é indiscutível.

Aurélio M. Espinosa nos seus famosos "Cuentes Populares Españoles" lá tem "La Fiera del Rosal" e declara ser "bem conhecida na tradição da Europa".

Em Portugal conheço duas versões: uma intitulada a "Bela Menina" idêntica à francesa "A Bela e o Monstro" e à espanhola "A Fera do Rosal", à alemã, à grega e à italiana.

E outra de fundo trágico "A Menina e o Bicho" que vem incluída nos "Contos Portugueses" de Consiglieri Pedroso.

No primeiro, o beijo duma linda rapariga transforma o bicho repelente num maravilhoso príncipe. Quebrou-se o encanto e o par vai viver feliz num país de sonho no qual o Príncipe será rei.

Na segunda, por maldade das irmãs não pôde regressar ao palácio, a tempo de quebrar o encanto do monstro, assistiu à sua morte e à sua maldição. O bicho morre e a donzela nunca mais tem um momento de felicidade. A dor foi tamanha que não pôde resistir e poucos dias lhe sobrevive.

Vou contar a história da "Bela Menina" e vão apreciar um conto que não é francês, porque pertence a tôda a Europa e quem sabe se a todo o mundo.

No entanto a tragédia marítima, o drama que provoca o início

do conto, talvez se possa filiar na História Trágico-Marítima. A parte derradeira do conto é feliz, acaba pela vitória do amor, da ternura e do carinho. Um simples beijo quebra um encanto que parecia não ter fim.

Eis a história da

"BELA MENINA"

Era uma vez um homem que vivia numa cidade e trazia navios no mar. Vivia feliz e próspero, até que um dia um temporal feroz meteu-lhe no fundo todos os barcos, e da riqueza que possuía ficou quase nada.

Como a miséria lhe batesse à porta e não pudesse continuar a vida que até aí fazia, resolveu retirar-se com a família para uma aldeia distante onde tinha uma casinha modesta e um pequeno quintal.

A mulher e a filha mais nova aceitaram resignadamente porque compreenderam a difícil situação. Mas as outras duas filhas ficaram furiosas e não aceitaram a bem, deixar a opulência pela miséria. Mas ao cabo tiveram de obedecer.

A mais nova encarou alegremente a vida de aldeia. Cantava e ria e trabalhava muito. Era o anjo do lar. Cosinhava, lavava a roupa e esfregava o chão. As outras tratavam-na como se ela fosse uma simples criada. Não faziam nada e passavam o tempo a lamentar a sua triste sorte.

Uma bela manhã o Pai teve uma notícia que o encheu de satisfação. Informaram-no que os navios que tinham sido dados como naufragados, afinal de contas estavam a chegar ao porto.

Imediatamente se pôs a caminho da cidade. Antes de partir porém, as duas filhas mais velhas rogaram-lhe que lhes comprasse lindos vestidos, chapéus e sapatos.

A mais nova pediu, apenas, que lhe trouxesse uma linda rosa vermelha.

O Pai chegou à cidade e verificou que infelizmente não eram verdadeiras as notícias recebidas e resolveu regressar à aldeia torturado pela sua desgraça.

Pelo caminho, quando atravessava um monte, anoiteceu. Desorientado perdeu-se. Ao longe, viu uma luzinha a brilhar e dirigiu-se para lá. Encontrou um maravilhoso Palácio e, como a porta estivesse aberta, resolveu entrar. Viu uma lindíssima sala de jantar com a mesa posta e cheia das melhores iguarias. Como tinha fome comeu e bebeu; quando se ia a levantar e preparar-se para partir ouviu um ruído forte e uma voz estranha que lhe deu as boas-noites. Era um bicho enorme e repelente que o fez estremecer de medo. Pediu que não lhe fizesse mal porque apenas tinha jantado em virtude de ter muita fome e não encontrar por aqueles sítios pousada que lhe desse de comer e de dormir.

O bicho concordou e permitiu que se fosse deitar oferecendo-lhe um riquíssimo apousento.

No dia seguinte, mal rompeu a madrugada, preparava-se para sair, quando o Pai viu um maravilhoso jardim com lindíssimas rosas. Lembrou-se do pedido da filha mais nova, da "Bela-Menina", e cortou uma rosa vermelha.

Neste segundo saltou-lhe furioso o "Bicho" que tinha fala de gente, e gritou: Ah! ladrão que me roubas-te a mais linda rosa em troca da generosidade que tive para contigo! Vou matar-te. E o homem, mais branco que a cal da parede, pediu desculpa e confessou que fez mal.

Explicou que não podendo levar nada às outras filhas porque não tinha dinheiro, ao menos oferecia à mais nova a flor que ela lhe tinha pedido.

Bem, respondeu o Bicho, dou-te a vida em troca da "Bela-Menina". Traz-me quanto antes melhor porque senão morrerás!

O Pai chegou a casa mais morto do que vivo.

A "Bela-Menina" mal viu a lindíssima rosa vermelha ficou tão contente que não sabia como agradecer. Mas o Pai quando disse o preço da flor chorou convulsivamente. A filha mais nova, perante o espanto de todos, declarou que queria ir ver imediatamente o "Bicho". O Pai levou-a ao Palácio, apresentou-a ao Monstro e não teve outro remédio senão deixá-la ficar.

Um dia o "Bicho" disse à "Bela-Menina": A tua irmã mais velha vai casar. Queres vê-la? Quero. Ela foi e voltou ao fim de três dias como estava combinado.

Tempos depois a outra irmã também ia casar e a "Bela-Menina" pediu-lhe que a deixasse ir assistir à cerimónia, que no tempo combinado regressaria. Assim prometeu e assim cumpriu.

Mais tarde soube que o Pai estava doente e disse: Ó meu Bichinho, tu não me deixas ir ver meu pai que morre de saudades minhas?

Eu deixava-te ir, mas tu se não voltares quem morre sou eu!

Sossega que regressarei no prazo prometido. Mas infelizmente não pôde, chegou fora do tempo marcado e encontrou o bicho estendido no chão quase morto. Ficou tã triste que desatou a chorar, dizendo: Ai meu querido Bichinho, eu gosto tanto de ti. Agarrou-se a ele e deu-lhe um beijo. Neste mesmo segundo o Bicho horrendo transformou-se num belo rapaz.

Era um príncipe encantado que por obra e graça dum beijo duma linda rapariga quebrou o seu triste fado. Casou com a "Bela-Menina" e voltou ao seu Reino onde viveram muitos anos e sempre felizes.

Este conto tem a seguinte moralidade: Não há fealdade física, por muito medonha que seja, que uma alma pura e superior não a embeleze e transfigure!

7º CONGRESSO DE MONOGRAFIAS SÔBRE O FOLCLORE NACIONAL

De ordem do Sr. Secretário de Educação e Cultura, faço público que se acha aberto, a partir desta data até 31 de outubro de 1952, o 7º Concurso de Monografias Folclóricas instituido pelo Departamento de Cultura, através da secção da Discoteca Pública Municipal, afim de incentivar os estudos do folclore nacional e a consequente formação de bibliografia sôbre o assunto. O Concurso obedecerá às seguintes normas:

1a.) — As monografias versarão sôbre qualquer aspecto do folclore nacional. Deverão ser inéditas, na lingua do país;

2a.) Sòmente serão levadas em consideração as monografias que representem o resultado de pesquisas pessoais, feitas pelos seus autores em campo. Entretanto, poderão ser aceitos, a título excepcional e de acôrdo com a deliberação do júri, trabalhos que, embora não satisfazendo essa exigência, revelem pontos de vista originais na interpretação de dados obtidos em livros sôbre o folclore brasileiro;

3a.) — As obras apresentadas a concurso deverão ter o mínimo de 30 páginas em formato papel ofício, dactilografadas de um só lado, com dois espaços, em três vias;

4a.) — Os autores deverão assinar os trabalhos e acompanhá-los da indicação de residência;

5a.) — Cada concorrente poderá apresentar apenas uma monografia;

6a.) — Salvo a exceção indicada no parágrafo 1º desta cláusula, poderão concorrer todos os brasileiros natos ou naturalizados e os estrangeiros radicados no país;

§ 1º — Não poderão concorrer a cada concurso os autores que nos dois concursos anteriores obtiveram 1º e 2º prêmios;

7a.) — Os trabalhos serão julgados por uma comissão composta de três especialistas (estudiosos do folclore). A comissão poderá ser assessorada por outros especialistas que ela mesma escolherá, caso julgue essa medida necessária para melhor apreciação dos trabalhos apresentados, quando êstes versarem assuntos

que constituam, por assim dizer, uma sub-especialização no campo dos estudos folclóricos ou exijam conhecimento minucioso de certas disciplinas intelectuais e de certas técnicas, por ex.: música, artes plásticas, linguagem, medicina, etc:

8a.) — Caberá à Comissão Julgadora, a seu critério, o direito de:

a) — anular êste Concurso, por considerar os trabalhos não merecedores dos prêmios;

b) — conferir apenas os prêmios que julgar passíveis de distribuição;

c) — eliminar os candidatos que não cumprirem as exigências dêste edital;

9a.) — A Comissão deverá apresentar o resultado do julgamento no máximo até 15 de dezembro de 1952.

10.) — Serão conferidos os seguintes prêmios:

Um 1º prêmio, não desdobrável, de Cr$ 25.000,00

Um 2º prêmio, não desdobrável, de Cr$ 15.000,00

Um 3º prêmio, não desdobrável, de Cr$ 10.000,00

1a., 2a. e 3a. menções honrosas;

11a.) — O Departamento de Cultura fará publicar na Revista do Arquivo Municipal, as monografias premiadas. Do primeiro, segundo e terceiro prêmios, bem como das três menções honrosas, será feita separata de 500 exemplares, tendo os autores direito a cem. Dos trabalhos não premiados, o júri poderá classificar até cinco para publicação na Revista do Arquivo;

12a.) — A Discoteca Municipal ficará de posse de duas vias dos trabalhos premiados e uma via dos não premiados; os restantes serão devolvidos aos seus autores;

13a.) — Os trabalhos deverão ser enviados à Discoteca Pública Municipal do Departamento de Cultura de São Paulo, à avenida Brigadeiro Luís Antônio, 278, 7º andar.

14.) — Pela apresentação dos trabalhos entende-se que os concorrentes aceitam tôdas as cláusulas dêste edital.

ONEYDA ALVARENGA — Chefe da Discoteca Pública Municipal.

FRANCISCO PATI — Diretor do Departamento Municipal de Cultura.

CURSO DE EXPANSÃO CULTURAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DE SANTA CATARINA

Com grande brilho inaugurou-se a 24 de maio o Curso de Expansão Cultural da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, que tem como Presidente o Exmo. Sr. Almirante Carlos da Silveira Carneiro, como Secretário o jornalista Zedar Perfeito da Silva e como Diretor o Professor Carlos da Costa Pereira. Com a quasi totalidade dos inscritos, cujo número ascendia a 300, numerosos convidados, autoridades e público foi inaugurado o Curso pelo seu Presidente, que proferiu eloquente oração, não só tratando da finalidade do curso como ainda apresentando o conferencista da aula inaugural que foi Sua Excelência o Senhor Professor Lucas Nogueira Garcez, Professor da Universidade de São Paulo e Governador do grande Estado bandeirante.

O Prof. Nogueira Garcez dissertou brilhantemente sôbre o tema "O engenheiro -sanitarista e os problemas de Saúde Pública", tendo a numerosa assistência aplaudido demoradamente o insigne homem de ciência.

A sessão inaugural foi presidida pelo Senhor Irineu Bornhausen, DD. Governador do Estado.

A segunda conferência realizou-se a 7 de junho, também com grande comparecimento, pelo nosso eminente confrade e ilustre geógrafo Dr. Vitor Peluso Júnior, Diretor do Departamento de Geografia do Estado que dissertou com brilho invulgar sôbre "O relêvo do sólo catarinense". Foi seu apresentante o Dr. João Moritz presidente da Associação Catarinense de Engenheiros, que o fez em eloquentes e merecidas palavras.

Presidiu a sessão o sr. Des. Henrique Fontes, dd. Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

Ainda pronunciarão conferências no Curso de Expansão Cultural os Srs. Professores Pedro Calmon, Peregrino Júnior, Ministro Nelson Hungria, Josué de Castro, Almirante Carlos da Silveira Carneiro, Augusto Frederico Schmidt, Almirante Alvaro Alberto, Fernando de Azevedo, Professor Lourenço Filho, Ministro Oswaldo Aranha e Oswaldo R. Cabral.

HERMÍNIO MILLIS

Quando o nosso número anterior já estava circulando chegou-nos a notícia do passamento, na cidade de Pôrto-União, nêste Estado, do nosso confrade Hermínio Millis.

Apaixonado das coisas catarinenses a sua prestimosa colaboração não nos faltou. E êste "Boletim" foi agraciado com a sua erudita achêga.

Pertencente à várias associações culturais foi, sempre, um batalhador das boas causas.

Ao registrarmos esta sentida perda para as letras catarinenses, reafirmamos à sua Exma. Família o nosso pezar.

O dep. Oswaldo Cabral recebeu da diretoria do I. B. E. C. C. o seguinte telegrama:

"A Diretoria do I. B. E. C. C. na sua reunião de ontem recebeu o último número do Boletim dessa Comissão de Folclore e inseriu em ata um voto de louvor a Vossa Excelência e aos seus colegas por essa magnífica publicação a que junto minhas sinceras congratulações. Atenciosas saudações. LOURENÇO FILHO, Presidente do I. B. E. C. C.".

—o—

BOLETIM FOLCLÓRICO DE SANTA CATARINA

Sob o título acima, o nosso confrade da Comissão Gaúcha de Folclore, Aldo Obino, no tradicional "Correio do Povo", da cidade de Pôrto Alegre, de 25 de maio pp., em sua coluna "Notas de Arte", publicou a seguinte referência a êste "Boletim":

"Temos em mão o exemplar de março de 1952 da incomparável revista folclórica animada em Florianópolis. A modelar publicação de que Oswaldo Cabral é a alma mater e de que Walter Piazza é o incansável cooperador reaparece com temário múltiplo, desde o problema da cadeira de folclore nas faculdades de filosofia do País, ao folclore dos barrigaverdes, com ótimas colaborações, além de pareceres e da projeção pelo folclore nacional, bem como o folclore de outras terras. Encontramos trabalhos apreciáveis sôbre falares catarinenses, cerâmica popular, calungas de barro cozido, vocabulário de consultório, batizados e casamentos, o campeio, giria lusa e muita coisa mais, o que forma um rico acervo ao patrimônio em progressão dessa revista, que fixa vivos noticiários, congressos e reuniões, o que dizem dêles, o que recebem e agradecem, além de ilustrações pitorescas".

M. Macedo — **Lira de um Picoense.**

Tullió Andrade — **Cartas do meu Sentir.**

Zedar P. Silva — **Nem tudo está perdido** (2ª. Edição).

Verissimo de Melo — **Curiosos aspectos da Poesia Tradicional.**

Oreste Plath — **Santuário y Tradición do Andacollo.**

Oreste Plath — **Museos y Aspectos del Folklore en el Brasil.**

Jacobo Danke — **Hatusimé!**

Marisa Lira — **Circulo Folclórico Luso-Brasileiro do Liceu Literário Português.**

Fermin Alfredo Anmlaz — **Folklore Argentino.**

Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira (9º Vol.).

Revista do Arquivo Municipal de S Paulo (3 vols.).

Investigações — N. 36.

Folclore — **Boletim da Comissão Espirito-Santense de Folclore** (n. 13/15).

Folclore — **Boletim da Comissão Paulista de Folclore e do Centro de Pesquisas Folclóricas Mário de Andrade** (n. 1).

Dours-Literal — 4ª. Série — Vol. VII e VIII.

COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

Relação dos membros efetivos

Nomes	Endereço
Oswaldo R. Cabral, (Secretário Geral)	R. Esteves Júnior, 138
Almiro Caldeira de Andrada. (Sub-Secretário)	Av. Hercílio Luz, 127
Walter F. Piazza (Tesoureiro)	Av. Hercílio Luz, 66
Altino Flores	R. Feliciano Nunes Pires, 4
Alvaro Tolentino de Souza	R. Vidal Ramos, 50
Antônio Taulois de Mesquita	R. Esteves Júnior, 116
Aroldo Caldeira	R. Brigadeiro Silva Pais
Bento Aguedo Vieira	R. Crispim Mira, 89
Carlos Büchele Júnior	Dep. de Geogr. e Cartografia
Carlos da Costa Pereira	R. Anita Garibaldi
Custódio F. de Campos	Av. Mauro Ramos, 154
Doralécio Soares	Rua Major Costa, 28
Elpídio Barbosa	Av. Hercílio Luz, 131
Emanuel Paulo Peluso	R. Dorval M. de Sousa, 31
Henrique da Silva Fontes	Av. Trompowsky, 14
Henrique Stodieck	R. Saldanha Marinho, 30
Hermes Guedes da Fonseca	Assembléia Legislativa
Jaldir Faustino da Silva	Av. Mauro Ramos
Ildefonso Juvenal	R. Aracy Vaz Callado s/n.
João A. Sena	R. D. Jaime Câmara, 37
João Crisóstomo de Paiva	R. 24 de Maio, 467 — Estreito
João dos Santos Areão	R. D. Jaime Câmara, 11
José Cordeiro	R. Rafael Bandeira, 35 A
Lídio Martinho Calado	R. Alves de Brito
Martinho de Haro	R. Altamiro Guimarães
Manoel Soares de Azevedo Maia	R. Conselheiro Mafra, 93
Nereu Corrêa	R. D. Jaime Câmara
Osvaldo F. de Melo (filho)	Travessa Urussanga, 6
Othon d'Eça	Av. Mauro Ramos, 120
Percival Calado Flores	R. Feliciano Nunes Pires, 4
Plínio Franzoni Júnior	R. Delminda Silveira, 173
Pedro José Bosco	Rua Lajes, 60
Roberto Lacerda	Dep. Estadual de Estatística
Romeu Sebastião Neves	Rua Lauro Linhares
Victor A. Peluso Júnior	Dep. de Geogr. e Cartografia
Walter Tenório Cavalcanti	Assembléia Legislativa
Wilmar Dias	R. Esteves Júnior, 47

COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

Relação dos Representantes Municipais

Nomes	Municípios
Acílio A. Pereira Pires	Gaspar
Alírio Barreto Bossle	Palhoça (Sto. Amaro)
Antônio Dias	Brusque
Antônio Nunes Varela	Joaçaba
Aroldo Carneiro de Carvalho ...	Canoinhas
Estevão Juk	Pôrto União
Euclides José Felipe	Curitibanos
Francisco Machado de Souza	S. Francisco do Sul
Jefferson Davis de Paula	Jaraguá do Sul
João Reitz (Cônego)	Araranguá (Sombrio)
Lupércio Lopes	Palhoça
Neusa Nunes	Tubarão
Norberto Bachmann	Joinvile
Norberto Silveira Júnior	Itajaí
Otaviano Ramos	São José
Orlando Ferreira de Melo	Blumenau
Osias Guimarães	Blumenau
Plácido Gomes	Joinvile
Rogério Fagundes	Campos Novos
Romeu Bolteux Piazza	Nova Trento
Ruben Ulisséa	Laguna
Tarcísio Marchiori (Padre)	Tijucas
Teobaldo Costa Jamundá	Indaial
Teófilo Matos	São Joaquim

COLABORADORES

Nacionais:

Acilio Acacio Pereira Pires
Adão Carrazoni
Almiro Caldeira de Andrade
Alceu Maynard Araujo
Alvaro Tolentino
Pe. Alvino Bertoldo Braun, S. J.
Altair Mazon
Bento Aguedo Vieira
Custódio F. de Campos
Carlos da Costa Pereira
Domingos Vieira Filho
Elisiário Pereira
Euclides J. Felipe
Pe. Evaldo Pauli
Eduardo Campos
Eustorgio Wanderley
Florival Seraine
Fausto Teixeira
Francisco Machado de Souza
Hermínio Millis
Henrique da Silva Fontes
Hildegardes C. Vianna
Horácio Paz
Hermógenes Lima Fonseca
Ildefonso Juvenal
Jaime Mazon
Jefferson Davis de Paula
João Dornas Filho
João dos Santos Areão
Pe. João Reitz
Jorge de Lacerda
José Jorge
José de Lima
Lucas A. Boiteux
Luiz Alipio de Barros
Luiz R. de Almeida
Maria de Lourdes Henriques
Mariza Lira
Mario Campos Birnfeld
Neusa Nunes
Orlando F. de Melo
Oswaldo Melo Filho
Othon D'Eça
Otávio Silveira
Plácido Gomes
Renato Almeida
Renato José da Costa Pacheco
Rossini Tavares de Lima
Ruben Ulisseia
Rui Vieira da Cunha
Saul Martins
Silveira Junior
Teobaldo C. Jamundá
Téo Brandão
Tassilo Spalding
Urbano V. Gama Salles
Veríssimo de Melo
Vitor Peluso Jr.
Walter Spalding
Zedar Perfeito da Silva

Estrangeiros:

Antonio Castillo de Lucas — Espanha
Augusto C. Pires de Lima — Portugal
F. Carreiro da Costa — Açôres
Fernando de Castro Pires de Lima — Portugal
Jorge Ramos — Portugal
Felix Colluccio — Argentina
Manoel José de Andrade — S. Domingos
Tobias Rosenberg — Argentina
Wilhelm Giese — Alemanha

A remessa do Boletim será suspensa a quem não acusar o seu recebimento.

Correspondência para Rua Esteves Júnior, 138.